



INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS CAMPO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA

ROSIANE BORGES DE CARVALHO LEMOS

A MONITORIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA:
CONTRIBUIÇÕES PARA O SEU ENTENDIMENTO POR MEIO DE UM MANUAL
INTERATIVO

CAMPO GRANDE – MS

2022

ROSIANE BORGES DE CARVALHO LEMOS

**A MONITORIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA:
CONTRIBUIÇÕES PARA O SEU ENTENDIMENTO POR MEIO DE UM MANUAL
INTERATIVO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Dr. Claudio Zarate Sanavria

CAMPO GRANDE – MS

2022

L557m	Lemos, Rosiane Borges de Carvalho A monitoria na Educação Profissional e Tecnológica: contribuições para o seu entendimento por meio de um manual interativo / Rosiane Borges de Carvalho Lemos. – Campo Grande-MS, 2022. 153 f. : il. ; 29 cm. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal de Mato Grosso do Sul-IFMS, Campus Campo Grande, 2022. Orientador: Prof. Dr. Claudio Zarate Sanavria. Inclui apêndice. Inclui referências. 1. Monitoria de ensino. 2. Produto educacional. 3. Permanência e êxito. I. Sanavria, Claudio Zarate. II. Instituto Federal de Mato Grosso do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica. III. Título. CDD 23. ed. 373.246
-------	---

ROSIANE BORGES DE CARVALHO LEMOS

**A MONITORIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA:
CONTRIBUIÇÕES PARA O SEU ENTENDIMENTO POR MEIO DE UM MANUAL
INTERATIVO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovada em 23 de maio de 2022.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Claudio Zarate Sanavria
Instituto Federal de Mato Grosso do Sul - IFMS
Orientador

Prof.^a Dr.^a Célia Regina de Carvalho
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Prof. Dr. Dante Alighieri Alves de Mello
Instituto Federal de Mato Grosso do Sul - IFMS

ROSIANE BORGES DE CARVALHO LEMOS

MONITORIA: PERMANÊNCIA E ÊXITO EM AÇÃO

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Validado em 23 de maio de 2022.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Claudio Zarate Sanavria
Instituto Federal de Mato Grosso do Sul - IFMS
Orientador

Prof.^a Dr.^a Célia Regina de Carvalho
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Prof. Dr. Dante Alighieri Alves de Mello
Instituto Federal de Mato Grosso do Sul - IFMS

Ao Ricardo Lemos, marido e amigo, que me conduziu às margens do rio.

À Izabel Valdes, amiga de trabalho, que me disse: nade.

À Thais Pereira, amiga de todos os momentos, que ao descobrir que o nado não era minha especialidade, construiu um barquinho, entregou-me um remo e juntas fizemos a travessia.

À Elenir Borges, minha mãe, que me ensinou o verdadeiro sentido de uma monitoria: aprendizagem, desenvolvimento, permanência e conquista.

À Raisa e Rachel, minhas filhas, que me ensinam diariamente que juntas somos mais felizes.

Ao Ricardo Neto, meu netinho, que chegou no meio da tempestade trazendo a calma.

AGRADECIMENTOS

[...]. No passado e no presente, no agora e no amanhã, não derrotamos o esplendor da vida, do depois, do depois do depois, do depois do depois do depois. Se até o azul do mar é plural, esbatido pela agitação das vagas e ondas feitas em ironia circular por tonalidades de azuis desiguais, nada é impossível até acontecer.

Hoje, ao refletir sobre esses versos de Norma Pott, compreendi que nada é impossível até acontecer, mas é preciso enfrentar ondas, tempestades e, até mesmo, momentos de calmaria, para chegar a um bom porto, um porto seguro. A minha travessia, direta ou indiretamente, tornou-se possível porque estiveram comigo vocês:

Elenir, Edson, Rosimeiry e todos da família Carvalho. Ricardo, Raísa, Rachel, Ricardo Neto e todos quem fazem parte da família R. Airton, Mara, Paulo, Divina e todos da família Lemos. Minha eterna mestra Lia Mara Malinski. Minhas amigas Ângela Zamai, Tânia Monteiro e Carlota Alencar. Minha tia Norma. Minha secretária Marineide Moura. Minha instrutora Adriana Gattis. Izabel Valdes, Danilo Silva, Paulo Silva, Cibele Arevalo, Said Adi, Nahri Moreano e todos da família Facom. Thais, Geni, Tomaz, Hugo, Cintia e todos da turma ProfEPT/IFMS 2019.

Agradeço ao meu orientador, professor Claudio, principalmente, por dizer constantemente: “Estamos no caminho. Estamos no caminho. Chegamos!”

Aos membros da banca, pelos apontamentos e contribuições durante o exame de qualificação, bem como pelo incentivo.

À Raquel Isaias (IFMS), pela disponibilidade, receptividade e generosa contribuição.

Especialmente, aos monitores e docentes que, gentilmente, aceitaram o convite para participar desta pesquisa.

À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), pela oportunidade oferecida.

A todos que estiveram comigo, principalmente Ele, muito obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa, que se insere na linha de pesquisa “Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT)”, dentro do macroprojeto “Propostas metodológicas e recursos didáticos em espaços formais e não formais de ensino na EPT”, teve como objeto de estudo o Programa de Monitoria do IFMS – ação integrante do Programa de Permanência e Êxito dos Estudantes do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul – entendido como uma ferramenta de apoio pedagógico que visa à melhoria do processo de ensino e aprendizagem. Nesse contexto, tomamos como objetivo geral analisar as concepções de docentes e estudantes quanto ao papel da monitoria no processo de permanência e êxito no âmbito da educação integrada do IFMS, a partir da aplicação de um manual interativo. Para o alcance do objetivo geral estabelecemos como objetivos específicos: 1) Compreender o atual contexto de execução do Programa de Monitoria do IFMS; 2) Evidenciar a visão de estudantes e docentes quanto aos objetivos do Programa de Monitoria e suas relações com a permanência e êxito; 3) Desenvolver um manual como produto educacional que permita o contato com informações essenciais ao programa e a interação entre os seus participantes; 4) Analisar os elementos do manual que contribuam para um melhor entendimento do Programa de Monitoria do IFMS e seus objetivos. Para a compreensão das relações e práticas desenvolvidas nas atividades de monitoria, tivemos como referência estudos na perspectiva da teoria histórico-cultural, principalmente, alguns conceitos centrais da obra de Vigotski, como Conceitos Científicos e Espontâneos, Zona de Desenvolvimento Iminente, Imitação e Sentido e Significado. Adotamos uma investigação de abordagem qualitativa, de natureza aplicada e com objetivos descritivo-explicativos. Estabelecemos como instrumentos de coleta de dados o levantamento documental, o levantamento bibliográfico e a entrevista semiestruturada pré e pós aplicação do manual com os monitores e docentes orientadores dos cursos de ensino médio integrado de Informática, Eletrotécnica e Mecânica e dos cursos superiores de Tecnologia em Sistemas para Internet e Engenharia Mecânica do IFMS, Campus Campo Grande. Desenvolvemos, aplicamos e analisamos o produto educacional para complementar o Programa de Monitoria, proporcionando informações relevantes acerca das normas e procedimentos institucionais que disciplinam o funcionamento do programa e, também, provocando reflexões sobre esse importante instrumento de permanência e êxito. Inicialmente, os resultados apontaram que a maioria dos sujeitos entendia a monitoria como uma atividade para dirimir dúvidas dos estudantes. Após a leitura do manual interativo, verificamos que houve uma ampliação nas concepções dos participantes sobre a monitoria, havendo um acréscimo ao seu entendimento anterior de que ela é um instrumento de apoio à permanência e êxito dos estudantes, pois contribui com a aprendizagem dos estudantes e enriquece a formação do monitor. Também denotaram a compreensão de que tal ação pode ser acolhimento; contribui, em maior ou menor grau, com todos os atores envolvidos; possibilita transformações sociais; e pode ser, ainda, uma atividade de pesquisa. Confirmamos, assim, que a carência de informação, de divulgação ou de ausência de materiais que contribuísse para o entendimento da monitoria como uma ferramenta de apoio para a permanência dos estudantes estava limitando as concepções dos participantes. A partir dos resultados, apontamos como pressupostos: a necessidade de um trabalho anterior à seleção dos monitores, levando-os a compreender em maior profundidade o Programa de Monitoria; a formação dos monitores para além das questões operacionais; e a importância de um material instrucional que forneça as informações de maneira dinâmica e numa linguagem acessível ao seu público.

Palavras-chave: Monitoria de ensino; Produto educacional; Permanência e êxito; ProfEPT; Vigotski.

ABSTRACT

This research, which is part of the research line “Educational Practices in Professional and Technological Education (EPT)”, within the macro-project “Methodological proposals and didactic resources in formal and non-formal teaching spaces in EPT”, had as object of study the IFMS Monitoring Program – an action that is part of the Program for Permanence and Success of Students of the Instituto Federal de Mato Grosso do Sul – understood as a pedagogical support tool that aims the improvement of teaching and learning process. In this context, we took as a general objective to analyze the conceptions of teachers and students regarding the role of monitoring in the process of permanence and success in the scope of integrated education of the IFMS, based on the application of an interactive manual. In order to reach the general objective, we established as specific objectives: 1) Understand the current context of execution of the IFMS Monitoring Program; 2) Evidencing the vision of students and professors regarding the objectives of the Monitoring Program and its relations with permanence and success; 3) To develop a manual as an educational product that allows contact with essential information about the program and the interaction between its participants; 4) Analyze the elements of the manual that contribute to a better understanding of the IFMS Monitoring Program and its objectives. To understand the relationships and practices developed in the monitoring activities we had as reference studies from the perspective of the cultural-historical theory, especially, some central concepts in Vygotsky's work, such as Scientific and Spontaneous Concepts, Zone of Imminent Development, Imitation and Sense and Meaning. We adopted an investigation with a qualitative approach, of an applied nature and with descriptive-explanatory objectives. We established as data collection instruments the documentary survey, the bibliographic survey and the semi-structured interview before and after the application of the manual with the monitors and guiding professors of the integrated high school courses of Informatics, Electrotechnics and Mechanics and of the superior courses of Technology in Systems for Internet and Mechanical Engineering at IFMS Campus Campo Grande. We develop, apply and analyze the educational product to complement the Monitoring Program, providing relevant information about the institutional norms and procedures that regulate the functioning of the program and, also, provoking reflections on this important instrument of permanence and success. Initially, the results showed that most subjects understood monitoring as an activity to resolve students' doubts. After reading the interactive manual, we found that there was an expansion in the participants' conceptions about monitoring, with an addition to their previous understanding that it is an instrument to support the permanence and success of students, as it contributes to student learning and enriches the training of the monitor. They also denoted the understanding that such action: can be welcoming; contributes, to a greater or lesser extent, to all the actors involved; enables social transformations; and it can also be a research activity. We confirmed, therefore, that the lack of information, dissemination or absence of materials, which would contribute to the understanding of monitoring as a support tool for students' permanence, was limiting the participants' conceptions. Based on the results, we point out as assumptions: the need for a prior work before the selection of monitors, leading them to understand the Monitoring Program in greater depth; training of monitors beyond operational issues; and the importance of an instructional material that provides information dynamically and in a language accessible to its audience.

Keywords: Teaching monitoring; Educational product; Permanence and success; ProfEPT; Vigotski.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Primeiro exemplo de infográfico concebido para o manual.	64
Figura 2: Segundo exemplo de infográfico concebido para o manual.	65
Figura 3: Exemplo de uso de cartuns no manual.....	67
Figura 4: Exemplo de informações técnicas adaptadas para o manual.	68
Figura 5: Seções com informações adicionais.....	70
Figura 6: Nuvem de palavras abordando a adaptação do Regulamento do Programa de Monitoria no Manual Interativo.	114

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Relação entre objetivos, indicadores e instrumentos.....	50
Quadro 2: Perfil dos estudantes monitores participantes da pesquisa.	59
Quadro 3: Perfil dos docentes orientadores participantes da pesquisa.	60
Quadro 4: Detalhamento das seções do manual.	69
Quadro 5: Categoria dos conceitos iniciais sobre a monitoria.	73
Quadro 6: Categoria da finalidade e dos objetivos da monitoria.	75
Quadro 7: Categoria das competências do docente orientador.	77
Quadro 8: Categoria referente à relevância da Monitoria para permanência e êxito dos estudantes.	80
Quadro 9: Categoria das atividades desenvolvidas na monitoria.	84

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Categoria dos motivos para ser monitor.	94
Tabela 2: Comparativo quanto à categoria dos conceitos sobre a monitoria.....	99
Tabela 3: Comparativo quanto à categoria das competências do docente orientador.....	104
Tabela 4: Comparativo quanto à categoria referente à relevância da Monitoria para permanência e êxito dos estudantes.....	110

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEFET – Centros Federais de Educação Profissional e Tecnológica

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

IFMS – Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional

PEIPEE – Planejamento Estratégico Institucional de Permanência e Êxito dos Estudantes do Instituto Federal do Mato Grosso do Sul

PPEE – Programa de Permanência e Êxito dos estudantes do IFMS

PNEE – Pessoas com necessidades educacionais específicas

PROFEPT – Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

SUAP – Sistema Unificado de Administração Pública

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
2.1 Educação Profissional Tecnológica no Brasil: lutas, desafios e possibilidades	20
2.2 Monitoria, permanência e êxito: aspectos, históricos, conceituais e suas perspectivas	23
2.2.1 Contextualização histórica da monitoria na educação.....	23
2.2.2 A Monitoria no atual contexto educacional	28
2.2.3 Reflexões sobre a monitoria à luz de Vigotski	29
2.2.4 A relevância da monitoria	38
2.2.5 A monitoria no IFMS	42
3 PERCURSO METODOLÓGICO	45
3.1 Caracterização da pesquisa.....	45
3.2 Etapas e instrumentos	48
3.2.1 Planejamento e levantamento bibliográfico e documental	48
3.2.2 Coleta de dados - Entrevistas com estudantes monitores e docentes orientadores	51
3.2.3 Análises dos dados.....	54
3.3 O <i>locus</i> e os participantes da pesquisa.....	55
4 O PRODUTO EDUCACIONAL: MANUAL MONITORIA – PERMANÊNCIA E ÊXITO EM AÇÃO	62
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	72
5.1 As concepções dos estudantes monitores e docentes orientadores sobre a monitoria: conhecimento e prática	72
5.1.1 As concepções pré-manual interativo	72
5.1.2 As concepções pós-manual interativo: <i>Manual Monitoria/ Permanência e êxito em ação</i>	98

5.2 Um olhar sobre o manual interativo, seus pressupostos e características	112
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	135
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista com o monitor pré-manual	147
APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com o docente orientador pré-manual	149
APÊNDICE C – Roteiro de entrevista com o monitor pós-manual	151
APÊNDICE D – Roteiro de entrevista com o docente orientador pós-manual.....	152
APÊNDICE E – Acesso ao Produto Educacional	153

1 INTRODUÇÃO

A história da Educação Profissional e Tecnológica no âmbito brasileiro é marcada pela dualidade entre a formação propedêutica, voltada aos que irão realizar atividades intelectuais, e a formação profissional, destinada aos que forem desempenhar atividades manuais. A partir da Constituição Federal de 1988, houve um intenso movimento em prol de uma educação que visava a integração entre a formação geral e profissional. Tal aspecto foi concretizado (em partes) após dezesseis anos, com muitas lutas, por meio do Decreto 5.154/04, abrindo a possibilidade legal para a integralização entre o Ensino Médio e a Educação Profissional. Uma formação que integre, de fato, as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura em um único currículo (RAMOS, 2014).

Por conseguinte, em 2008, foi instituída a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, criando os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, que surgiram com um novo conceito de educação profissional e tecnológica, a partir de seu compromisso com a promoção de um ensino voltado à integração e à verticalização da educação básica à educação profissional e educação superior, objetivando a transformação da sociedade por meio de uma educação crítica, reflexiva e emancipatória (BRASIL, 2008).

O foco dos Institutos Federais é a promoção da justiça social, da equidade, do desenvolvimento sustentável com vistas à inclusão social, bem como a busca de soluções técnicas e a geração de novas tecnologias. Essas instituições devem responder, de forma ágil e eficaz, às demandas crescentes por formação profissional, por difusão de conhecimentos científicos e de suporte aos arranjos produtivos locais. (PACHECO, 2011, p. 49).

Como podemos observar, os Institutos representam uma proposta diferenciada em termos de educação profissional e tecnológica, propondo uma formação integrada que visa romper a dicotomia trabalho manual e trabalho intelectual. Propõem-se como centros irradiadores de boas práticas educativas. Apesar de seus excelentes propósitos, enfrentam também alguns problemas educacionais como a evasão e retenção.

A evasão e a retenção escolar constituem um problema preocupante na Educação Profissional e Tecnológica, conforme os relatórios constantes no Planejamento Estratégico Institucional de Permanência e Êxito dos Estudantes do Instituto Federal do Mato Grosso do Sul - PEIPEE. Tais documentos mostram, ainda, que dentre os fatores que influenciam para essa problemática situação estão: a dificuldade pessoal de adaptação à vida estudantil; a falta de habilidades de estudo ou falta de hábitos de estudo; a dificuldade relativa à formação escolar anterior (falta de conteúdos); a didática dos professores em sala de aula; as

reprovações constantes; a dificuldade de adaptação à organização didático-pedagógica; a desmotivação para os estudos, de um modo geral; a dificuldade financeira, que dificulta a permanência do estudante no instituto para atendimento individualizado; a falta de apoio da família, dentre outros (PEIPEE, 2019-2023). Segundo Dore *et al.* (2014, p. 388), a evasão é “um fenômeno complexo, multifacetado e multicausal, atrelado a fatores pessoais, sociais e institucionais, que podem resultar na saída provisória do aluno da escola ou na sua saída definitiva do sistema de ensino”.

Percebemos, assim, que o acesso à educação pode propiciar, em um primeiro momento, a inclusão social, mas não garante a permanência e êxito dos estudantes. Kuenzer (2000) corrobora ao afirmar que a melhoria nos índices de atendimento não depende somente da expansão de vagas, mas também da diminuição da evasão e retenção. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS), preocupado com esses dados, instituiu o Programa de Permanência e Êxito dos estudantes do IFMS (PPEE). O Programa é “uma estratégia institucional de planejamento, execução e avaliação das ações e atividades que assegurem as condições de permanência e êxito dos estudantes matriculados no IFMS” (IFMS, 2019, p. 5).

Dos objetivos estabelecidos no PPEE, ressaltamos a identificação dos fatores relacionados à evasão e à retenção, a implantação de ações de intervenção sistêmica e institucional para enfrentamento das situações relativas aos fatores mais recorrentes de evasão e retenção e o apoio à implantação de ações preventivas e corretivas nos campi que disseminem a cultura de enfrentamento dos problemas relacionados ao baixo desempenho dos estudantes e à evasão nos cursos (IFMS, 2019). Por conseguinte, algumas ações foram implantadas (algumas acolhidas no PPEE, pois já estavam em andamento), tais como a Iniciação Científica e Tecnológica, Iniciação à Docência, Projetos de Extensão, Intercâmbios e Programa de Monitoria.

O Programa de Monitoria do IFMS, criado em 2014, tem como objetivo auxiliar estudantes com dificuldades no processo de ensino e aprendizagem e na organização dos estudos, dentro de um processo participativo e colaborativo que articule teoria e prática. Além disso, busca destinar aos estudantes, dentro das necessidades de formação, uma opção extra ao espaço de aprendizagem da sala de aula e, principalmente, apoiar as atividades que contribuam para o fortalecimento dos cursos ofertados pela instituição (IFMS, 2017).

Abro um parêntese, aqui, para relatar que a prática de monitoria está presente em minha vida desde as séries iniciais, quando, voluntariamente, me dispunha a auxiliar os professores com a aprendizagem dos alunos com dificuldades nas disciplinas, ou em

conteúdos específicos. Os anos foram passando, ora eu me encontrava auxiliando na aprendizagem de alguém, ora eu mesma precisava ser auxiliada. Ao concluir minha graduação em Pedagogia, a especialização escolhida foi Psicopedagogia, pois, como ocorrem as dificuldades de aprendizagem, bem como a aprendizagem em si, e a possibilidade de que um pequeno auxílio possa contribuir para o processo de ensino e aprendizagem, transformando vidas e a realidade social, continuavam a fazer parte de minha caminhada. Assim, na instituição onde trabalho, e não muito diferente, ao iniciar o mestrado, percebi que essas questões continuavam no centro de minha atenção. Por isso, meu olhar voltou-se para as questões da evasão e retenção sendo que, a partir delas, e com a ajuda do meu orientador, chegamos ao Programa de Monitoria.

Neste contexto, ao observarmos alguns programas de monitoria, algumas indagações surgiram: a) Monitores são preparados para desenvolver as atividades de monitoria? b) Como o estudante monitor entende a Monitoria? c) Como o docente entende a Monitoria e como percebe o monitor nesse contexto? d) O entendimento que monitores e docentes orientadores possuem sobre a Monitoria está contribuindo para a permanência e êxito dos estudantes?

Ao buscarmos respostas para tais indagações encontramos pouca produção científica sobre o tema, principalmente no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica, ou mesmo se tais programas são analisados nas instituições que os executam. O que encontramos foram afirmações de que a proposta do programa é uma excelente ferramenta de apoio pedagógico. No entanto, pode não estar sendo desenvolvido com todo o seu potencial, seja pela carência de informações, divulgação ou mesmo pela ausência de materiais que contribuam para seu entendimento como ferramenta de apoio para a permanência dos estudantes.

Entendemos que os problemas educacionais, como evasão e retenção, contribuem para o agravamento da exclusão social e para a persistência das desigualdades presentes em nossa sociedade. Desse modo, a educação tem responsabilidades no enfrentamento das condições que (re)produzem tais problemas. Segundo Ramos (2008), é preciso estar atento a que sociedade visamos quando educamos, aquela que exclui, discrimina, fragmenta os sujeitos, negando-lhes os direitos; ou aquela que inclui, reconhece a diversidade, valoriza os sujeitos e sua capacidade de produção de vida, assegurando-lhes os direitos sociais.

Freire (1999) recusava-se a aceitar o conceito de evasão, pois, para ele, a desistência da escola não acontece, simplesmente, por vontade própria do estudante, e sim por causa da estrutura da própria sociedade que, além de impor uma série de impasses e dificuldades ao acesso, cria também obstáculos para permanência na escola, impedindo, assim, que os

estudantes façam o percurso a que têm direito e negando-lhes a possibilidade de atuar como cidadãos plenos.

Não podemos negar que várias são as causas da evasão e da retenção escolar e que muitas se encontram na estrutura da própria sociedade, como situação econômica desfavorável, dificuldade para conciliar os estudos com o trabalho, falta de apoio familiar, entre outras. Além disso, temos os fatores presentes na escola, como mostram os relatórios do PEIPPE. Os fatores extraescolares existem e, segundo Patto (2015), não devem ser ignorados, mas os fracassos escolares, como evasão e retenção, devem ser enfrentados cotidianamente, pois constituem um problema pedagógico. “É no estudo do cotidiano da escola que vários autores têm apontado possibilidades concretas de transformação de suas práticas, como forma de enfrentamento do problema” (PATTO, 2015, p. 238).

Diante dessas inquietações, e por entendermos que a monitoria é uma ferramenta de apoio pedagógico por meio da qual docente, monitor e estudantes têm a oportunidade de sanar suas fragilidades e aprofundar conhecimentos, e que essa ferramenta pode contribuir para permanência do estudante na Educação Profissional Tecnológica, nasceu a proposta desta pesquisa, que consistiu em analisar as concepções de docentes e estudantes quanto ao papel da monitoria no processo de permanência e êxito no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) do IFMS Campus Campo Grande.

Partimos do pressuposto de que o Programa de Monitoria é uma excelente ferramenta de apoio pedagógico e, a partir disso, perguntamos: a compreensão que monitores e docentes orientadores possuem sobre a monitoria contribui para o desenvolvimento do programa em sua potencialidade? Assim, para buscarmos tal resposta e com o intuito de contribuir para o aprimoramento do programa, desenvolvemos e aplicamos como produto educacional um manual interativo em formato digital, utilizando infográficos. O manual, intitulado *Manual Monitoria – permanência e êxito em ação*, tem como objetivos: complementar o programa de monitoria, proporcionar aos estudantes e docentes informações relevantes acerca das normas e procedimentos institucionais que disciplinam o funcionamento do Programa de Monitoria do IFMS e provocar reflexões sobre esse importante instrumento de permanência e êxito objetivando, assim, o seu fortalecimento.

Neste contexto, esta pesquisa de mestrado – que se insere na linha de pesquisa “Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT)”, dentro do macroprojeto “Propostas metodológicas e recursos didáticos em espaços formais e não formais de ensino na EPT” – teve por objetivo geral analisar as concepções de docentes e estudantes quanto ao papel da monitoria no processo de permanência e êxito no âmbito da

educação integrada do IFMS, a partir da aplicação de um manual interativo. Para o seu alcance, estabelecemos como objetivos específicos: 1) Compreender o atual contexto de execução do programa de monitoria do IFMS; 2) Evidenciar a visão de estudantes e docentes quanto aos objetivos do programa de monitoria e suas relações com a permanência e êxito; 3) Desenvolver um manual que permita o contato com informações essenciais ao programa e a interação entre os seus participantes; 4) Analisar os elementos do manual que contribuam para um melhor entendimento do programa de monitoria do IFMS e seus objetivos.

Acreditamos no potencial desta pesquisa para um novo olhar sobre o Programa de Monitoria. Consequentemente, além da comunidade do IFMS, a sociedade em geral poderá se favorecer, considerando que os resultados desta poderão incentivar uma maior participação, oportunizando, assim, uma melhoria nos índices de evasão e retenção, uma vez que, em nosso entendimento, o êxito de cada estudante é também da sociedade.

Para melhor compreensão dos caminhos percorridos por esta pesquisa, este trabalho foi organizado da seguinte maneira: no capítulo 2 apresentamos a revisão teórica realizada no âmbito da pesquisa aqui descrita; no capítulo 3 detalhamos o percurso metodológico percorrido para o desenvolvimento da pesquisa, como sua caracterização, indicadores, etapas, instrumentos, bem como o *lócus* e perfil dos participantes; no capítulo 4 discorremos sobre o produto educacional, parte fundamental desta pesquisa; o capítulo 5 traz os resultados e discussões a partir dos dados coletados; no capítulo 6 efetuamos nossas considerações finais, retomando os objetivos da pesquisa, analisamos o seu alcance e apontamos possíveis trabalhos futuros; por último, temos as referências e os apêndices.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação Profissional Tecnológica no Brasil: lutas, desafios e possibilidades

Ao começar a transformar a natureza para garantir a sua sobrevivência, o ser humano distancia-se do mundo natural e cria o mundo humano. Essa ação de transformação da natureza com a função de sobrevivência é denominada trabalho. O trabalho, portanto, é uma ação essencialmente humana, pois somente o ser humano é capaz de transformar com consciência a natureza, seja em benefício próprio, seja em benefício do outro. Dessa maneira, é a partir do trabalho em seu sentido ontológico que a cultura, o conhecimento e as relações são construídos pelos seres humanos ao longo de sua existência histórica (BORGES, 2017).

Segundo Saviani (2007), para garantir a sobrevivência os seres humanos necessitavam trabalhar e a educação acabava acontecendo durante o próprio trabalho, de forma natural. Entretanto, com o surgimento da propriedade privada da terra e a divisão de classes entre os seres humanos, passa-se a ter a separação entre educação e trabalho, instituindo, assim, uma instituição educativa que faz, ao longo da história, a separação entre educação intelectual e educação manual. De acordo com Borges (2007), aos trabalhadores e seus filhos é negado o acesso aos saberes mais complexos, às artes, isto é, são expropriados da riqueza humana. Logo, se é a partir da educação que os seres humanos se humanizam, dividi-la em manual e intelectual seria negar aos trabalhadores e seus filhos a humanização integral.

Na história do Brasil, até o século XIX, os registros são apenas de uma educação propedêutica voltada para as elites. Para os menos favorecidos, tem-se a educação profissional e sua origem pode ser datada em 1809, quando se cria o Colégio das Fábricas, voltado para as crianças pobres e os órfãos, com o intuito de que estas deixassem a mendicância, delinquência e vadiagem. Em 1909, tendo em vista o atendimento das demandas econômicas, a profissionalização do operário torna-se objetivo da educação profissional, e assim são criadas as Escolas de Aprendizes Artífices (MANFREDI, 2017; RAMOS, 2014).

A partir da Constituição de 1937, as Escolas Técnicas são entendidas como elemento fundamental para o desenvolvimento social e econômico do país, em outras palavras, era necessário formar mão de obra qualificada. Assim, as escolas Técnicas são transformadas em Liceus Industriais. Em 1942, com as mudanças promovidas pelo Ministro da Educação, Gustavo Capanema, as escolas de ensino médio e as de ensino profissionalizante e técnico são equiparadas e os Liceus Industriais transformam-se em escolas Industriais e Técnicas, posteriormente convertidas em Escolas Técnicas Federais (SANTOS; MARCHESAN, 2017).

Segundo Ramos (2014), a expansão industrial no país exigiu uma maior qualificação de mão de obra. Neste sentido, o ensino profissional visa a formação de trabalhadores qualificados para o mercado de trabalho, evidenciando a organização dualista da educação brasileira, na qual a formação propedêutica é voltada aos futuros dirigentes, que realizarão atividades intelectuais, e a formação profissional para os desfavorecidos desempenharem atividades manuais.

Algumas mudanças significativas ocorreram com a Lei 4.024/1961, que estabeleceu definitivamente a equivalência entre a educação profissional (colegial técnico) e o ensino médio (colegial). A partir daquele momento, qualquer concluinte do ensino colegial técnico poderia se candidatar a qualquer curso de nível superior (KUENZER, 2001).

Em 1971, a Lei 5.692 altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), tornando compulsória a profissionalização em todo ensino de segundo grau; posteriormente, é revogada pela Lei 7.044/1982.

A Constituição de 1988 trouxe consideráveis inovações em relação à educação e abriu caminho para a uma nova lei ao consagrar direitos fundamentais, “visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, como direito de todos e dever do Estado e da família, e, ainda, deverá ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade. O não oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público implica necessariamente na responsabilidade da autoridade competente (BRASIL, 2016. p. 123).

Assim, após quase uma década em tramitação no Congresso Nacional, foi aprovada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei 9.394/1996. A partir dela, a educação nacional fica estruturada em dois níveis – educação básica e educação superior. O Ensino Médio torna-se parte da educação básica, sendo sua última etapa. No entanto, a Educação Profissional foi mantida em capítulo separado – uma modalidade educacional, como se a educação profissional fosse um acessório, consolidando, mais uma vez, a dualidade educacional (BRASIL, 1996).

De acordo com Ramos (2011), a LDB de 1996 apresentou-se como uma lei minimalista, dando espaço a um processo de regulamentação fragmentado e permitindo ao Executivo realizar a reforma educacional por meio do polêmico Decreto 2.208/1997¹. Ciavatta e Ramos (2012) também se pronunciam:

¹ O Decreto nº 2.208/97 regulamenta o § 2º do art.36 e os artigos 39 a 42, sobre a educação profissional, constantes na LDB de 1996 (BRASIL, 1996).

A aprovação da LDB, em 1996 significou, na verdade, somente o início de um movimento de reformas na educação brasileira, que tomou corpo mediante as regulamentações posteriores realizadas na estrutura do sistema educacional, a Educação Profissional de Nível Médio Técnico, pelo Decreto nº 2.208/97 e outras no âmbito da Educação Básica, pelas Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental, do Ensino Médio (CIAVATTA; RAMOS, 2012, p.6).

Desse modo, toda possibilidade de integrar o Ensino Médio ao Ensino profissional, discutida em torno da proposta de uma nova LDB, não foi concretizada. O que surgiu foi toda uma mobilização pela revogação do referido Decreto, pois ele se apresentava como o desorganizador do ensino técnico de nível médio, uma vez que instituiu a separação curricular entre o ensino médio e a educação profissional. Apesar da proposta de articulação entre eles (concomitância ou sequencialidade), o que se concretizou foi a desarticulação entre a formação para o trabalho e elevação dos níveis de escolaridade, ou ainda, uma formação profissional precária e um quase encerramento do ensino médio para os trabalhadores e seus filhos. Portanto, lutar pela revogação do referido decreto tornou-se necessária e urgente (RAMOS, 2014).

O marco histórico para a Educação Profissional foi a revogação do referido Decreto, realizada pelo Decreto 5.154/2004, que abriu a possibilidade legal para sua integração com o Ensino Médio, uma formação que integre as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura em um único currículo. Por conseguinte, em 2008, o capítulo que trata da educação na LDB 9.394/1996 passa a ser denominado “Da Educação Profissional e Tecnológica” pela Lei 11.741/2008, que inclui a seção IV-A no Capítulo II, para tratar especificamente da educação profissional técnica de nível médio; e é instituída, pela Lei 11.892, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, criando, também, os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, a partir da reestruturação dos CEFETs e escolas agrotécnicas federais, além de contemplar estados da federação que não contavam com estas instituições (BRASIL, 2008).

Os Institutos Federais surgem com um novo conceito de educação profissional e tecnológica, a partir de seu compromisso em promover um ensino voltado à integração e à verticalização da educação básica à educação profissional e educação superior, objetivando a transformação da sociedade por meio de uma educação crítica, reflexiva e emancipatória. Representa, ainda, um modelo de instituição que tenciona “a superação de dicotomias entre ciência e tecnologia, entre teoria e prática, visam ultrapassar a visão compartimentalizada de saberes; buscam a apropriação com maior profundidade do conhecimento” (BRASIL, 2008, p. 31).

Nesse contexto, a formação geral passa a ser incorporada à preparação para o trabalho em seu sentido ontológico e a formação integrada objetiva romper a dicotomia trabalho manual e trabalho intelectual. Aspira, sobretudo, por uma formação humana. Segundo Ciavatta, o que se almeja com isso é garantir o direito a uma formação completa, uma leitura do mundo, ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador para que eles possam atuar como cidadãos pertencentes a um país (CIAVATTA, 2012).

Ciavatta (2012) propõe que a formação integrada se torne parte inseparável da educação profissional em todos os campos onde se dá a preparação para o trabalho, seja nos processos produtivos, seja nos processos educativos como a formação inicial, o ensino técnico, tecnológico ou superior. Acrescenta, ainda, que a ideia de formação integrada sugere superar o ser humano dividido historicamente pela divisão social do trabalho. Afinal, aquele que executa é capaz e tem direito de pensar, planejar e dirigir.

Diante do exposto, como pensar em uma formação integral sem oferecer aos estudantes a chance de permanecer na escola e fazer o caminho que têm direito? É impensável uma educação que visa enfrentar as diferenças sociais sem instrumentos que possibilitem a melhoria da qualidade de ensino, o fortalecimento dos cursos e a formação plena dos estudantes, em outros termos, sem ações de permanência e êxito, dentre elas a monitoria. Discorreremos a seguir sobre esse importante instrumento, desde seu surgimento até o momento presente, além de analisarmos perspectivas teóricas para o tema.

2.2 Monitoria, permanência e êxito: aspectos, históricos, conceituais e suas perspectivas

2.2.1 Contextualização histórica da monitoria na educação

A prática de monitoria no contexto educativo não é inédita. Sua origem remonta à Antiguidade Clássica, por meio das atividades desempenhadas pelo pedagogo nas famílias atenienses. O pedagogo, geralmente um escravo ou estrangeiro, que acompanhava as crianças à escola de música e à escola de ginástica ou palestra, quando não exercia a função de mestre, desempenhava atividades auxiliares às do mestre ou mesmo de repetidor (MANACORDA, 2006). Posteriormente, surgem os mestres repetidores e assistentes particulares, que visavam auxiliar os estudantes estrangeiros com dificuldades em acompanhar as atividades escolares (MONROE, 1979).

Na Idade Média, a Igreja e as Instituições monásticas tornam-se responsáveis pela concepção de educação do período – moral e religiosa. Os monges auxiliavam a educação

disciplinar dos noviços (MONRE, 1979). Alguns séculos depois, a prática de monitoria pode ser observada por meio dos relatos de um jovem monge sobre sua experiência de vida em uma escola cenobial entre os anos de 815 a 817.

[...] Após algum tempo, entregaram-me a *Grammatica* de Donato e um aluno mais velho foi encarregado de interrogar-me até que eu tivesse decorado todas as declinações e as regras para seu uso. Nas primeiras duas horas o mestre dava-se o trabalho de mostrar-me como devia fazer para aprender estas palavras e estas formas de falar; mas depois vinha somente no final da aula, para perguntar ao meu instrutor como eu tinha feito minha tarefa. [...] Nós a escrevíamos na nossa tabuinha, depois cada um corrigia os erros do vizinho, e um daqueles que estudavam no quarto ano fazia a revisão de todos os trabalhos. (MANACORDA, 2006, p. 135-136).

A partir da abertura das escolas nos mosteiros no século IX, a prática de monitoria em sala de aula se destaca. Segundo Diel (2017), no cotidiano das escolas monásticas, o mestre dominava a sala de aula, que era dividida em grupos de acordo com seus conhecimentos e os alunos mais velhos ajudavam o mestre com a orientação e ensino dos mais novos.

Com o surgimento dos mestres livres, a educação sofre algumas alterações entre os séculos XII e XIII. O pai, ao invés de entregar a criança para ser educada nos conventos, entregava-a ao mestre livre para que fosse ensinada uma profissão (educação profissional escolástica). Essa relação era estabelecida por meio de contrato, no qual eram descritas as regras e valores a serem pagos pelo pai. Com esses novos mestres livres oficializa-se, também, por meio de contrato, o papel do monitor. Segundo Manacorda (2006, p. 173), “estes mestres livres tinham quase sempre um monitor ou repetidor (*proscholus*)”. Ainda de acordo com Manacorda, os mestres livres mudaram a situação jurídica, social, o conteúdo do ensino e, aos poucos, além de ensinar para as profissões, invadiram os campos reservados aos clérigos (MANACORDA, 2006).

No início da Idade Moderna as escolas da Ordem Jesuítica implantaram o *Ratio Studiorum* e, nesse sistema de ensino, encontrava-se o papel do monitor denominado *decurião*. Eram estudantes mais avançados que exerciam a prática de monitoria por meio do auxílio ao professor na correção de deveres e na tomada das lições, práticas reconhecidas pelo professor como eficientes e necessárias (FRANCA, 1952).

No Brasil, os jesuítas, além de serem os pioneiros da civilização, foram os primeiros educadores dos brasileiros e, conseqüentemente, implantaram a metodologia de ensino proposta no *Ratio Studiorum* a partir de 1599. De acordo com Lorenz (2018), o *Ratio Studiorum* pode ser caracterizado como o primeiro manual pedagógico utilizado no país e, portanto, utilizavam-se os decuriões quando as classes de aulas continham grande número de estudantes.

Regra - 36. Decuriões. - Nomeie também o professor os decuriões que deverão tomar as lições de cor, recolher os exercícios para o professor, marcar num caderno os erros de memória, os que não trouxeram o exercício, ou não entregaram as duas cópias e observar tudo o mais que lhes indicar o Professor. (FRANCA, 1952, p. 74).

No século XVII, Comênio, defendendo uma educação que ensinasse tudo a todos, propôs às escolas reformadas uma série de ações e ensinamentos educativos por meio de sua obra *Didáctica Magna*. Em sua obra, afirmava que era possível um único professor assumir uma classe com centenas de estudantes e “transmitir” conhecimentos a todos ao mesmo tempo e que isso era possível com a ajuda dos monitores. Portanto, recomendava que os estudantes fossem divididos em turmas e cada turma, de aproximadamente dez estudantes, teria um estudante chefe, responsável por monitorar as atividades, sanar dúvidas, levar ao professor as dificuldades que não fossem capazes de resolver, e, ainda, ajudar o professor a despertar e manter viva a atenção dos demais (COMÊNIO, 1957).

Além de propor a utilização de monitores para auxiliar nas atividades dos demais colegas, Comênio recomendava, também, que eles pudessem repetir as atividades como se fossem professores, pois ele defendia que “aquele que aprende, também ensina e, ao ensinar, também aprende”. Logo, “experimentarão um doce prazer” e esse exercício de ensinar aos outros poderia ser estendido para outros momentos ou mesmo fora da escola (COMÊNIO, 1957, p. 270).

No final da Idade Moderna, a monitoria de ensino apresentava-se por meio do método de ensino mútuo ou monitorial em algumas escolas inglesas e francesas.

[...] alguns adolescentes instruídos pelo mestre, atuando com variedade de tarefas como auxiliares ou monitores, ensinam por sua vez outros adolescentes, supervisionando a conduta deles e administrando os materiais didáticos (MANACORDA, 2006, p. 256).

Segundo Manacorda (2006), somente no início do século XIX o ensino mútuo, monitorial, Lancaster ou lancasteriano, foi sistematizado e proposto, separadamente, por Andrew Bell (1753-1832) e Joseph Lancaster (1778-1838).

Bell, objetivando diminuir despesas da instrução, redução do trabalho do mestre e acelerar os progressos dos estudantes, desenvolveu um sistema no qual estudantes mais avançados, após serem preparados pelo mestre, transmitiam aos demais os conhecimentos construídos. Paralelamente, Lancaster implantou o método mútuo em sua escola para crianças pobres em Londres, no qual um único estudante, investido na função de professor, transmitia seus conhecimentos a dezenas de outros estudantes. Posteriormente, o método tornou-se conhecido pela obra de Lancaster, espalhando-se por diversos países como França,

Portugal, Suíça, Alemanha, Itália, Estados Unidos e, entre outros, o Brasil (MANACORDA, 2006).

O método monitorial evidenciava que o ensino não necessitava ser uma tarefa única e exclusiva do professor. De acordo com Bastos (1997), o monitor, um estudante que se destacava por seus resultados, após ser preparado e supervisionado pelo professor, tornava-se responsável pela transmissão de conhecimento aos demais. O monitor recebia um pequeno pagamento e um certificado que poderia ajudá-lo em sua futura colocação profissional. Percebe-se que o método monitorial, apesar de receber algumas críticas, abria caminho para possibilidade de uma formação docente ao permitir que educandos exercitassem a prática de docência e, também, pela troca de conhecimentos entre monitor e professor.

No Brasil, o método monitorial ou Lancaster foi implantado oficialmente pelo decreto de 1º de março de 1823, na escola de primeiras letras criadas no Rio de Janeiro para instrução das corporações militares e, posteriormente, estendido pela Portaria de 29 de abril de 1823 para todas as outras classes. No entanto, já havia sido introduzido no país, em 1819, pelos trabalhos do Conde SCEY, que fazia parte da *Société pour l’instruction Élémentaire* - sociedade francesa responsável pela disseminação da educação elementar pública por meio do ensino mútuo na França e, posteriormente, para outros países. Enfim, o método monitorial no país visava instruir de forma rápida e econômica o maior número de estudantes (ALMEIDA, 2000; BASTOS, 1997; CARDOSO, 2002).

Em 1854, o regulamento da instrução primária e secundária criou os professores adjuntos que, de acordo com Almeida (2000, p. 91), eram “uma espécie de monitores remunerados, escolhidos entre alunos com mais de doze de idade, capazes de seguir os exames anuais e demonstrando disposição para o ensino”, isto significa que eram preparados para assumir as atividades docentes. É interessante notar que o papel do monitor, muitas vezes, apresentava-se como fundamental para o desenvolvimento da prática educativa ou mesmo para garantir que elas ocorressem no futuro.

A monitoria consolidou-se no país pela Lei 5.540/1968. O Art. 41 determinava que as universidades criassem as funções de monitor para alunos do curso de graduação, com remuneração e os títulos poderiam ser aproveitados para ingresso na carreira de magistério superior. Para isso, os candidatos a monitor deveriam demonstrar capacidade de desempenho em atividades técnico-didáticas de determinada disciplina, por meio de provas específicas (BRASIL, 1968).

Contribuindo para que a monitoria fosse implantada, em 1969, o Art. 2º do Decreto 64.086 trazia, como um dos objetivos do programa de implantação do regime de tempo

integral e dedicação exclusiva, para a carreira do magistério superior, a contratação de mil monitores (BRASIL, 1969). Posteriormente, a função de monitor, os critérios para participar, o tempo de atividades, os recursos para o pagamento das bolsas, entre outros, foram regulamentados pelo Decreto 66.315/1970 (BRASIL, 1970). Em 1971, o Decreto 66.771 alterou redações de alguns artigos do Decreto anterior, entre elas a redução da carga horária de 30 horas para 12 horas semanais (BRASIL, 1971).

Os Decretos 66.315/1970 e 66.771/1971 foram revogados, em 1981, pelo Decreto nº 85.862. O referido Decreto atribuiu às Instituições de Ensino Superior a responsabilidade para fixar as condições necessárias ao exercício das funções de monitoria, mantendo os dispositivos em que o exercício da monitoria não acarretaria vínculo empregatício e o da responsabilidade do Ministério da Educação e Cultura em continuar a custear os programas de monitoria (BRASIL, 1981).

Atualmente, a função de monitor encontra-se regulamentada no Art. 84 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/1996). Tal artigo sugere que a educação superior possa aproveitar os discentes em tarefas de ensino e pesquisa por meio da função de monitor, de acordo com seu rendimento e seu plano de estudos. Observamos que a determinação anterior se torna sugestão na atual Lei e as atividades do monitor são expandidas – antes atividades técnico-didáticas e, atualmente, poderão ser desenvolvidas no ensino e pesquisa. Apesar da revogação do Decreto 85.862/1981, constatamos que as instituições educacionais continuam a ter autonomia para promover seu programa de monitoria conforme com suas necessidades educacionais (BRASIL, 1996).

Com relação ao ensino médio, em 2017, jovens que participaram do Projeto Jovem Senador em Brasília apresentaram sugestão de lei pela qual as atividades de monitoria no ensino médio passem a ser reguladas por normas dos sistemas de ensino. A sugestão de lei foi aprovada e tramitada, posteriormente, como Projeto de Lei do Senado (PLS) 170/2018. Aprovado, em 2019, pela Comissão de Educação, Cultura e Esporte, seguiu para votação no Plenário do Senado. Atualmente, encontra-se em tramitação, pronto para ser votado. Uma vez aprovado, o projeto irá alterar a atual LDB para dispor sobre monitoria no ensino médio.

Portanto, enquanto não houver alteração na LDB, a normatização para a atividade de monitoria ainda se restringe ao ensino superior. Ainda assim, o ensino médio e a educação profissional e tecnológica acabam adotando o mesmo modelo. Em virtude dessa atividade ser bastante utilizada nas instituições educacionais, buscaremos a seguir apresentar como essa atividade é entendida e desenvolvida no contexto atual.

2.2.2 A Monitoria no atual contexto educacional

A monitoria no contexto atual pode ser entendida como modalidade ou estratégia de ensino que visa a melhoria do processo de ensino e aprendizagem por meio de atividades que auxiliem os estudantes na compreensão, aprofundamento e produção de conhecimentos. Além de ampliar e enriquecer a participação dos alunos na vida escolar, contribui, também, para o fortalecimento da relação professor-aluno e possibilita a vivência pedagógica (AMATO, 2016; FRISON, 2016; NATÁRIO; SANTOS, 2010; NUNES, 2007). Conceição *et al.* (2017) acrescentam que as práticas e experiências estabelecidas através da monitoria fortalecem a articulação entre teoria e prática. Em complemento, a monitoria precisa estar articulada com o projeto político-pedagógico do curso e com as demandas institucionais, portanto, não pode ser desenvolvida de maneira isolada (NUNES, 2007).

A monitoria ocorre, normalmente, nos cursos de graduação e pós-graduação. Entretanto, encontra-se também na educação Básica, principalmente no Ensino Médio e, atualmente, na Educação Profissional e Tecnológica (CUNHA JUNIOR, 2015; NUNES, 2007; SÁ; ALMEIDA, 2019). Pode ser desenvolvida em ambientes *on-line*, em sala de aula e extraclasse. As distintas monitorias podem ser desenvolvidas separadamente ou em ações conjuntas. Nesse sentido, Nunes (2007) defende que as atividades do monitor não precisam, necessariamente, ocorrer apenas na forma presencial, podem ser, também, a distância, por meio de ambiente virtual de aprendizagem ou recursos da internet no qual o monitor será o moderador ou mediador.

Em ambiente *on-line*, Batista (2008) define a monitoria como uma ferramenta cognitiva baseada em técnicas de multimídia interativa que apoiam o ensino de disciplinas em que o aluno tem dificuldade de aprender, sendo um suporte a atividades extraclasse. Em sala de aula, os monitores auxiliam nas atividades desenvolvidas pelos estudantes, em ação conjunta com o professor. De modo presencial extraclasse, mais utilizado nos ambientes educacionais, os monitores auxiliam os estudantes em horário posterior à oferta da disciplina (CUNHA JÚNIOR, 2015).

Geralmente, as atividades são desenvolvidas por um estudante denominado monitor, sob a orientação e supervisão de um professor. O monitor é um educando que se encontra em um estágio mais avançado de conhecimento ou ano/semestre e que tenha cursado com bom desempenho a disciplina a qual irá auxiliar. Seu trabalho consiste em auxiliar outros estudantes, esclarecendo dúvidas ocorridas em sala de aula ou mesmo aprofundar conteúdos, entre outras atividades estabelecidas, entre monitor e professor, em seu plano de atividades. A

função de monitor será desempenhada como bolsista (receberá um auxílio financeiro) ou de modo voluntário. (DANTAS, 2014; PEREIRA, 2007)

O papel do professor responsável pelo monitor, segundo Pereira (2007, p. 75), é “de mediador dos conhecimentos, estabelecendo a relação entre os conhecimentos específicos e a prática pedagógica. Para isso é necessário um acompanhamento sistemático das atividades a serem desempenhadas pelo monitor”. As atribuições do professor vão desde a elaboração do plano de atividades até acompanhamento e orientação dessas atividades por meio de suportes teórico-metodológicos e práticos que são indispensáveis para formação do monitor e, portanto, base para uma futura formação docente (PEREIRA, 2007).

Compreende-se, portanto, que a finalidade da monitoria contempla, entre outras, a melhoria do processo de ensino e aprendizagem, a articulação entre teoria e prática, uma oportunidade a mais para aprendizagem e base para uma futura formação docente. No intuito de melhor compreendermos a organização e a concepção das atividades de monitoria, recorreremos à teoria histórico-cultural, trazendo uma síntese a seguir.

2.2.3 Reflexões sobre a monitoria à luz de Vigotski

Ao iniciarmos esta pesquisa era comum nos depararmos com conceitos como *imitação*, *mediação*, *interação* e *desenvolvimento*, os quais nos conduziram à obra científica do Soviético Lev Semionovich Vigotski² e a sua teoria histórico-cultural. No entanto, ao darmos os primeiros passos para conhecermos um pouco mais sobre seus estudos, encontramos obras – e também críticas – sobre algumas delas. Autores Duarte (1996) e Prestes (2012) algumas obras, em especial “A Formação Social da Mente” e “Pensamento e Linguagem” foram tão modificadas que a autoria não deveria pertencer ao autor. Críticas recaem também sobre traduções consideradas equivocadas de palavras ou mesmo de algumas interpretações conceituais. Prestes (2012) cita como exemplos: atividade de brincar (*brincadeira*), traduzida como brinquedo; *obutchenie* (instrução), como aprendizagem; *retch* (fala) como linguagem; *twortchestvo* (criação) como arte/criatividade; zona *blijaichego*

² A grafia do sobrenome do autor é encontrada de diferentes maneiras em traduções realizadas na literatura mundial. Prestes (2012) faz uma interessante análise para explicar os motivos de tanta diversidade para o sobrenome russo *Выготский*. Explica ainda que, no Brasil, alguns tradutores seguiram regras de transliteração de língua inglesa ou francesa, ou mesmo tentou aproximar o inaproximável: o som de algumas letras russas e portuguesas. Isso leva a autora a defender que os nomes próprios não devem ser traduzidos e a transliteração deve respeitar as regras das letras e não dos sons. Nesta pesquisa procuramos, sempre que possível, recorrer às traduções realizadas diretamente da literatura russa. Dessa forma, optamos pela grafia Vigotski, conforme descrita pela autora. No entanto, será preservada nas referências a grafia das edições adotadas na pesquisa.

razvitia (imminente), como zona de desenvolvimento proximal ou imediata, entre outros. Conceitos que de suma importância para o campo educacional. É preciso destacar, que a autora, muito além de analisar as traduções, faz um exame crítico sobre esses conceitos, sugerindo uma arrumação - contemplando, ainda, uma vasta gama de informações. Dessa maneira, tentaremos aqui fundamentar nossa pesquisa recorrendo a autores e tradutores que nos pareçam ser mais condizentes com a obra deste autor no momento.

Lev Semenovich Vigotski nasceu em Orcha, na Bielorrússia, em 1896, mas viveu grande parte de sua vida em Gomel. Em 1914, em Moscou, ingressou na Faculdade de Medicina, mas a abandonou pouco depois (retornou, em 1931, e cursou até sua morte). Em seguida, concomitantemente, ingressou na Faculdade de Direito e na Faculdade de História e Filosofia. Após concluir seus estudos, retornou à Gomel. Iniciou seu trabalho como crítico literário e teatral e, a partir desses interesses, encaminhou-se para a Psicologia e Pedagogia, desenvolvendo, entre outros trabalhos, as obras *Psicologia Pedagógica* e *Psicologia da Arte*, e a abertura do Laboratório Experimental de Psicologia ainda em Gomel, na Bielorrússia. Retornou para Moscou, em 1924 e, lá, segundo Jerebtsov (2014, p. 12), “Vigotski encontrou a sua vocação principal, o espaço para a sua realização, bem como o meio intelectual propício. Lá, ele se transformou naquele que nós conhecemos e valorizamos hoje”. Encerra seus estudos sobre o desenvolvimento do comportamento e consciência humana com a obra *Pensamento e Fala*³, pouco antes de falecer, em 1934 (JEREBSOV, 2014; PRESTES; TUNES, 2011; PRESTES, 2012; SOBKIN, 2017).

Os trabalhos de Vigotski foram desenvolvidos em um contexto de mudanças radicais em seu país e nos países vizinhos – Revolução de 1917. A Rússia passava de monarquia para um governo de trabalhadores e camponeses, liderados pelo Partido Social Democrático Russo (*bolchevique*) e, dentre as várias mudanças revolucionárias propostas, encontrava-se a mudança da escola. Era necessário que a escola pudesse ser de todos e que proporcionasse acesso tanto aos conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos, como a formação para o trabalho, visando, assim, a formação integral. No campo científico era preciso enfrentar as correntes (metafísicas, biológicas, evolucionistas, naturalistas, deterministas) defensoras de que o meio social não exercia influência sobre o desenvolvimento e a formação do ser humano; em outros termos, ao nascer, está determinado como será seu desenvolvimento, ou, ainda, será um mero reprodutor, pois suas funções psíquicas encontram-se prontas (KRAVTSOV, 2014; PRESTES, 2012).

³ No Brasil a obra foi traduzida como *Pensamento e Linguagem e A construção do pensamento e da linguagem*.

Dessa forma, segundo Prestes (2012), Vigotski e seu grupo de pesquisadores – entre eles Luria e Leontiev - revolucionaram a forma de se interpretar a consciência como uma forma especial de organização do comportamento humano, fundamentada no social, na história e na cultura, o que acabou levando a Psicologia Instrumental⁴ a ser denominada Histórico-Cultural. Diante dessas novas descobertas, a velha educação escolar oferecida em sua época, transmissão de conhecimento para um sujeito a-histórico, não fazia sentido. Afinal, o homem se constitui e desenvolve-se mediado pela história, cultura e contexto social no qual está inserido, um ser em constante transformação. Para Vigotski é a existência, mediada pelas relações sociais, que determinará a consciência humana.

Vigotski não negava a importância do biológico no desenvolvimento humano, mas afirmava que é ao longo do processo de assimilação dos sistemas de signos que as funções psíquicas biológicas transformam-se em novas funções, em funções psíquicas superiores. Para ele, todo processo psíquico possui elementos herdados biologicamente e elementos que surgem na relação e sob a influência do meio. No entanto, as influências podem ser mais ou menos significativas para o desenvolvimento psicológico, dependendo da idade em que ocorrem. (PRESTES, 2012, p. 21).

De acordo com Vigotski (2010), as funções psicointelectuais superiores surgem em dois momentos no desenvolvimento humano, nas atividades sociais – *funções interpíquicas*, e nas atividades individuais, como propriedades internas do pensamento – *funções intrapíquicas*, ou seja, se interiorizam, existindo, assim, uma interação constante e ininterrupta dialética, mas não linear, entre processos internos e as influências externas na evolução intelectual do ser humano. É na relação entre as particularidades do sujeito e ambiente social no qual está inserido que se dá a sua constituição e o seu desenvolvimento. Desse modo, poderá ocorrer de formas e tempos diferentes para cada um, pois cada um perceberá seu ambiente de acordo com o desenvolvimento no qual que se encontra – que pode, inclusive, ser diferente da idade cronológica. Tal desenvolvimento é fruto de significados particulares de acordo com a vivência de cada indivíduo.

Nesse sentido, compreendemos que se cada um percebe seu ambiente de forma individual, a aprendizagem acaba ocorrendo de maneira particular para cada estudante, inclusive em relação ao tempo, podendo não ser o mesmo exigido pela escola, ano/semestre ou conteúdo. Isso pode explicar, em parte, o elevado índice de retenção e evasão de estudantes com dificuldades na compreensão e na organização dos estudos demonstrados anteriormente nesta pesquisa.

⁴ Possuía critérios rigorosos de construção do conhecimento, na maioria das vezes produzidos em laboratórios com uso de instrumentos e medição (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1993).

Outra situação que nos chama a atenção, quando refletimos sobre as dificuldades na compreensão de conteúdos, pode estar relacionada à maneira como os conteúdos são organizados e apresentados aos estudantes, em outras palavras, como são tratados os conceitos, pois apresentação e organização podem contribuir ou dificultar o desenvolvimento das funções psíquicas superiores.

Ao estudar sobre o pensamento infantil, Vigotski (2001) trouxe a formação de conceitos como elo central no processo de aprendizagem. Seus estudos foram realizados com mais de trezentas pessoas, dentre elas crianças, adolescentes e adultos, e observaram que a formação de conceitos se desenvolvia em condições idênticas entre eles. Inicia-se na fase mais precoce da infância, isto é, ao apreender uma nova palavra o desenvolvimento de conceitos está apenas começando – a palavra é uma generalização do tipo mais primitivo. À medida em que o intelecto se desenvolve, a palavra é substituída por generalizações de tipos superiores, chegando ao pensamento por conceitos verdadeiros somente na adolescência. Portanto, a formação de conceitos é um meio específico e original de pensamento, que pressupõe o desenvolvimento de muitas funções intelectuais, tais como: atenção voluntária, memória lógica, abstração, capacidade de comparar e diferenciar. A formação de conceitos não é desenvolvida simplesmente por memorização e, tampouco, por um simples processo de assimilação.

Ainda, de acordo com o Vigotski (2001), as condições e motivações sob as quais os conceitos se formam são diversas e, dependendo da origem, poderão ser conceitos espontâneos ou científicos, ou seja, originam-se de experiências espontâneas do cotidiano ou na instrução escolar formal. A trajetória do desenvolvimento dos conceitos espontâneos e científicos é diferente. Os espontâneos iniciam seu percurso a partir de algo concreto e da experiência, enquanto os científicos iniciam seu percurso a partir da consciência e da arbitrariedade. Estão internamente inter-relacionados, pois é a partir de determinado nível de desenvolvimento do conceito espontâneo que ocorre a apreensão e tomada de consciência sobre como o conceito científico acontece.

[...] O conceito espontâneo, que passou de baixo para cima por uma longa história em seu desenvolvimento, abriu caminho para que o conceito científico continuasse a crescer de cima para baixo, uma vez que criou uma série de estruturas indispensáveis ao surgimento de propriedades inferiores e elementares do conceito. De igual maneira, o conceito científico, que percorreu certo trecho do seu caminho de cima para baixo, abriu caminho para o desenvolvimento dos conceitos espontâneos, preparando de antemão uma série de formações estruturais indispensáveis à apreensão das propriedades superiores do conceito. Os conceitos científicos crescem de cima para baixo através dos espontâneos. Estes abrem caminho para cima através dos científicos.(VIGOTSKI, 2001, p. 349).

Como podemos observar, o cuidado no processo de instrução (ou ensino) não é somente com a organização e apresentação dos conceitos aos estudantes. É necessário considerar, também, o nível de desenvolvimento do estudante, ou melhor, seus conceitos cotidianos (espontâneos) e científicos (não-espontâneos) no seu processo de formação, pois, apesar dos conceitos científicos apresentarem um nível superior de pensamento, “a pessoa com consciência científica tem a possibilidade de brincar com os contextos, resolver conflitos, colocando-os em outro sistema semântico” (JEREBSOV, 2017, p. 53). Assim, ambos os conceitos são inter-relacionados e possuem importância para o desenvolvimento e a formação do estudante.

Outro conceito que é essencial para o contexto das atividades de monitoria é o conceito de zona de desenvolvimento iminente⁵ (*zona blijaichego razvitia*) que Vigotski desenvolveu em seus estudos sobre os conceitos espontâneos e científicos. Trata-se de um nível do desenvolvimento que se encontra entre o domínio daquilo que o estudante é capaz de realizar sozinho (desenvolvimento atual/ real) e aquilo que faz em colaboração com o professor ou um par mais experiente.

A **zona de desenvolvimento iminente** é a distância entre o nível do desenvolvimento atual da criança, que é definido com a ajuda de questões que a criança resolve sozinha, e o nível do desenvolvimento possível da criança, que é definido com a ajuda de problemas que a criança resolve sob a orientação dos adultos e em colaboração com companheiros mais inteligentes. [...] A **zona de desenvolvimento iminente** define as funções ainda não amadurecidas, mas que encontram-se em processo de amadurecimento, as funções que amadurecerão amanhã, que estão hoje em estado embrionário. (VIGOTSKI, 2004, p. 379 apud PRESTES, 2012, p. 204, em destaque tradução nossa).⁶

Entender esse conceito é de suma importância no contexto das atividades de monitoria, pois não podemos ignorar que o estudante possui conhecimentos prévios antes de chegar à escola/monitoria ou ao iniciar um novo conteúdo, sejam esses conhecimentos frutos de conceitos espontâneos ou científicos. A compreensão do nível atual/real, como primeira etapa, possibilita ao docente orientador atuar na zona de desenvolvimento iminente do estudante-

⁵ Traduzida como zona de desenvolvimento potencial, proximal, imediato. No entanto, Prestes (2012) em seus estudos sobre a obra do autor esclarece que há equívocos nas escolhas desses termos, acarretando distorções no conceito *zona blijaichego razvitia*, pois alguns pensam que o conceito pode ser aferido, quantificável ou mesmo entendem-no como um fenômeno estanque ou, ainda, que exista a obrigatoriedade de o desenvolvimento ocorrer. A autora defende que o termo que daria conta de se aproximar das ideias do autor seria iminente, pois iminente encontra-se na via das possibilidades de desenvolvimento, ou seja, se a criança contar com a colaboração de outra pessoa em determinados períodos de sua vida poderá amadurecer ou não certas funções intelectuais. Segundo a autora e tradutora, para Vigotski as atividades em colaboração criam possibilidades para o desenvolvimento e não certezas. Ao concordarmos com a análise realizada pela autora, adotamos no decorrer da pesquisa o termo zona de desenvolvimento iminente.

⁶ Citação traduzida da obra original do autor pela autora e tradutora que o citou.

monitor e este poderá atuar na zona de desenvolvimento iminente dos estudantes que recorrem à monitoria, propondo atividades significativas, relevantes e desafiadoras que serão realizadas com ajuda, orientação e colaboração do professor ou monitor. Afinal, a “cooperação é a condição de surgimento de neoformações” (JEREBSOV, 2014 p. 22). Portanto, segundo Vigotski (2001, p. 333), ao professor ou par mais competente “cabe definir sempre o limiar inferior da aprendizagem e definir, também, o limiar superior da aprendizagem. Só nas fronteiras entre esses dois limiares a aprendizagem pode ser fecunda”.

Dessa forma, compreendemos que o conhecimento atual deverá ser o ponto de partida e não de chegada, pois trabalhar somente o que o estudante conhece poderá ser desmotivador, assim como trabalhar muito distante de sua capacidade atual. Portanto, conhecer as possibilidades existentes na zona de desenvolvimento iminente, aquilo que está brotando, poderá abrir caminho para novas aprendizagens ou novas formações ou, como diz Vigotski, aquilo que poderá ser desenvolvimento atual/real amanhã. Vale destacar que, segundo esse autor:

[...] para criar a zona de desenvolvimento iminente, ou seja, para gerar uma série de processos internos de desenvolvimentos, são necessários processos de instrução escolar corretamente estruturados. (VIGOTSKI, 2010, p. 283. In: PRESTES, 2010).

Para Faria (2010), a monitoria, na perspectiva vigotskiana, pode ser caracterizada como um espaço de criação constante de zonas de desenvolvimento iminentes, uma vez que a interação entre aluno/ monitor e monitor/docente orientador faz com que esses participantes gerem questionamentos e considerações numa perspectiva diferente do ambiente tradicional de ensino e aprendizagem. Consequentemente, os conflitos criados nas zonas de desenvolvimento, os levam a buscar soluções aos problemas gerados, possibilitando, assim, nova aprendizagem e desenvolvimento.

Nesta direção, no intuito de atuar na zona de desenvolvimento iminente dos estudantes monitores, despertar significados e sentidos diferentes para atividades de monitoria e representá-la mais do que apenas atividade de tirar dúvidas, auxílio financeiro ou mesmo assistência ao professor, propusemos o manual interativo. Acreditamos que esse instrumento de mediação possa intervir na zona de desenvolvimento iminente dos participantes, suscitando outro olhar para a monitoria.

No que se refere a significado e sentido, Vigotski (2001) explica que são conceitos diferentes. Para o teórico,

O sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas de sentido que a

palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata (VIGOTSKI, 2001, p. 465).

Norteados pela lente teórica de Vigotski, González-Rey (2007) entende que o significado não expressa diretamente e nem de forma linear o sentido associado ao conteúdo significativo. Assim sendo, o significado estende-se por diferentes linguagens e surge no pensamento associado a determinados sentidos. Desse modo, o sentido define o processo da atividade humana em seus diversos campos de ações, isto é, nas atividades sociais (funções intersíquicas) e nas atividades individuais (funções intrapsíquicas). Logo, o significado de forma restrita não dá conta de responder a riqueza de significados que uma expressão carrega: o sentido. Tal concepção nos remete às críticas descritas anteriormente pois, segundo Prestes (2012), uma das explicações para os equívocos cometidos nas traduções de conceitos vigotskiano pode estar relacionado à tradução de palavras considerando apenas o seu significado; os dicionários, portanto, não dão conta de tal empreendimento, uma vez que as palavras são carregadas não só de significados, mas também de sentidos.

Trazendo para o contexto da pesquisa, compreendemos que o significado das atividades de monitoria permanecerá relativamente o mesmo em diferentes contextos, enquanto o sentido, dependendo do contexto e trabalho desenvolvido, poderá adquirir uma dimensão ampla; em outros termos, além de auxílio aos estudantes no esclarecimento de dúvidas e auxílio financeiro, poderá ser uma atividade que possibilita transformação pessoal e social por meio da colaboração.

Falar em monitoria em sentido amplo, segundo Faria (2010), é compreender que ela é uma atividade constituída por sujeitos motivados por um objeto, mediada por instrumentos, por meio de um processo colaborativo entre indivíduos com interesses em comum, envolvendo, assim, regras, divisão de trabalho e, acrescentado por nós, o compartilhamento de informações, conhecimentos, dúvidas, incertezas e conquistas.

Desse modo, entendendo a monitoria como uma situação social de desenvolvimento, coube a nós pesquisadores o desafio de extrair os significados e sentidos que os participantes possuíam dessa atividade: o que é monitoria, seu objetivo, sua finalidade, a percepção que o docente orientador e o monitor têm um do outro, as atividades desenvolvidas, os motivos e as expectativas em participar do programa. Por isso, analisar as concepções de docentes e estudantes quanto ao papel da monitoria no processo de permanência e êxito fez-se necessário tanto em um primeiro momento, como a partir do manual interativo.

A imitação é outro conceito fundamental desenvolvido por Vigotski (2001) quando se refere à zona de desenvolvimento iminente. As atividades desenvolvidas em colaboração com

o professor ou um par mais experiente possibilitam ao estudante realizar uma quantidade maior de atividades e/ou resolver aquelas mais complexas. Para o processo de aprendizagem, a colaboração é a uma forma de se elevar a um grau superior as possibilidades intelectuais, passando daquilo que se consegue fazer para aquilo que não se consegue por meio da imitação. A imitação refere-se à capacidade de reconstruir algo, é um processo de tomada de consciência.

Vigotski (2018a) esclarece, ainda, que existia uma concepção errônea sobre tal conceito, posto que era compreendido como um ato mecânico, sem sentido e desprovido de atividade intelectual. O autor não nega que em algumas situações ela é utilizada de modo mecânico, porém aponta em seus estudos que além de existir diferença entre a imitação de outros animais e os humanos, há também equívoco em não a compreender como uma atividade intelectual.

No que se refere à imitação no animal, o autor explica que mesmo quando o animal é treinado, ele desenvolve algumas habilidades mecânicas com pequenas habilidades intelectuais, como apanhar uma fruta utilizando uma vara, andar de bicicleta, contudo não é capaz de resolver com autonomia questões semelhantes ou mesmo produzir novas versões a partir da atividade ensinada. A imitação no animal esgota-se no nível de conhecimento que ele mesmo é capaz de executar, uma vez que a imitação, no sentido humano da palavra, não é passível de ser ensinada ao animal, pois falta-lhe a condição necessária para o desenvolvimento do intelecto: a zona de desenvolvimento iminente. Diferentemente do humano que é capaz de expandir para outras atividades os atos ensinados por meio do treino, da observação e da imitação (VIGOTSKI, 2018a).

No que tange ao equívoco na compreensão do conceito, o autor elucida que por muito tempo pensou-se que a inteligência era determinada pela capacidade de desenvolver algo a partir da experimentação, do fazer sozinho, enquanto a imitação era possível a qualquer ato, a qualquer pessoa. No entanto, os estudos apontaram que a imitação ocorre quando se encontra na zona de possibilidades humanas. Dessa forma, trazendo para o contexto da nossa pesquisa, estudantes do ensino médio, na sua maioria, não conseguiriam realizar, por imitação, conteúdos avançados voltados ao ensino superior, mas, sob orientação, eles têm possibilidades de avançar no campo de suas funções superiores, partindo daquilo que conhecem para aquilo que há possibilidades de aprender. Nesse sentido, o autor defende que a orientação torna possível realizar operações que outrora eram impossíveis de se realizar de forma autônoma. Por isso, a zona de desenvolvimento iminente é tão importante para aprendizagem, pois, como mencionado anteriormente, ela definirá as funções que se

encontram em processo de amadurecimento, e a imitação será fundamental, uma vez que ela abre possibilidades para que a aprendizagem ocorra.

Para Vigotski (2018b, p. 18), o enorme potencial da imitação pode ser visto claramente nas brincadeiras infantis, que apesar de representarem um eco do que as crianças viram e ouviram dos adultos, nunca são reproduzidas, exatamente como ocorreram na realidade. Não se trata, pois, de “uma simples recordação do que vivenciou, mas de uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas”; a atividade humana, portanto, não se limita a reproduzir ações mecânicas; ela reelabora, estabelece novas conexões e neoformações são criadas.

Bandura (2017), da mesma forma, aborda que quando os seres humanos aprendem por observação e imitação, vão além do que viram ou ouviram, pois utilizam da aprendizagem para produzir novas versões de comportamento, adaptando-as para determinadas circunstâncias. Ressalta, ainda, que observadores não utilizam uma única fonte para criarem seus padrões de comportamento, mesmo que essa seja seu modelo predileto. Tendem, sim, a selecionar características distintas, misturando-as e criando modelos diferentes, novas maneiras de pensar e de fazer as atividades.

Assim, tendo como base os pressupostos dos estudos de Vigotski, Gasparini (2002) entende que a imitação é o primeiro passo para o ensino e a aprendizagem. Para o autor, a apropriação de um conhecimento/conteúdo se dá pela maneira que uma pessoa passa a outra pessoa. Assim dizendo, com o auxílio e orientação do professor, os estudantes apropriam-se, por meio da imitação, dos conhecimentos historicamente acumulados. O autor, assim como Vigotski e Bandura, entende que a imitação é o ponto de partida, mas ao longo do percurso, esses conhecimentos sofreram modificações e novos conhecimentos serão construídos.

Nesse sentido, ao adentrarmos a questão da monitoria, Cunha Junior (2015) traz que os estudantes, quando exercem a função de monitor, acabam por imitar seus professores e essa imitação se dá pela reconstrução de algo que ocorre por meio da zona de desenvolvimento iminente. Ao imitar os professores em sua maneira de expressar-se, o estudante monitor acaba dando características próprias às atividades, pois o conceito de imitação, na teoria vigotskiana, não se limita ao processo de repetir o que foi memorizado ou simplesmente assimilado, e sim, é a possibilidade de reconstruir algo a partir do desenvolvimento das funções superiores, ou melhor, só imita aquilo que foi capaz de reconstruir/reelaborar a seu modo.

Assim, compreendemos que a imitação faz o estudante avançar no campo de suas potencialidades intelectuais, pois vai muito além de um ato mecânico, exige atos racionais,

pensados conscientemente. É a base para que a aprendizagem escolar ocorra. Logo, o imitável deve estar dotado de atividade intelectual e estar de acordo com a capacidade atual do estudante para que a aprendizagem seja possível. Portanto, quando Cunha Junior (2015) diz que os monitores imitam seus professores, concluímos que eles estão avançando no campo de suas potencialidades intelectuais.

Ao refletirmos sobre esses conceitos vigotskianos entendemos que Vigotski constantemente propõe um novo olhar para o ser humano. Poderíamos inferir que ele sugere que a instrução (ou ensino) seja personalizada, pois a padronização do ensino tem mostrado que nem todos os estudantes obtêm êxito em seus estudos. Por isso, compreendemos que a monitoria possibilita a personalização do ensino. Nas palavras de Schneider (2015, p. 69), “personalizar significa que as atividades a serem desenvolvidas devem considerar o que o aluno está aprendendo, suas necessidades, dificuldades e evolução [...]”.

Ainda, para Schneider (2015), a personalização permite sugerir não somente atividades para sua aprendizagem, mas atividades que sejam adequadas para o desenvolvimento do seu conhecimento, de suas habilidades e de seus desejos. A personalização do ensino talvez seja o caminho para promover as habilidades cognitivas de forma mais participativa e prazerosa e, sobretudo, promover as habilidades socioemocionais e culturais, uma vez que se propõe um olhar integral para o estudante. Neste contexto, entendemos que a monitoria pode ser uma situação social de desenvolvimento que possibilita o surgimento de novas formas de estar no mundo, que possibilita a permanência e quiçá o êxito.

Portanto, conhecer a relevância da monitoria na perspectiva de alguns estudos recentes ampliou o nosso olhar sobre este importante instrumento de apoio à permanência dos estudantes.

2.2.4 A relevância da monitoria

A monitoria é um importante meio que as instituições dispõem para melhoria da qualidade do ensino e sua relevância é destacada em trabalhos científicos como um instrumento que possibilita a permanência e êxito dos estudantes ao promover a aprendizagem, um primeiro espaço de formação dos futuros docentes, uma formação mais integrada, auxílio financeiro, entre outros benefícios.

Apesar da prática de monitoria ocorrer desde a educação básica, a maior parte das pesquisas concentra-se na educação superior, com ênfase na formação docente. No entanto, a formação para docência é um processo de construção que se inicia nos primeiros contatos

entre professores e estudantes nas séries iniciais e, na última etapa da educação básica, pode ser determinante para a escolha da profissão docente. Freire (1996) nos ensina que:

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. (FREIRE, 1996, p. 12).

Logo, ensinar é também autodesenvolvimento, uma vez que ao ensinar o outro se tem a oportunidade de aprender com ele para além do conteúdo escolar. Ensinar também é uma atividade que pode ser desenvolvida entre pares de maneira eficiente por meio da monitoria. Segundo Frison (2016), a monitoria contribui para que os estudantes aprendam de uma forma interativa e sintam-se propensos a exporem dúvidas e dificuldades, pois se acredita que o modelo relacional e interativo criado nessa esfera estimule também relações afetivas e o desenvolvimento de capacidades cognitivas.

É importante destacar que monitores e estudantes compartilham a mesma linguagem, a mesma forma de pensar e, muitas vezes, a mesma realidade, características que podem ajudar na contextualização das atividades de ensino e promover maiores significados para aprendizagem, uma aprendizagem que faça sentido para o estudante. A educação, segundo Moran (2015), está cada vez mais horizontalizada, manifestando-se em diversas interações grupais ou personalizadas. Observa-se, assim, cada vez mais a importância da comunicação entre pares, entre iguais para o processo de aprendizagem, uma vez que compartilham interesses e vivências.

A aproximação entre pares, de acordo com Natário e Santos (2010), possibilita ao monitor perceber possíveis dificuldades tanto no conteúdo como na disciplina, como também compreender com mais sensibilidade os problemas que os estudantes costumam enfrentar em vésperas de avaliações, acúmulo de trabalhos e, principalmente, início e final de semestre. Nessas situações, se o monitor estiver preparado, poderá ajudá-los. Conceição *et al.* (2017) acrescentam que as atividades desenvolvidas na monitoria contribuem para preparar futuros profissionais com capacidade para atuar em situações sociais mais complexas, sejam eles futuros docentes ou não.

Sem dúvida, as práticas pedagógicas aprendidas pelos monitores nas atividades de monitoria abrem a possibilidade de interesse pela docência, além de promover a cooperação mútua entre estudantes e professores, contribuindo para a formação de ambos. “Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar” (FREIRE, 2012, p. 155).

Em relação à docência, Amato (2016) também se pronuncia sobre a monitoria:

[...] o programa caracteriza-se como elemento incentivador à formação docente já que oportuniza ao aluno atividades de reforço às aprendizagens, a pesquisa sobre assuntos da disciplina em questão assim como a assistência aos estudantes nas práticas educativas. Como consequência, são promovidas a interdisciplinaridade, a autonomia acadêmica, a responsabilidade, a cooperação e a formação crítica. (AMATO, 2016, p. 41).

Percebemos assim que, além de proporcionar uma possibilidade de formação docente, a monitoria possibilita, principalmente, ao estudante monitor, aprimorar o desenvolvimento dos aspectos sociais, emocionais e cognitivos. O trabalho desenvolvido por meio da monitoria propicia ao monitor a reflexão “sobre a complexidade dos conteúdos e compreender a peculiar natureza social e cultural dos saberes que aprendem, através das atividades planejadas e realizadas coletiva e sistematicamente” (FRISON; MORAES, 2010, p. 151).

Natário e Santos (2010) abordam os estudos do pesquisador Heward para ressaltar a importância da monitoria. Segundo elas, o pesquisador considera que o ensino decorrente da monitoria é “o mais intenso e personalizado de todos os processos de ensino-aprendizagem já estudados” (NATÁRIO; SANTOS, 2010, p. 357). Acrescentam que monitor e estudante acabam por buscar conhecimento por meio da interação social e cognitiva e que a colaboração e a participação tornam as pessoas mais comprometidas, envolvidas e cúmplices. O trabalho integrado de monitor e docente orientador poderá prover ações que favoreçam o ensino e a aprendizagem. Neste sentido, a função do monitor poderá ir além do significado estabelecido institucionalmente, poderá adquirir novos sentidos. Vieira (2019) entende que o sentido é uma construção que ocorre a partir da vivência, por isso seu caráter é a subjetividade, apesar do ponto de partida ser o significado da palavra monitoria, nem sempre será o ponto de chegada, pois novos sentidos serão produzidos, principalmente, pelos monitores e docentes.

É importante salientarmos, também, que um programa institucional de monitoria pode trazer benefícios financeiros, principalmente aos estudantes que se encontram em condições de vulnerabilidade socioeconômica, contribuindo para sua permanência na escola e, uma vez permanecendo e desenvolvendo a atividade de monitoria, tais benefícios tornam-se ainda mais relevantes. Segundo Chagas e Chagas (2018), a importância da monitoria vai além da remuneração recebida através da bolsa, pois:

[...] no aspecto humanístico há um ganho teórico-prático para o monitor essencial na sua formação, desenvolve habilidade de autoavaliação, confiança, autonomia e principalmente vivencia novas relações interpessoais e de troca de conhecimentos entre o professor e demais alunos. (CHAGAS; CHAGAS, 2018, p. 39).

Dantas (2014) não tem dúvidas que a monitoria é de suma importância para a melhoria da qualidade do ensino, pois se constitui em uma atividade plena que auxilia e expande saberes pedagógicos, bem como a criatividade, a pesquisa e a sensibilidade didático-pedagógica na relação monitor/docente e monitor/colega. Porém, defende que é preciso ficar atento às incoerências entre discurso e a prática do que se constitui a monitoria. Por vezes, confirma-se o desconhecimento do papel do monitor por parte dos docentes e coordenadores.

Nesse contexto, ter conhecimento sobre qual é o papel e a função do monitor são essenciais para a qualidade das atividades de monitoria, ou ainda, de acordo com Natário e Santos (2010), para que o monitor não acabe desempenhando atividades que não sejam relacionadas com a monitoria, como secretário particular, digitador, auxiliar de laboratório, corretor de lista de exercícios, ou melhor, para não se tornar mão de obra qualificada. Vieira (2019) entende, ainda, que quando a orientação é precária, o sentido formativo da monitoria é esvaziado, ou seja, o estudante passa a desenvolver as atividades que não contribui com sua formação.

Desse modo, além de conhecer o papel e a função do monitor, não se deve considerar a monitoria uma atividade de ensino fácil, pois, segundo Frison (2016), esta prática é exigente e, por isso, requer acompanhamento e cuidado constante na formação dos monitores, tornando o papel do docente orientador indispensável. Frison e Moraes (2010) trazem, pautadas em Duran e Vidal, que:

[...] é preciso investir na formação prévia dos monitores, oferecer esclarecimentos necessários para o bom desempenho da função; organizar supervisão sistemática, por parte dos professores titulares da disciplina ou coordenadores de curso, em especial nas atividades que dizem respeito ao ensino; oportunizar reflexão sobre a mudança de concepção com a prática tradicional, rompendo com a lógica de o professor ser o único depositário do saber e da transmissão linear de conhecimentos. (FRISON; MORAES, 2010, p. 156).

Sá e Almeida (2019), em pesquisa realizada no Instituto Federal de Minas Gerais em uma unidade localizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte, concluíram que a monitoria proporcionou aos monitores vivenciar o processo de ensino e aprendizagem, uma maior interação entre professor e estudante e a redução de reprovação e evasão. Constataram, porém, que ainda falta divulgação aos estudantes sobre o programa de monitoria. Esse fato permite inferir que a monitoria pode não estar sendo desenvolvida em todas as suas potencialidades, seja pela carência de divulgação, de informação ou mesmo de materiais de apoio.

É inegável a sua relevância para a melhoria da qualidade do ensino, para o fortalecimento dos cursos e para a formação plena dos estudantes. É também, segundo

recomendações do documento intitulado Políticas Públicas para redução do abandono e evasão escolar de Jovens, parte indispensável de qualquer política de promoção do engajamento com atividades escolares a implementação, em toda escola, de programas de monitoria (INSPER *et al.*, 2017).

Os conceitos e estudos apresentados nestas seções foram essenciais para nos guiar na compreensão das atividades de monitoria, em sentido amplo, como uma situação social de desenvolvimento que possibilita a transformação, como também para propor o manual interativo como instrumento de mediação, conforme descrito anteriormente.

2.2.5 A monitoria no IFMS

A Monitoria no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul - IFMS é uma das ações do Programa de Permanência e Êxito dos estudantes do IFMS, um Programa que visa o enfrentamento das situações relativas aos fatores mais recorrentes de evasão, retenção e baixo desempenho dos estudantes (IFMS, 2019).

O Programa de Monitoria do IFMS, de acordo com o seu regulamento, é entendido como uma estratégia institucional que auxilia o processo de ensino e aprendizagem das unidades curriculares que apresentam maiores índices de retenção nos cursos técnicos e de graduação, cujos objetivos são prestar apoio extra ao espaço de sala de aula para os estudantes que se encontram com dificuldades em unidades curriculares e/ou conteúdos e despertar no estudante o interesse pelo ensino por meio de atividades extracurriculares (IFMS, 2017). Conforme consta no regulamento a finalidade do programa é:

Art. 4º A monitoria tem a finalidade de fortalecer a articulação entre teoria e prática, assim como promover a cooperação mútua entre discentes e docentes e permitir ao estudante a experiência com as atividades pedagógicas. (IFMS, 2017, p.6).

O IFMS iniciou seu Programa de Monitoria em 2014, tendo como bases legais, atualmente, o Regulamento do Programa de Monitoria do IFMS (Resolução nº 007, de 13 de março de 2017) e o edital de seleção. A monitoria é desenvolvida em todos os campi do IFMS, nas cidades de Aquidauana, Campo Grande, Corumbá, Coxim, Dourados, Jardim, Naviraí, Nova Andradina, Ponta Porã e Três Lagoas, ofertando vagas de monitor para cursos de graduação e cursos Técnicos Integrados. No período de 2014 a 2021 foram ofertadas, de

acordo com os editais de seleção⁷, 2.124 vagas com bolsas de monitoria. No entanto, foram preenchidas 1.633.

Semestralmente, o edital de seleção é publicado pelo IFMS em seus canais de comunicação, informando os critérios para participar do processo seletivo, as disciplinas contempladas para serem monitoradas e a quantidade de vagas. O quantitativo de vagas é definido a cada edital. No processo seletivo para o segundo semestre de 2021 foram disponibilizadas pelo IFMS 176 bolsas de monitoria, no valor individual mensal de R\$150,00 para os estudantes do curso técnico e R\$300,00 para os estudantes do curso de graduação, por um período de três meses.

Para se candidatar a uma vaga de monitoria, o estudante não pode estar no primeiro período do curso e deve estar aprovado na unidade curricular da área da monitoria pretendida. O estudante que optar por concorrer a uma vaga de monitoria necessita fazer a inscrição e anexar o histórico escolar (em endereço eletrônico). Posteriormente, é entrevistado individualmente pelo docente orientador, que avaliará, entre outros aspectos, a disponibilidade, o interesse em ensinar, a desenvoltura e o conhecimento sobre a unidade curricular. Para a seleção dos monitores é considerada a média da nota da entrevista e o Coeficiente de Rendimento do estudante na unidade curricular da área à qual está concorrendo (IFMS, 2021).

A monitoria pode ser desenvolvida na modalidade bolsista ou voluntária. Na modalidade bolsista, o estudante receberá um auxílio financeiro mensal durante o semestre letivo. Os estudantes participantes do processo seletivo e não classificados para receber o auxílio podem participar como voluntários na disciplina à qual se inscreveram, respeitadas todas as normas constantes no edital e no regulamento do programa.

Após ser selecionado para ser monitor, o estudante deverá formalizar a monitoria por meio do Termo de Compromisso e suas atividades devem ser desenvolvidas em período de oito horas semanais, não podendo ultrapassar quatro horas diárias. O monitor responsabiliza-se também pelo preenchimento e apresentação de sua folha de frequência ao final de cada mês de atividade e, no final do semestre, deverá apresentar o relatório com as atividades desenvolvidas, resultados obtidos e sugestões de melhoria do programa.

A função do monitor bolsista ou voluntário é prestar apoio aos estudantes que procuram a monitoria com dúvidas ou dificuldades na aprendizagem de determinado conteúdo

⁷ O edital de seleção do primeiro semestre de 2020 foi cancelado em virtude da suspensão das atividades presenciais motivada pela pandemia Covid-19. Portanto, as vagas não foram contabilizadas.

ou disciplina. As atividades que o monitor deverá desenvolver ao longo do semestre devem constar no Plano de Atividades, elaborado pelo docente orientador juntamente com o monitor.

Quanto às vedações é interessante destacarmos o cuidado para que o monitor não exerça a função de ajudante do professor, não assuma a função do docente e, tampouco, de técnico-administrativo:

Art. 11 São vedadas ao monitor as seguintes atividades: I - o exercício de atividades técnico-administrativas; II - a regência de classe, em aulas teóricas e/ou práticas, em substituição ao professor titular da unidade curricular; III - o preenchimento de documentos oficiais, de responsabilidade docente; IV - a correção de prova ou outros trabalhos que impliquem a atribuição de mérito ou julgamento de valor; e V - a resolução de listas de exercícios ou outros trabalhos, limitando-se ao auxílio aos estudantes que buscam o apoio da monitoria. (IFMS, 2017, p. 8).

Ao final do processo, se desejar, o monitor bolsista poderá receber a declaração de monitoria e o monitor voluntário receberá o certificado de monitoria voluntária. De acordo com o art. 5º do Regulamento, a monitoria é uma atividade optativa tanto para os cursos técnicos como de graduação e, portanto, poderá ser pontuada como Atividade Diversificada para cursos técnicos ou Atividade Complementar para os cursos de graduação. Essas atividades são componentes da estrutura curricular dos cursos e sua carga horária é contabilizada para sua integralização. Será contabilizada, também, a carga horária de orientação, nas atividades do docente orientador (IFMS, 2021).

Ao docente orientador cabe a função de orientar, auxiliar, supervisionar e avaliar as atividades desenvolvidas pelo monitor, estabelecidas por ambos no plano de atividades. Além de sua responsabilidade em relação ao estudante monitor, é também de sua competência encaminhar os estudantes que necessitem de apoio à aprendizagem para monitoria. Entendemos, assim, que há toda uma preocupação com a formação de ambos os estudantes.

Compete, ainda, ao docente orientador, encaminhar o Plano de Atividades e o Relatório Final para a coordenação local do programa. A coordenação encaminhará à Direção de Ensino do campus, que deverá elaborar o relatório conclusivo e encaminhar, semestralmente, à Pró-Reitoria de Ensino. Apesar dos instrumentos que norteiam o programa, percebemos a ausência de instrumentos de valorização, conscientização, informação ou mesmo de uma devolutiva à comunidade educacional dos resultados do programa.

No capítulo seguinte apresentaremos o percurso metodológico para o desenvolvimento da pesquisa, sua caracterização e a justificativa da abordagem adotada. Em seguida, apresentaremos as etapas e instrumentos da pesquisa propostos a partir do quadro de indicadores e descreveremos o *locus* e os participantes da pesquisa.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Caracterização da pesquisa

Este estudo adotou uma investigação de abordagem qualitativa, de natureza aplicada e, quanto aos objetivos, são descritivo-explicativos. Foram seguidas as etapas da pesquisa qualitativa sugeridas por Gil (2019): planejamento, coletas de dados, resultados e discussões e, por último, redação final. Para compreendermos melhor essa abordagem de pesquisa recorreremos a alguns autores.

Segundo Gil (2019), a pesquisa qualitativa adota um enfoque interpretativista, isto é, o mundo e a sociedade, além de serem entendidos a partir da perspectiva daqueles que o vivenciam, devem considerar o objeto de pesquisa construído socialmente e toda a complexidade existente nas interações sociais. Para Silveira e Córdova (2009), a abordagem qualitativa busca explicar o porquê da situação/do fenômeno, bem como não quantificar valores, uma vez que os dados analisados não são métricos. Minayo (2009) corrobora ao discorrer que a pesquisa qualitativa:

[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO, 2009, p. 21).

Nas palavras de Goldenberg (2004, p. 50, aspas simples são destaque da autora), a pesquisa qualitativa proporciona um “mergulho em profundidade dentro de ‘um grupo bom’ para pensar questões relevantes para o tema estudado”. Portanto, ao nos propormos analisar as concepções de docentes e estudantes quanto ao papel da monitoria no processo de permanência e êxito no âmbito da educação integrada do IFMS – a partir da aplicação de um manual interativo – entendemos que a abordagem qualitativa foi uma alternativa viável tanto para atender ao tema quanto ao objetivo deste estudo.

Quanto à natureza, Gil (2019) apresenta a pesquisa pura (ou básica), relacionada ao desejo de se conhecer sem a necessidade de aplicação prática, ou seja, sem uma preocupação com possíveis consequências práticas e mais voltada à ordem intelectual, objetivando o desenvolvimento de teorias e leis. Por outro lado, apresenta, também, a pesquisa aplicada, relacionada à necessidade de uma aplicação prática – não deixando de lado a ordem intelectual, pois é necessário conhecer o objeto de estudo – sem procurar desenvolver teorias e leis, mas preocupando-se em propor soluções a problemas específicos e de interesses locais.

A natureza aplicada deste estudo apresenta-se pela própria característica deste programa de mestrado, que estabelece que o trabalho de conclusão de curso deva constituir-se no desenvolvimento de um produto de aplicação imediata no contexto educacional. De acordo com Rizzatti *et al.* (2020), os produtos educacionais podem ser desenvolvidos em diferentes formatos – como tecnologia social, material didático/instrucional, software/aplicativo, manual/protocolo e processo educacional – desde que sejam resultados de uma atividade de pesquisa e apresentem potencial de aplicabilidade por terceiros, assim como a possibilidade de adaptação para outras realidades educacionais. Desse modo, ao desenvolvermos como produto educacional o manual interativo, visando não somente complementar, mas também contribuir para um melhor entendimento sobre o Programa de Monitoria e sua relevância no contexto educacional, defendemos que a natureza do nosso estudo é aplicada.

Quanto aos objetivos, Gil (2019) esclarece que a pesquisa poderá ser exploratória, descritiva ou explicativa. Segundo o autor, a pesquisa exploratória não apresenta grande rigidez em seu planejamento, tende a ser parte de estudos que serão testados posteriormente. Por isso, costumam apresentar uma visão geral de determinado objeto de estudo. Dentre suas finalidades estão o desenvolvimento, esclarecimento e modificação de conceitos. No geral, envolve as pesquisas bibliográficas e documentais e tende a utilizar técnicas como entrevistas não padronizadas e análises de casos.

Ao conceituar a pesquisa descritiva, Gil (2019) explica que o seu principal objetivo é descrever características de determinada população, fatos e fenômenos. Envolve técnicas padronizadas de coletas de dados e, dentre as várias pesquisas descritivas, encontram-se aquelas que objetivam levantar opiniões, atitudes e crenças de determinada população ou grupo. O autor esclarece ainda que, em alguns casos, a pesquisa descritiva pode se aproximar da exploratória ou da explicativa. Se for utilizada para proporcionar uma nova visão do problema, aproxima-se da exploratória, e aproxima-se da explicativa quando “vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação” (GIL, 2019, p. 26).

A pesquisa explicativa é, segundo Gil (2019), aquela que, além de registrar e analisar os fenômenos, preocupa-se em identificar as causas que ocasionam ou determinam tais fenômenos. “É o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas” (GIL, 2019, p. 26). O autor alerta que pesquisas explicativas são passíveis de erros, pois requerem interpretação de dados, em alguns casos, de caráter subjetivo. Por sua vez, González-Rey (2017) defende que uma das características da

pesquisa qualitativa é permitir ao pesquisador refletir acerca das informações colhidas. Desse modo, é na subjetividade do ser que podemos compreender seu contexto histórico-cultural.

Com base nas explicações anteriores, entendemos que, ao analisarmos as concepções de docentes e estudantes quanto ao papel da monitoria no processo de permanência e êxito no âmbito da educação integrada, compreendendo o contexto de execução do Programa de Monitoria do IFMS e evidenciando a visão de estudantes e docentes quanto aos objetivos do Programa de Monitoria, nosso estudo quanto aos objetivos possui características descritivo-explicativas.

Quanto aos procedimentos técnicos de coleta de dados, Gil (2002; 2018; 2019) sugere que façamos a classificação da pesquisa qualitativa de acordo com o seu delineamento, definidos em dois grandes grupos: dados fornecidos por fontes bibliográficas e documentais – pesquisa bibliográfica e documental; e dados obtidos por meio das pessoas – a pesquisa *ex-post-facto*, narrativa, etnográfica, fenomenológica, teoria fundamentada nos dados (*groundedtheory*), pesquisa-ação, participante, estudo de caso e estudo de campo.

No entanto, Yin (2016) e Gil (2019; 2002) esclarecem que, em estudos qualitativos, podem ocorrer situações nas quais não será possível determinar uma de suas variantes. No caso específico do delineamento, a classificação sugerida não deve ser tomada com rigidez, “visto que algumas pesquisas, em função de suas características, não se enquadram facilmente num ou noutro modelo” (GIL, 2002, p. 44).

Após analisarmos as classificações sugeridas por Gil (2002), adotamos a pesquisa de estudo de campo por entendermos que nosso estudo se aproxima de suas características. O estudo de campo, segundo Gil (2002), apresenta maior flexibilidade, podendo ocorrer reformulações no decorrer da pesquisa; estuda a realidade específica de uma comunidade ou grupo de trabalho, de estudo, de lazer ou qualquer outra atividade humana e evidencia a interação entre os integrantes do grupo. As técnicas de pesquisa utilizadas tendem a ser observação das atividades do grupo e entrevistas para obtenção de explicações e interpretações sobre o que ocorre naquela realidade, podendo ser associado com técnicas de análise de documentos, entre outras. Desse modo, analisamos a realidade dos integrantes do Programa de Monitoria (monitores e docentes orientadores), evidenciando o entendimento sobre o Programa de Monitoria pelos monitores e docentes orientadores, a partir de suas realidades.

3.2 Etapas e instrumentos

Alves-Mazzotti (2001, p.163) explica que “as pesquisas qualitativas são caracteristicamente multimetodológicas, pois usam uma grande variedade de procedimentos e instrumentos de coleta de dados”. Isso não significa que tudo é válido em pesquisas sociais, pois a confiabilidade e aplicabilidade dependerão da seleção adequada de procedimentos, de instrumentos, de interpretação dos dados, da divulgação dos resultados e conclusões e do diálogo com a comunidade científica.

Neste estudo foram implementadas técnicas de pesquisa como levantamento bibliográfico e documental e a entrevista semiestruturada. A fundamentação teórica, o diálogo com os monitores e docentes orientadores, bem como análise das entrevistas, constituíram elementos imprescindíveis para o entendimento dos pressupostos que orientam as práticas de monitoria e a elaboração do produto educacional. Vejamos com detalhes as etapas realizadas.

3.2.1 Planejamento e levantamento bibliográfico e documental

No primeiro momento realizamos o planejamento da pesquisa, definindo o tema, problema, objetivos, justificativas, métodos, *lócus*, participantes e levantamento inicial de materiais. Em seguida, aprofundamos o levantamento bibliográfico com o propósito de conhecermos os trabalhos desenvolvidos sobre a temática e o levantamento documental, a partir dos arquivos disponibilizados na página oficial do IFMS (PPEE, PEIPEE), com a atenção voltada aos documentos referentes ao Programa de Monitoria (Regulamento, Resoluções, Relatórios e Editais) – para compreendermos o atual contexto de execução do Programa de Monitoria no IFMS.

Os materiais foram selecionados de acordo com os seguintes critérios: Temático (palavras-chaves: monitoria, ensino médio, ensino médio integrado, educação profissional e tecnológica, evasão e retenção); Linguístico (idioma português); Fontes (Livros, Portal de Periódicos da CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, *SciELO – Scientific Electronic Library Online*, EduCapes, outros em arquivos das instituições educacionais, e os documentos disponibilizados pela instituição, citados anteriormente); e Cronológico (pesquisas desenvolvidas a partir de 2000 até publicações de 2020).

Para a seleção dos dados realizamos a leitura de reconhecimento. Iniciamos com a leitura dos títulos, resumo e, posteriormente, nos dedicamos aos textos, com o objetivo de selecionarmos os trabalhos que apresentassem dados referentes ao tema. Foram considerados

os trabalhos desenvolvidos em cursos superiores de educação, pois a legislação que norteia os programas de monitoria encontra-se no capítulo quatro – “Da Educação Superior” – da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/1996). Seleccionamos, também, os trabalhos desenvolvidos em escolas públicas de ensino médio, por entendermos que os resultados poderiam contribuir com outras unidades educacionais, inclusive o produto educacional. Parte do material selecionado, principalmente os trabalhos desenvolvidos na Educação Profissional e Tecnológica dos Institutos Federais, foi utilizada para submissão do artigo científico exigido como critério para a defesa desta dissertação.

Nessa primeira etapa, como a pesquisa envolve seres humanos, solicitamos ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul a autorização para realização da pesquisa no Campus Campo Grande e, posteriormente, submetemos o projeto de pesquisa à Plataforma Brasil para apreciação ética, cuja aprovação deu-se pelo Conselho de Ética e Pesquisa da Universidade Católica Dom Bosco, parecer nº 4.085.129. De acordo com Gil (2019), em pesquisas sociais devemos procurar evitar ações que sejam danosas aos seres humanos, dando-lhes garantia de participação voluntária, anonimato, com respaldo legal e, sobretudo, devemos criar um ambiente de confiança e respeito.

Ao final dessa etapa, constituímos um panorama sobre a Educação Profissional e Tecnológica no âmbito brasileiro; identificamos um panorama sobre a monitoria no IFMS; seleccionamos estudos desenvolvidos sobre a monitoria no contexto educacional; recorremos aos pressupostos da teoria histórico-cultural como referência para compreendermos a monitoria. Esse referencial teórico nos orientou na análise dos dados primários, que foram coletados no campo por meio das entrevistas pré e pós-aplicação do manual.

Propusemos os instrumentos que auxiliaram o percurso metodológico da pesquisa a partir de questões orientadoras, denominadas de indicadores, que nos ajudaram a contemplar os objetivos específicos, visando o atendimento do objetivo geral da pesquisa. Assim, a cada objetivo é identificado um conjunto de perguntas e os instrumentos necessários para coletar e analisar os dados, cuja análise posterior nos permitiu verificar se alcançamos tais respostas (SANAVRIA, 2014). Apresentamos, no Quadro 1, a relação entre objetivos, indicadores e instrumentos da nossa pesquisa.

Quadro 1: Relação entre objetivos, indicadores e instrumentos.

Objetivo Geral	Analisar as concepções de docentes e estudantes quanto ao papel da monitoria no processo de permanência e êxito no âmbito da educação integrada do IFMS, a partir da aplicação de um manual interativo.	
Objetivos Específicos	Indicadores	Instrumentos
Compreender o atual contexto de execução do Programa de Monitoria do IFMS.	a) Qual a relevância da monitoria no contexto educacional? b) Como é a inserção do Programa de Monitoria no IFMS? c) Como é a inserção do Programa de Monitoria no Campus Campo Grande? d) Qual o perfil dos estudantes participantes do Programa de Monitoria do IFMS Campus Campo Grande? e) Os monitores estão ou são preparados para desenvolver as atividades de monitoria? f) Como se obtém a informação para participar do programa?	a) Levantamento bibliográfico b) Levantamento documental c) Levantamento documental d) Levantamento documental / Entrevista e) Entrevista f) Entrevista
Evidenciar a visão de estudantes e docentes quanto aos objetivos do Programa de Monitoria e suas relações com a permanência e êxito.	a) Qual o entendimento de monitoria pelos monitores e docentes? b) Os objetivos do Programa são claros para os monitores e docentes, principalmente quanto ao aspecto da Permanência e êxito? c) Há coerência entre discurso e prática ou mesmo se há conhecimento sobre a função/Competência do monitor e do docente orientador? d) Os monitores se sentem preparados para atuar no Programa de Monitoria?	a) Entrevista b) Entrevista c) Entrevista d) Entrevista
Desenvolver um manual que permita o contato com informações essenciais ao programa e a interação entre os seus participantes.	a) O que é um manual enquanto instrumento de prática educativa? b) Como elaborar um manual interativo? Qual a linguagem e estrutura de um manual interativo? c) Quais informações são essenciais para um manual do Programa de Monitoria do IFMS?	a) Levantamento bibliográfico b) Levantamento bibliográfico c) Levantamento documental

Quadro 1: Relação entre objetivos, indicadores e instrumentos.

(continuação)

	d) Como organizar a informação para que seja de fácil assimilação por parte dos interessados? e) Como destacar os vários benefícios decorrentes da monitoria, além do aspecto financeiro?	d) Levantamento bibliográfico e) Levantamento bibliográfico
Analisar os elementos do manual que possam contribuir para um melhor entendimento do Programa de Monitoria do IFMS e seus objetivos	a) Após a aplicação do manual, houve mudança em relação à compreensão sobre o Programa de Monitoria? b) Quais elementos do manual contribuíram ou não para a conscientização da importância da monitoria como instrumento de permanência e êxito? c) Como possibilitar um novo olhar para o Programa de Monitoria com a finalidade de aperfeiçoar o seu potencial?	a) Entrevista b) Entrevista c) Entrevista / Conclusão do estudo

Fonte: os autores.

A seguir, descreveremos as etapas correspondentes à execução da pesquisa.

3.2.2 Coleta de dados - Entrevistas com estudantes monitores e docentes orientadores

No segundo momento, realizamos a coleta de dados de campo por meio de entrevistas semiestruturadas com monitores e docentes orientadores, com as quais buscamos identificar as concepções e práticas que sustentavam o programa. Segundo Alves-Mazzotti (2001), a entrevista possibilita a interação entre entrevistado e entrevistador e isso permite que os dados sejam colhidos em maior profundidade, podendo, inclusive, ser a técnica principal de coleta de dados. Gil (2019) acrescenta que a entrevista é uma forma de diálogo assimétrico no qual uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informações.

As questões das entrevistas foram organizadas de forma a atender os indicadores descritos no Quadro 1. Algumas delas foram adaptadas de modelos existentes – tais como Natário e Santos, 2010; Bezerra, 2012; Souza, 2019 – e outras foram por nós propostas. Optamos pelas questões semiestruturadas, pois elas possibilitaram obter um maior número de respostas, uma vez que propiciaram aos entrevistados fornecer outras informações relevantes ao tema pesquisado, além de nos permitir observar a expressão corporal, a tonalidade de voz e

a ênfase nas respostas do entrevistado. De acordo Selltiz *et al.* (1967 apud GIL, 2008, p.109), “a entrevista permite obter informações acerca do que as pessoas sabem, esperam, sentem, desejam, fazem ou fizeram”. Isso nos possibilitou entender melhor a concepção de monitoria por parte dos entrevistados e foi fundamental para verificarmos se o manual proposto poderia contribuir com o Programa de Monitoria.

Para coleta de dados, inicialmente entramos em contato por e-mail com a Diretoria de Ensino do campus Campo Grande, esclarecendo a finalidade e a importância da pesquisa para o contexto educacional. No e-mail foi anexado o Termo de Autorização concedido pelo IFMS. A direção encaminhou o e-mail para o setor responsável pela monitoria que se colocou à disposição para colaborar com a pesquisa. Em um primeiro momento, obtivemos algumas informações referentes ao quantitativo de monitores bolsistas e voluntários desde o início das atividades no campus, sobre o processo seletivo, sobre o andamento das atividades e as documentações exigidas. No entanto, em 2020-1, o edital de seleção de monitoria foi cancelado em virtude da suspensão das atividades presenciais motivada pela pandemia da Covid-19.

Após algumas reformulações na pesquisa, retomamos o contato no segundo semestre de 2021. Solicitaram-nos que aguardássemos os estudantes selecionados assinarem o Termo de Compromisso com IFMS. Posteriormente, o setor responsável encaminhou e-mail aos estudantes monitores e docentes orientadores explicando sobre a pesquisa e que, posteriormente, entraríamos em contato. Em seguida, nos disponibilizaram a relação de monitores e docentes orientadores daquele semestre. Iniciamos nossos contatos com os estudantes por WhatsApp®, uma vez que foi nos explicado que os estudantes não acessam o e-mail com frequência. Encaminhamos, posteriormente, aos docentes, monitores e responsáveis, por e-mail, o convite e o termo de autorização de pesquisa, via Plataforma Google Forms®, nos apresentando e discorrendo sobre a pesquisa, o objetivo e a importância da colaboração dos convidados para o Programa de Monitoria, bem como para o desenvolvimento do produto educacional. O formulário continha, também, os Termos de Consentimento (TCLE) e Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Os referidos documentos esclareceram informações da pesquisa, tais como: justificativa, objetivos e procedimentos; possíveis desconfortos, riscos e benefícios; forma de acompanhamento e assistência; garantia de esclarecimento, liberdade de recusa e garantia de sigilo e ausência de custos de participação.

Dos 18 monitores selecionados no edital de monitoria do segundo semestre de 2021, 16 concordaram participar da entrevista, mostrando-se bastante receptivos e, principalmente, agradecidos por poderem contribuir com nosso estudo:

Nossa! Eu gostei da ideia do manual! Eu dei uma “lidinha” ali e disse: eu tenho que contribuir com isso! Maravilhoso! Acho que vai ajudar quem precisa e quem está dando a monitoria. (MONITOR 6).

Em relação aos dois monitores que não participaram do estudo, um deles sinalizou não querer participar e o outro, apesar das três tentativas, não se manifestou em nenhum momento. Em relação aos 15 docentes orientadores, apenas cinco concordaram com a pesquisa. Dos demais, não obtivemos nenhuma resposta, após três tentativas. Das 21 entrevistas realizadas na primeira coleta de dados, apenas três foram reagendadas. Foram entrevistados 14 monitores do Ensino Médio Técnico Integrado, dois monitores dos cursos de Graduação e cinco docentes responsáveis por esses monitores. A segunda fase foi composta por 19 entrevistas; 15 monitores e quatro docentes, sendo 13 monitores do Ensino Médio Técnico Integrado e dois da Graduação. Ressaltamos que, na seleção de estudantes e docentes para fazer parte do *corpus* das entrevistas, buscamos dar oportunidade a todos os selecionados do Edital n. 61/2021.

As entrevistas foram individuais, realizadas nos meses de setembro a dezembro de 2021. A primeira fase ocorreu no período de 22 de setembro a 18 de outubro. A segunda, no período de 20 de outubro a 11 de dezembro. Tendo em vista o cenário da pandemia da Covid-19, elas foram realizadas por meio do aplicativo de videoconferência Hangouts Meet[®]. Ao iniciarmos as entrevistas, esclarecemos alguns aspectos da pesquisa, explicamos que seriam duas entrevistas: a primeira para conhecermos a monitoria por meio deles; e a segunda para apresentarmos a proposta do Manual de Monitoria. Abordamos, ainda, o TCLE novamente e a necessidade de gravarmos a entrevista para posterior transcrição e coleta de informações. Após o consentimento dos participantes, dávamos início aos questionamentos. Como a entrevista semiestruturada permite a adequação das questões no momento de sua aplicação, em alguns momentos surgiram novos questionamentos, como por exemplo: se os monitores utilizavam o auxílio de outros monitores; se docentes haviam vivenciado a experiência de serem monitores; entre outras. As entrevistas ocorreram de forma bastante tranquila, tiveram duração média de trinta minutos na primeira fase e, na segunda, de vinte minutos.

Algumas questões da primeira entrevista (1 a 6), após alguns ajustes, foram reaplicadas na avaliação do produto educacional, para verificarmos a concepção de monitoria após o produto educacional. Não houve necessidade de reaplicarmos todas, pois algumas foram para nos guiar na produção do produto e novas questões (7 a 14) foram propostas para avaliar o produto. Para essa avaliação, levamos em consideração alguns elementos sugeridos por Farias e Mendonça (2019), tais como: compreensão da mensagem/conteúdo, dificuldades

encontradas, capacidade de replicação. Além disso, acrescentamos: aceitação do produto e contribuições encontradas. Os roteiros das entrevistas estão detalhados nos Apêndices A, B, C e D, respectivamente.

Visando preservar a identidade dos participantes, nesta dissertação eles serão anonimamente referenciados. Assim, os entrevistados foram identificados pela denominação Monitor (a), seguida pelos números de 1 a 15 e Docentes, seguida pelos números de 1 a 5. Ao darmos números de identificação aos participantes, não estamos discordando de Rodríguez⁸ (2012), quando defende que pessoas não são números, que cada uma é única, singular e irrepetível, como observado por nós em cada entrevista. No entanto, esta foi a forma que encontramos para não utilizarmos nomes equivocadamente e acabar causando embaraços ou gerando confusões na interpretação dos dados que obtivemos.

3.2.3 Análises dos dados

Alves-Mazzotti (2001, p. 170) ressalta que a pesquisa qualitativa pode gerar um volume significativo de dados, os quais devem ser organizados por meio “de um processo continuado em que se procura identificar dimensões, categorias, tendências, padrões, relações, desvendando-lhes o significado” para possibilitar que sejam compreendidos. Desse modo, no terceiro momento, tendo como referência alguns pressupostos da técnica de análise de conteúdo, procuramos analisar e interpretar o material coletado.

A análise de conteúdo, de acordo com Bardin (2016), é um conjunto de técnicas de análise de comunicação que visam trabalhar a palavra (oral e escrita) e suas significações, isto é, procuram conhecer aquilo que está por trás das palavras, buscando outras realidades por meio das mensagens. Afirmar, ainda, que a sutileza da técnica está em ultrapassar as incertezas e enriquecer a leitura. Franco (2005) acrescenta que, na análise de conteúdo, é necessário que as descobertas sejam teoricamente relevantes e, para isso, é importante que o pesquisador seja capaz de ir além da descrição, seja capaz de produzir inferências. A produção de inferências, por sua vez, “[...] pressupõe a comparação de dados, obtidos mediante discursos e símbolos, com pressupostos teóricos de diferentes concepções de mundo, de indivíduo, e de sociedade” (FRANCO, 2005, p. 21). São as inferências que conduzem a interpretação dos dados, e possibilitam revelar outras realidades.

⁸A Educação Proibida, documentário indicado no nosso produto educacional.

Para aplicação da técnica de análise de conteúdo, Bardin (2016) indica três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A pré-análise, segundo Bardin (2016), é uma fase de organização, de escolhas dos documentos e de preparação do material para análise. Em um primeiro momento, portanto, realizamos as transcrições das entrevistas; em seguida, fizemos a leitura flutuante do material coletado – uma leitura mais intuitiva, reflexiva. Na sequência, definimos os documentos que foram analisados e elaboramos as unidades de registro que foram os objetos de análise.

Na fase seguinte (exploração do material), fizemos um recorte. Após várias leituras, resolvemos extrair das próprias questões as categorias e, a partir das respostas dadas, as subcategorias. Para a escolha das subcategorias levávamos em consideração as respostas que tinham sentidos semelhantes ou próximos.

Nesse contexto, a partir da categorização, desenvolvemos a última fase (tratamento dos resultados obtidos e interpretação). Estabelecemos, então, quadros, tabelas e figura para sintetizarmos e destacarmos as informações. Após essa etapa, extraímos do material coletado as concepções de monitores e docentes orientadores quanto ao papel da monitoria no processo de permanência e êxito no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica do IFMS Campus Campo Grande. Por fim, desenvolvemos a quarta etapa proposta por Gil (2019): a redação final ou considerações finais.

3.3 O *locus* e os participantes da pesquisa

Para desenvolvermos a pesquisa foram analisadas as concepções dos estudantes monitores e docentes orientadores quanto ao papel da monitoria no processo de permanência e êxito no âmbito da educação integrada dos cursos Técnicos Integrados de Informática, de Eletrotécnica, de Mecânica e dos cursos de graduação em Tecnologia em Sistemas para Internet e Engenharia Mecânica do IFMS Campus Campo Grande.

O público, como descrito anteriormente, incluiu os cursos de graduação, pois a verticalização no ensino é um dos pressupostos dos Institutos Federais, que possibilita a articulação entre os cursos de nível médio, graduação e pós-graduação, dando aos estudantes acesso a todas as etapas de ensino em uma mesma instituição (BRASIL, 2008). Dessa forma, o estudante do curso de graduação poderá exercer as atividades de monitoria nos cursos técnicos integrados, desde que atenda aos requisitos do edital de seleção. Ademais, o Regulamento do Programa é o mesmo para os cursos de nível técnico e de graduação. Desse

modo, ao abordarmos esse documento no produto educacional, sentimos a necessidade de ouvirmos o público de ambos os níveis.

Historicamente, o IFMS Campus Campo Grande surgiu como Escola Técnica Federal de Mato Grosso do Sul, a partir da Lei 11.534/2007. Em 2008, após a reestruturação da educação profissional, científica e tecnológica, foi transformado em campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS) pela Lei 11.892. Inicia suas atividades a partir do segundo semestre de 2010, ofertando vagas para cursos técnicos a distância. No ano de 2011, em sede provisória, inicia a oferta do curso de graduação em Tecnologia em Sistemas para Internet e dos cursos técnicos integrados de Eletrotécnica, Informática, Mecânica e, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja), o curso de Manutenção e Suporte em Informática. Em julho de 2017, iniciam-se as aulas na sede definitiva, localizada na Rua Taquari, 831, bairro Santo Antônio, cuja estrutura constitui-se de cinco blocos que abrigam 14 salas de aula, 20 laboratórios, 32 salas para setores administrativos, biblioteca, cantina, quadra poliesportiva e estacionamento (IFMS, PDI 2019-2023).

Em 2020, os cursos de graduação em Engenharia Elétrica e Engenharia Mecânica passaram a fazer parte do quadro de cursos superiores do campus. Atualmente, além dos técnicos integrados e dos cursos de graduação, oferta também pós-graduação *lato sensu* em Docência para a Educação Profissional, Científica e Tecnológica (EPTC), Ensino de Ciências e Matemática (este iniciado em 2022), e *stricto sensu* em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), cursos de idiomas a distância, técnico subsequente presencial e a distância e qualificação profissional.

O IFMS Campus Campo Grande tem como missão a promoção de uma educação de excelência, visando à formação de profissionais humanistas e inovadores que possam contribuir com o desenvolvimento econômico e social local, regional e nacional (IFMS, PDC 2014-2018). Para que a excelência seja possível, são indispensáveis instrumentos que possibilitem a melhoria da qualidade do ensino, a permanência e êxito dos estudantes, como o Programa de Monitoria.

O Programa de Monitoria no Campus está sob a responsabilidade da Diretoria de Ensino e conta com uma servidora técnico-administrativa responsável pela seleção das disciplinas (após as inscrições realizadas pelos docentes), informações constantes no edital de inscrição e resultado final referente ao campus, recebimento das inscrições, encaminhamento das entrevistas, conferências dos documentos, inscrição do candidato selecionado no Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP) e acompanhamento de todo o processo até a

entrega do relatório final, realizada pelo docente orientador e monitor. O controle de frequência do monitor ocorre por meio de biometria, após o cadastro das impressões digitais no SUAP. No entanto, do segundo semestre de 2020 até o segundo de 2021 a frequência foi registrada na Ficha de Atividades Desenvolvidas no Programa de Monitoria do IFMS, uma vez que as atividades não foram realizadas presencialmente em virtude do estabelecimento do regime de ensino remoto emergencial devido à pandemia de Covid-19.

De acordo com a servidora responsável, quando a oferta das atividades ocorre presencialmente não há espaço exclusivo para a monitoria, pois há insuficiência de salas no campus, tornando dificultoso o processo de acomodação dos monitores. Essa situação foi resolvida temporariamente, a partir do primeiro semestre de 2021, com a criação de uma sala de monitoria no ambiente virtual Moodle®, no qual é possível encontrar as áreas que contém monitores, bem como os respectivos horários, assim como meios de se entrar em contato com os monitores (*link* de sala de reunião, *e-mail*, WhatsApp®). Com o retorno presencial integral das aulas no primeiro semestre de 2022, as atividades voltaram a ser presencial.

No segundo semestre de 2021, os cursos que receberam monitores foram os cursos de Ensino Médio Técnico Integrado em Eletrotécnica, Informática e Mecânica e os cursos de graduação em Tecnologia em Sistemas para Internet e Engenharia Mecânica. Também foi aberta oferta de vagas para o curso de graduação em Engenharia Elétrica. No entanto, não houve candidatos. Do total de 319 vagas com bolsas ofertadas por meio dos editais de seleção, desde a implantação do programa até 2021, 194 receberam monitores no campus.

As áreas contempladas para receber monitor são aquelas com o maior índice de retenção e que, conseqüentemente, podem causar evasão nos cursos. No edital 061/2021 de seleção para o segundo semestre de 2021, objeto do estudo, o IFMS Campus Campo Grande recebeu 25 bolsas para os cursos técnicos integrados e cinco bolsas para os cursos de graduação (IFMS, 2021). As vagas foram para as áreas de: Acionamentos Eletrohidráulicos e Eletropneumáticos; Algoritmos e Programação 1; Algoritmos e Programação 2; Banco de Dados; Controladores Lógicos Programáveis; Elementos de Máquinas 1; Eletricidade Técnica I; Física 1; Física 2; Inglês 4; Laboratório de Eletricidade e Medidas 2; Laboratório de Eletricidade e Medidas 1; Laboratório de Eletricidade e Medidas 2; Linguagem de Programação 3; Matemática 1; Matemática 3; Matemática 1,2,3 e 4; Matemática 1,2,3,4 e 5; Matemática 1,2,3,4,5 e 6; Máquinas Elétricas e Acionamentos; Química 1; Química 6; Resistência dos Materiais; Tópicos em Linguagem de Programação 1; Usinagem com Ferramentas de Geometria Definida. Nos cursos de graduação, foram para as áreas:

Algoritmos; Laboratório de Eletricidade e Medidas Elétricas 1; Física - Oscilações, Ondas e Termodinâmica; Física - Eletricidade e Eletromagnetismo; Pré-Cálculo.

Das áreas contempladas foram preenchidas 16 vagas dos cursos técnicos (Algoritmos e Programação 1, Algoritmos e Programação 2, Banco de Dados, Eletricidade Técnica I, Controladores Lógicos Programáveis, Física 1, Física 2, Laboratório de Eletricidade e Medidas 1, Matemática 1, Matemática 3, Matemática 1,2,3 e 4, Matemática 1,2,3,4 e 5, Química 1, Química 6, Usinagem com Ferramentas de Geometria Definida, Resistência dos Materiais); e duas vagas dos cursos de graduação (Algoritmos e Pré-Cálculo). Inclusive, 11 delas tiveram dois ou mais candidatos; alguns foram desclassificados por não comparecerem à entrevista. Essas 18 vagas preenchidas tiveram 15 docentes orientadores, uma vez que alguns deles eram responsáveis por mais de uma área ou disciplina.

Abrimos um parêntese, aqui, para um dado que nos chamou a atenção: verificamos que quarenta por cento das vagas não receberam candidatos. Ao refletirmos sobre isso, fomos levados a inferir que pode se por: falta de divulgação mais eficiente ou pouco tempo para divulgar o edital; falta de conscientização sobre a monitoria, sua importância, os benefícios em participar; valor do auxílio não ser atrativo; impossibilidade de acumular auxílios; concorrência com os outros programas ou projetos. Nunes (2007) defende que é preciso valorizar a monitoria, porém nem todas as instituições fazem ações nesse sentido. Para ele, a monitoria deveria ser equivalente aos projetos de iniciação científica. Nesse sentido, defendemos que muitos temas para estudos podem ser extraídos da monitoria, ou melhor, há muito o que ser estudado nela.

Retomando, como já mencionado anteriormente, dos 18 monitores selecionados no período da pesquisa, 16 aceitaram o convite para participar do estudo, sendo 14 do técnico integrado e dois da graduação. Dos 15 docentes orientadores, cinco participaram do estudo. Na segunda fase da entrevista, ocorrida após a apresentação do produto educacional, 15 desses monitores participaram, sendo 13 do técnico e dois da graduação; e quatro docentes orientadores. Para análise dos resultados e discussões desconsideramos o monitor que não participou da entrevista pós-aplicação do manual.

As primeiras questões da entrevista inicial tiveram como objetivo conhecer o perfil dos participantes, em especial, as experiências anteriores com as atividades de monitoria. Em vista disso, perguntamos aos estudantes monitores qual a idade, o curso, o semestre matriculado, o curso monitorado, a modalidade da monitoria. Apresentamos, no Quadro 2, a síntese do perfil dos estudantes monitores participantes da pesquisa.

Quadro 2: Perfil dos estudantes monitores participantes da pesquisa.

ID	Idade	Curso matriculado	Semestre	Curso monitorado	Com bolsa?	Quantidade de vezes que exerceu a monitoria (com a atual)
M1	15	Técnico Integrado em Eletrotécnica	2º semestre	Técnico Integrado em Eletrotécnica	Sim	1
M2	17	Técnico Integrado em Mecânica	6º semestre	Unidade Curricular Básica	Sim	3
M3	17	Técnico Integrado em Eletrotécnica	6º semestre	Unidade Curricular Básica	Sim	1
M4	17	Técnico Integrado em Mecânica	6º semestre	Unidade Curricular Básica	Sim	3
M5	18	Técnico Integrado em Eletrotécnica	7º semestre	Técnico Integrado em Eletrotécnica	Sim	2
M6	18	Técnico Integrado em Informática	4º semestre	Técnico Integrado em Informática	Sim	2
M7	17	Técnico Integrado em Eletrotécnica	6º semestre	Unidade Curricular Básica	Sim	2
M8	22	Tecnologia em Sistemas para Internet	4º semestre	Tecnologia em Sistemas para Internet	Sim	1
M9	17	Técnico Integrado em Informática	4º semestre	Unidade Curricular Básica	Sim	1
M10	16	Técnico Integrado em Eletrotécnica	4º semestre	Unidade Curricular Básica	Sim	2
M11	17	Técnico Integrado em Informática	5º semestre	Unidade Curricular Básica	Sim	1
M12	16	Técnico Integrado em Mecânica	3º semestre	Unidade Curricular Básica	Sim	1
M13	15	Técnico Integrado em Mecânica	5º semestre	Técnico Integrado em Mecânica	Sim	1
M14	21	Engenharia Mecânica	3º semestre	Engenharia Mecânica	Sim	1
M11	17	Técnico Integrado em Informática	5º semestre	Unidade Curricular Básica	Sim	1
M13	15	Técnico Integrado em Mecânica	5º semestre	Técnico Integrado em Mecânica	Sim	1
M14	21	Engenharia Mecânica	3º semestre	Engenharia Mecânica	Sim	1
M15	17	Técnico Integrado em Informática	5º semestre	Técnico Integrado em Informática	Sim	1

Fonte: os autores.

Ainda em relação ao perfil, nove estudantes eram monitores e seis monitoras. Mas, se olharmos para o edital objeto do nosso estudo, percebemos que essa diferença é ainda maior,

pois são 12 estudantes monitores e seis monitoras, ou seja, há predominância do gênero masculino. Apenas um já exerceu a monitoria na modalidade voluntária. Três foram monitores na mesma disciplina por mais de uma vez e sete não conheciam as atividades de monitoria no formato presencial, uma vez que o ingresso no IFMS ocorreu no período de suspensão das atividades presenciais.

Um ponto que nos chamou a atenção em relação às modalidades da monitoria diz respeito ao número reduzido de estudantes que a exerceram voluntariamente ou mesmo desconheciam essa possibilidade. Sendo a monitoria uma oportunidade para aprimorar a aprendizagem, exercitar os primeiros passos na docência, colaborar na aprendizagem dos demais estudantes, sentimos necessidade de abordar o tema no produto educacional.

Outro aspecto interessante é a possibilidade de os estudantes interagirem entre os diferentes cursos, uma vez que a oferta de disciplinas da Unidade Curricular Básica visa atender mais de um curso. Desse modo, como exemplo, o estudante do Ensino Médio Técnico Integrado em Eletrotécnica pode solicitar auxílio ao estudante monitor de Mecânica ou Informática, como observado acima. Assim, oito monitores atendiam a diferentes cursos.

Quanto ao perfil dos docentes orientadores participantes da pesquisa, abordamos sobre sua experiência como docente orientador, se atuavam em diferentes cursos e se tiveram a oportunidade de serem monitores enquanto estudantes. Apresentamos, no Quadro 3, a síntese dos principais dados quanto ao perfil dos docentes orientadores participantes da pesquisa. Na análise e resultados não excluimos o docente participante somente da primeira etapa, pois ele trouxe relevantes contribuições ao estudo, devido à sua experiência em setores voltados à permanência e êxito. Na medida do possível, evitamos trazer nos resultados das questões referentes aos docentes apenas comparações quantitativas. Nossa atenção voltou-se para o aspecto qualitativo das respostas e as contribuições nelas encontradas.

Quadro 3: Perfil dos docentes orientadores participantes da pesquisa.

ID	Curso monitorado	Atuou como professor-orientador outras vezes?	Experiência como estudante monitor
D1	Técnico Integrado em Mecânica	Sim	Não
D2	Técnico Integrado em Informática	Sim	Sim/Graduação
D3	Técnico Integrado em Informática	Sim	Sim/ Graduação
D4	Técnico Integrado em Eletrotécnica e Técnico Integrado em Mecânica	Sim	Sim/Graduação
D5	Técnico Integrado em Eletrotécnica	Sim	Não

Fonte: os autores.

Em relação à experiência como docente orientador no formato presencial e remoto, quatro afirmaram ter vivenciado ambas as modalidades. O docente que não possuía experiência como orientador no formato presencial, por sua vez, foi coordenador de curso na instituição, acompanhava o andamento da monitoria quando ocorria presencialmente e, também, foi monitor em seu curso de graduação por duas vezes.

Ao abordarmos, no perfil do docente, sua experiência como estudante monitor, procuramos verificar se essa experiência, de algum modo, influenciou na escolha de sua atual profissão, uma vez que a monitoria é apontada como espaço de formação docente ou mesmo outra formação (AMATO, 2016; NUNES, 2007; CHAGAS; CHAGAS, 2018). Esse tema foi abordado também no produto educacional.

O estudo, portanto, teve a participação de monitores iniciantes, monitores mais experientes, monitores de diversos cursos e, ainda, aqueles que vivenciaram as atividades presenciais e não presenciais. Apesar do número reduzido de docentes participantes, contamos com a colaboração de docentes experientes, sendo alguns orientadores desde o início do programa. Docentes de diferentes cursos e vivências no formato presencial e remoto. Esses dados foram de suma importância para o desenvolvimento e avaliação do produto educacional.

No capítulo seguinte apresentaremos o Produto Educacional. Trazemos a justificativa para produção do produto, apresentando sua tipologia, formato e os temas abordados, e descrevemos sua aplicação.

4 O PRODUTO EDUCACIONAL: MANUAL MONITORIA – PERMANÊNCIA E ÊXITO EM AÇÃO

A proposta de um manual interativo surgiu a partir do levantamento inicial realizado para o projeto desta pesquisa, no qual observamos que a maioria dos programas de monitoria possuía apenas regulamento e instrumentos para algum tipo de controle de frequência para o monitor e relatórios. Dessa forma, elaboramos um produto educacional buscando complementar o Programa de Monitoria e proporcionar, aos estudantes e docentes, informações relevantes acerca das normas e procedimentos institucionais que disciplinam o funcionamento do programa. Procuramos provocar, também, reflexões sobre esse importante instrumento de permanência e êxito, objetivando, assim, o seu fortalecimento.

Como mencionado anteriormente, tal produto é uma das exigências do Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), que estabelece que o trabalho de conclusão de curso deva constituir-se no desenvolvimento de um produto educacional de aplicação imediata no contexto educacional. Assim, para a concepção do produto educacional voltado a esses Mestrados, Farias e Mendonça (2019) sugerem algumas etapas, tais como:

- 1) Pré-concepção da pesquisa/produto, seguida da base da pesquisa – envolve o problema inicial, conhecimento prévio, pesquisas preliminares, *insight* sobre a solução para o problema, referencial teórico/metodológico e público-alvo;
- 2) Requisitos e Parâmetros – definição da tipologia, meio ou formato, linguagem, *design*, tendo em vista satisfazer as necessidades/expectativas do público-alvo;
- 3) Prototipação – construção do piloto do Produto educacional;
- 4) Aplicação e Avaliação – realizadas, prioritariamente, com o público-alvo;
- 5) Análise da aplicação do produto – analisar os resultados à luz do referencial teórico-metodológico
- 6) Revisão – realizar as correções, ajustes se houver necessidade; e
- 7) Produto Final– após a validação da banca de defesa de dissertação.

Segundo as autoras, essas etapas convidam o pesquisador a refletir sobre a importância do produto educacional e a entendê-lo como uma produção intelectual. Ainda, Segundo Rizzatti *et al.* (2020), podem ser desenvolvidos em diferentes formatos, entre eles, o material didático/instrucional. Esse por sua vez, abarca, inclusive, o manual, desde que sejam resultados de uma atividade de pesquisa e apresentem potencial de aplicabilidade por terceiros, assim como a possibilidade de adaptação para outras realidades educacionais. É preciso, também, que sejam avaliados, validados e registrados.

Diversas são as fontes de informação científicas e tecnológicas que podem proporcionar orientações, conhecimentos ou resolução de problemas informacionais. Segundo Cunha (2001), essas fontes são classificadas em categorias primárias: Congressos, Conferências, Legislação, Marcas Comerciais, Normas Técnicas, Patentes, Periódicos, Projetos e Pesquisas em andamento, Relatório Técnicos, Teses, Dissertações e Traduções; secundárias: Base e Banco de Dados, Bibliografias, índices, Biografia, Catálogos de Bibliotecas, Centros de Pesquisas, Laboratórios, Dicionários, Enciclopédias, Feiras, Exposições, Filmes, Vídeos, Fontes Históricas, Livros, Internet e Manuais; e terciárias: Biblioteca, centros de informação, Diretórios, Financiamento e fomento à pesquisa, Guias bibliográficos e Revisões da literatura.

Cunha (2001, p. ix) esclarece, ainda, que as fontes secundárias “contêm, informações sobre documentos primários e são arranjados segundo um plano definitivo. São, na verdade, os organizadores dos documentos primários e guiam o leitor para eles”, não devem substituir os documentos originais, mas sim organizar, detalhar e complementar informações. Especificamente, o manual é descrito como uma espécie de livro ou livreto que inclui conhecimentos básicos de uma ciência, técnica ou de uma arte. Geralmente, é utilizado para estudo ou consulta. Lobo e Barcellos (1992) acrescentam que são instrumentos de apoio que facilitam aos usuários a identificação de informações básicas. Atualmente, pode ser tanto um documento impresso como em formato digital.

Em geral, os elementos que constituem os manuais são a apresentação, sumário, instruções para uso e atualização, conteúdo, anexos, apêndices, glossário, referências, além de demais informações que se fizerem pertinentes. Ao propor o manual interativo, a nossa intenção não foi somente guiar os estudantes e docentes para os documentos primários – como o Regulamento do Programa – mas dar uma abordagem diferente aos tópicos do regulamento, isto é, unir praticidade e arte por meio dos facilitadores visuais, denominados de infográficos. Assim, realizamos algumas adaptações aos elementos do manual, pois o intuito não estava em estabelecer regras rígidas ou mesmo um passo a passo a ser seguido. Entendemos e defendemos que a monitoria deve permitir aos estudantes criar/encontrar um ambiente diferente da sala de aula, porém não de forma isolada dela. Assim, a nossa atenção na produção do produto voltou-se não apenas para o como fazer, mas também para o porquê fazer as atividades de monitoria.

A nossa opção por um manual em formato digital, mediado pela interatividade, utilizando infográficos, fez-se por importantes motivos. Primeiramente, ao nos vermos diante de um público pertencentes à geração digital que tem maior contato com as tecnologias em

seu dia a dia, leitores de tela, não teria muito significado produzirmos outro tipo de produto que não adotasse as tecnologias digitais. Precisávamos de um produto que fizesse parte do universo desse público, ser de fácil acesso e divulgação (disponibilizado no site do IFMS ou seu link enviado por e-mail), além da sustentabilidade ambiental com a redução de materiais impressos e a possibilidade de “engavetamento”, como acontece com a maioria dos manuais impressos.

Nesse sentido, o manual foi desenvolvido no formato *Portable Document Format* (PDF), e uma das opções encontradas para apresentar o seu conteúdo de forma mais atrativa, ou, a informação mais clara, foi por meio da arte denominada infografia. Os infográficos constituem-se em um sistema híbrido que reúne “ao mesmo tempo texto, imagem, linguagem verbal e não verbal em uma relação que se complementam mutuamente” (MORAES; BRAGA, 2013, p. 17). Costa e Tarouco (2010) reconhecem que o principal objetivo dos infográficos é tornar a informação mais clara, principalmente, para o público iniciante na temática. Ainda, entendem que ao utilizar texto e imagem de forma harmônica, a aprendizagem é favorecida. A Figura 1 apresenta um dos infográficos construídos para o manual.

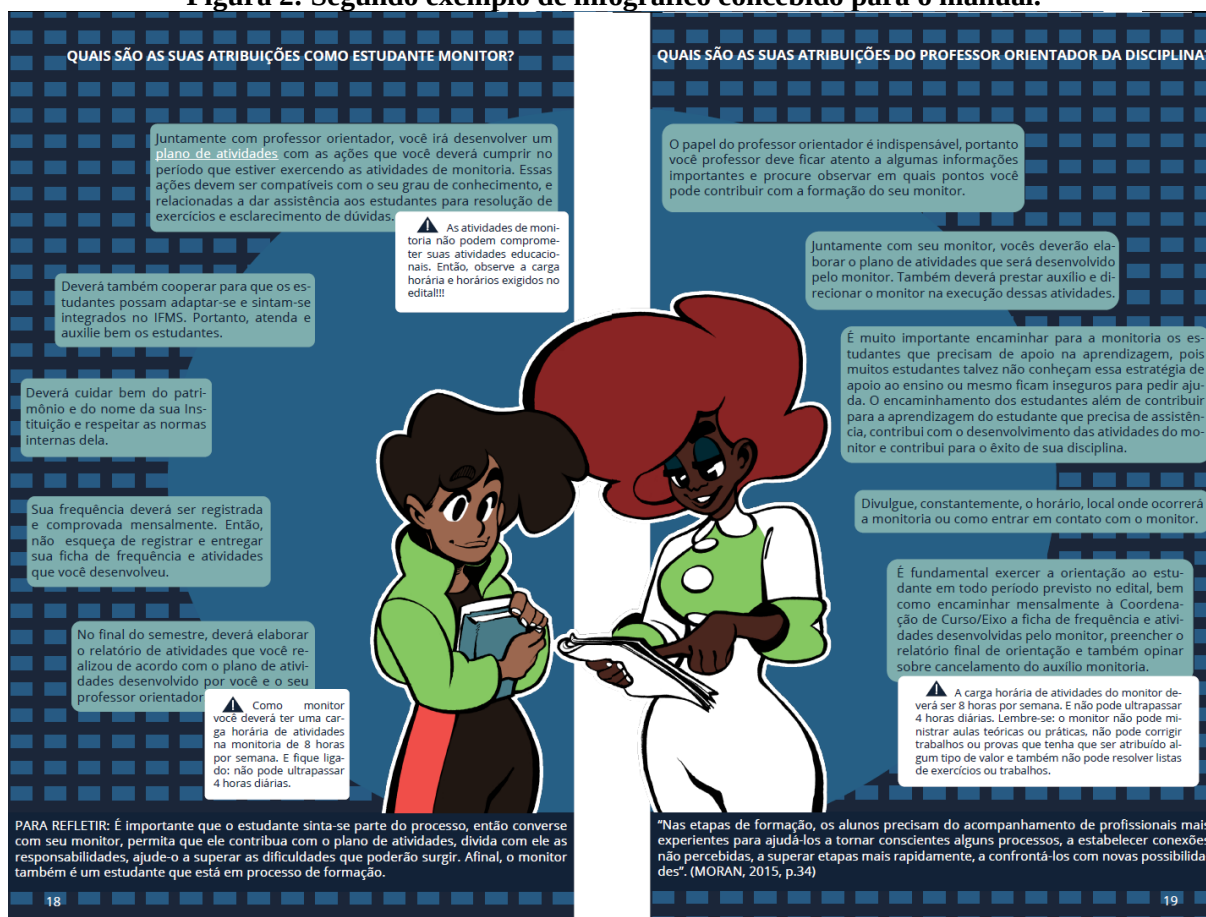
Figura 1: Primeiro exemplo de infográfico concebido para o manual.



Fonte: Os autores.

Segundo Módolo (2008), os infográficos cumprem um papel pedagógico ao facilitar o conteúdo da informação para um número maior de pessoas, pois é apresentado com uma linguagem verbal mais simples e uma linguagem visual mais atrativa. Podem ser encontrados, entre outros, em textos jornalísticos, materiais didáticos, trabalhos científicos e manuais de produtos. Para sua constituição contam com fotografias, mapas, tabelas, ilustrações, diagramas, gráficos e outros recursos visuais. Ressalta, ainda, que a infografia não é um recurso decorativo e, sim, um meio para auxiliar na compreensão de determinados conteúdos ou informações. Dessa maneira, deve ser atraente ao leitor e transmitida em pouco tempo e espaço. A Figura 2 ilustra mais um infográfico do material desenvolvido.

Figura 2: Segundo exemplo de infográfico concebido para o manual.



Fonte: Os autores.

Ao mencionar o papel pedagógico dos infográficos, Módolo (2008) nos lembrou Vigotski (2018) ao afirmar que o êxito do ensino e da aprendizagem depende de alguns fatores, entre eles, que todas as condições do desenvolvimento estejam presentes e que o material didático/educativo ofertado corresponda às leis básicas da atividade da atenção. Desse modo, o material deve ser organizado e apresentado de forma sucinta para reduzir a possibilidade de dispersão. Necessita, ainda, ser apresentado de uma forma que permita uma

percepção de todas as suas partes como um todo único. Deve, também, ser acessível aos estudantes e não uma riqueza que ninguém consegue utilizar, pois se encontra distante do seu conhecimento atual, ou mesmo potencial, ou, ainda, distante de sua zona de interesse.

Assim, ao desenvolvermos o manual, procuramos seguir as leis básicas da atenção. Iniciamos o estudo olhando para nosso público. Por isso, a preocupação com a linguagem, com a imagem, com o conteúdo e com a organização das informações estiveram no centro de nossas atenções. Afinal, a intenção era ampliar o entendimento sobre a monitoria. Dessa forma foi necessário irmos a campo verificar o conhecimento que eles possuíam sobre as atividades de monitoria para eu pudéssemos propor um material que possibilitasse novos conhecimentos e novas zonas de desenvolvimento.

Quanto à interatividade, Mielniczuk (2003) esclarece que os processos interativos podem ser na relação estabelecida entre o usuário e a máquina, usuário e os links, usuário e outras pessoas, entre outras formas. A possibilidade de navegar pelo conteúdo a partir do toque, de acessar ou executar outros conteúdos multimídias são entendidos, portanto, como um processo interativo.

Para Primo e Träsel (2006) a simples navegação pelas páginas digitais é considerada um exemplo de interatividade. A diferença, segundo os autores, está na interação mútua, que é a possibilidade de o usuário interagir com outros usuários e/ou com os produtores do material por meio de e-mail, comentário, chats, fóruns, ou seja, há uma negociação entre os participantes que pode acarretar mudanças no produto ou sistema e a interação reativa que possibilita o despertar de uma função previamente programada quando são executadas pelos usuários como clicar e arrastar, por exemplo. No entanto, ambas são ações interativas.

Assim, ao adotarmos interatividade reativa, procuramos facilitar a busca por determinado conteúdo por meio dos hiperlinks no sumário, como para direcionar a conteúdos internos ou mesmo *links* para conteúdos/site externos, oportunizando ao público-alvo informações extras como: sugestões de leitura, plataformas, documentários, filmes e produtos que pudessem ser acessados externamente. Adotamos também o efeito *flipbook* para virada de páginas do manual, simulando, assim, a troca real de páginas de um manual ou revista impresso.

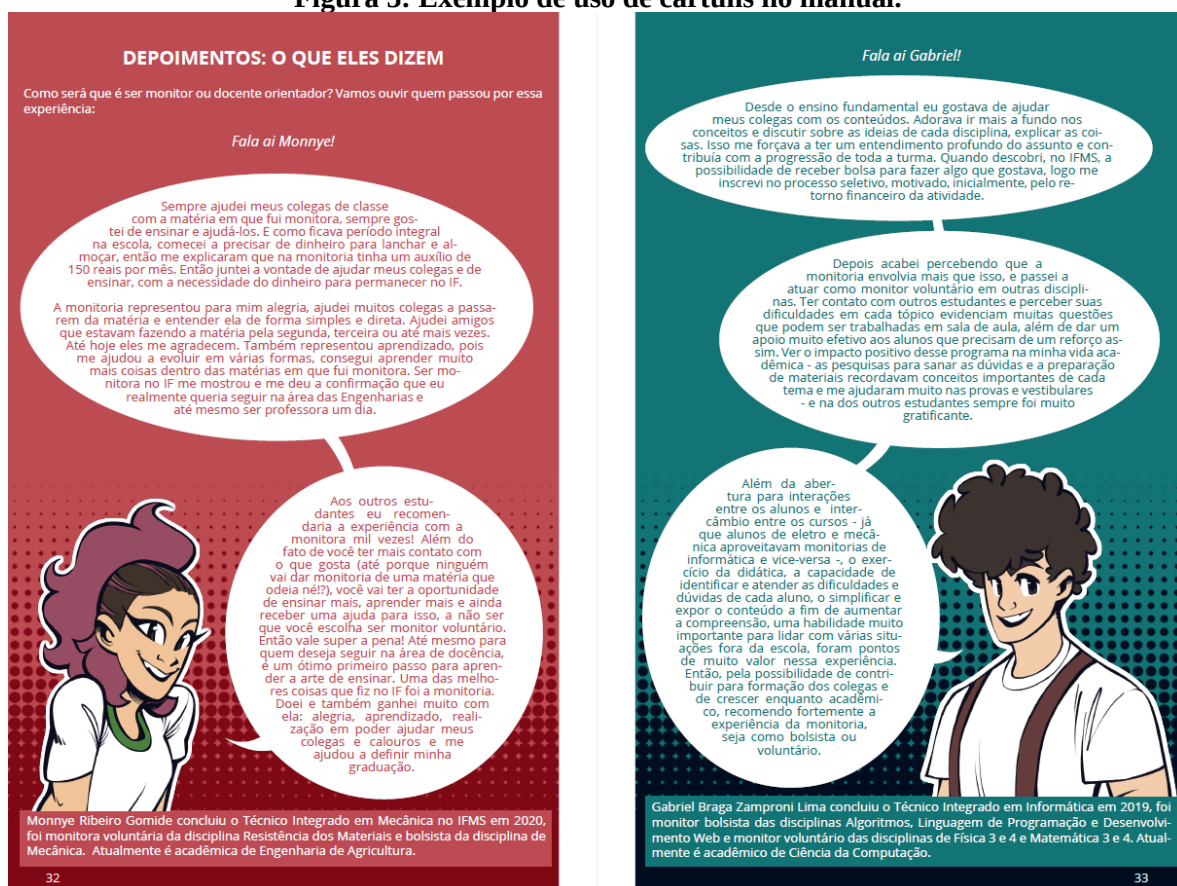
Quanto à ilustração dos estudantes e docentes, algumas características foram inspiradas no gênero cartum. Leal (2011) explica que se trata de um gênero gráfico que utiliza imagem que pode ou não trazer a linguagem verbal, sendo sua função comunicativa retratar com humor e crítica, o comportamento humano, isto é, seus hábitos, costumes ou mesmo fraquezas. É atemporal, pois sua compreensão é possível em qualquer tempo, uma vez que os

temas são mais gerais, sem a presença de personagens conhecidos na sociedade. Ainda, de acordo com a autora, a caricatura é também uma de suas categorias, assim como a charge e a tira cômica.

Conforme Silva (2008), o cartum pode ser espaço de diálogo com leitor, cuja participação é movida pela reflexão, em articulações que envolvem sentidos e sentimentos, seja pelas imagens, humor ou mesmo pelo texto que exige certa interpretação. Defende que o humor gráfico é, por natureza, carregado de significações e provocações, promovendo, assim, um processo de reorganização de sentidos por parte do leitor. Ou ainda, gera outras palavras e outras imagens, ativa a memória, o conhecimento prévio, as emoções e o raciocínio lógico.

Dessa forma, ao termos como referência o cartum, nossa intenção foi retratar com bom humor comportamentos ou mesmo situações cotidianas dos estudantes, assim como as características físicas dos estudantes e docente. Mantendo, ainda, a característica bem-humorada do manual, escolhemos a caricatura para retratar os autores, os ex-monitores e docentes que participaram dos depoimentos. Ademais, não queríamos que as ilustrações ficassem restritas a um período ou instituição. A Figura 3 ilustra um exemplo do uso do cartum no produto.

Figura 3: Exemplo de uso de cartuns no manual.



Fonte: Os autores.

Após definirmos a tipologia do produto (manual, formato digital e as características), iniciamos o desenvolvimento do conteúdo do manual. Começamos pelo Regulamento do Programa de Monitoria, selecionando tópicos com informações essenciais para o andamento das atividades, como ilustrado na Figura 4. Assim, fizemos uma releitura e propusemos o conteúdo do manual, apoiado no referencial teórico proposto nesta pesquisa, dentre eles: Almeida (2000); Amato (2016); Chagas e Chagas (2018); Freire (1996; 2012); Schneider (2015); Vigotski (2001; 2018). Também buscamos respaldo nos documentos institucionais que normatizam a monitoria.

Figura 4: Exemplo de informações técnicas adaptadas para o manual.

AGORA É COM VOCÊ, CANDIDATO MONITOR!

LEIA COM ATENÇÃO O EDITAL E FIQUE ATENTO AOS PRAZOS!

INSCRIÇÃO DO CANDIDATO — X

Deve ser realizada por meio do endereço eletrônico <http://www.ifms.edu.br/centraldelecao> e o candidato deve preencher a ficha de inscrição e anexar o comprovante de dados bancários.

A SELEÇÃO DO CANDIDATO — X

Será realizada em duas etapas: a entrevista para avaliar a disponibilidade, interesse e perfil para desempenhar as atividades; e o Coeficiente de Rendimento (CR) do candidato na unidade curricular em que ele está concorrendo.

⚠ Serão desclassificados o candidato que não comparecer à entrevista. Fique atento às datas divulgadas no edital!

O processo seletivo da monitoria é realizado duas vezes ao ano, sempre no início do semestre letivo.

DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS — X

Em um primeiro momento será divulgado o resultado preliminar, dando a oportunidade ao candidato para entrar com recurso, com justificativa, caso discorde, e posteriormente será divulgado o resultado final.

ENTREGA DOS DOCUMENTOS — X

Após a divulgação do Resultado Final, o aprovado deve comparecer para assinar o Termo de compromisso e entregar o Plano de atividades nas datas divulgadas no edital.

⚠ Se não assinar o Termo de Compromisso no prazo estabelecido no edital, será convocado o aluno aprovado na sequência em ordem decrescente.

O Plano de Atividades deve ser o primeiro passo para poder desenvolver bem a monitoria. Ele ajuda você a começar as atividades, a entender o caminho que deverá percorrer e ao final poderá perceber a evolução de seu trabalho. Ao estruturar seu roteiro de atividades, você evita ficar perdido, assim saberá de onde deve partir e aonde quer chegar.

⚠ É preciso desenvolver as atividades, comprovar sua frequência e entregar o relatório final para ter direito ao certificado ou declaração de monitoria!!

1ª ETAPA

FICHA MENSAL

Preencher e entregar a ficha de frequência com as atividades desenvolvidas para o(a) servidor(a) responsável pela monitoria na Direção de Ensino.

2ª ETAPA

RELATÓRIO FINAL

Preparar e entregar o relatório final no do período da monitoria para o(a) servidor(a) responsável pela monitoria na Direção de Ensino.

3ª ETAPA

CERTIFICADO OU DECLARAÇÃO DE MONITORIA

Após cumprir todas as etapas, o estudante receberá certificado ou declaração de monitoria.

FIQUE LIGADO: Perderá a bolsa e/ou não terá direito ao certificado, o monitor que faltar sem justificativa por duas semanas às atividades de monitoria; abandonar o curso; tiver comportamento inadequado com os regulamentos do IFMS ou tiver o rendimento acadêmico insuficiente.

24
25

Fonte: Os autores.

Para melhor entendimento do manual quanto às suas seções, trazemos no Quadro 4 uma sistematização mais detalhada da estrutura do produto educacional, apontando os conteúdos tratados e os objetivos de cada uma das seções elaboradas.

Quadro 4: Detalhamento das seções do manual.

Seção	Conteúdo	Objetivos
Apresentação	Objetivo, origem e alguns temas abordados no manual.	Apresentar o manual
Sobre os autores	Síntese sobre formação e a atuação profissional dos autores.	Apresentar os autores
Conhecendo a Monitoria	Conceito, história, modalidades e objetivos da Monitoria; a relação com a permanência e êxito; a importância da responsabilidade social com a atividade de monitoria voluntária.	Apresentar a Monitoria
Por que participar de um Programa de Monitoria	Os principais benefícios que a atividade proporciona aos monitores.	Destacar os benefícios da Monitoria
Como participar do Programa de Monitoria	Aborda os critérios para participar do programa como monitor e docente orientador, bem como as atribuições e as vedações.	Apresentar os critérios para participar
Quais as etapas da monitoria	Traz o percurso do programa desde o recurso financeiro até o edital de seleção.	Descrever o percurso do Programa
Legislação	Regulamento do Programa de Monitoria, Edital, formulários de preenchimento obrigatório e como acessá-los.	Apresentar as legislações que regulamenta o Programa de Monitoria e os formulários obrigatórios
Agora é com você, candidato a monitor	As etapas que o candidato monitor deverá percorrer.	Apresentar as etapas da monitoria destinadas ao monitor
Extra, Extra	Sugestões de ferramentas digitais ou plataformas de ensino, filmes, documentários, curta de animação, leitura, dicas, entre outros.	Apresentar sugestões para contribuir com as atividades e complementar a formação do monitor
Depoimentos	Depoimento de ex-monitores e docentes orientadores sobre suas experiências com as atividades de Monitoria.	Apresentar experiências vivenciadas na monitoria

Fonte: os autores.

Ao longo do manual, procuramos destacar os pontos que precisam de *atenção*, incluímos algumas *informações Adicionais*, e em *para refletir* e *no saiba mais*, procuramos contribuir com o conhecimento dos participantes, apresentando, de forma simples, alguns conceitos científicos que permeiam as atividades de monitoria como a zona de desenvolvimento iminente, a imitação, a personalização do ensino, a formação de hábitos, entre outros. A Figura 5 ilustra parte do material com este tipo de informação.

Figura 5: Seções com informações adicionais.

EXTRA, EXTRA! APRENDENDO SEMPRE

Algumas ferramentas digitais ou plataformas de ensino podem contribuir para o desenvolvimento das atividades de monitoria como:



GOOGLE CLASSROOM ou sala de aula do Google permite o gerenciamento de atividades, feedback e compartilhamento de conteúdos, links, vídeos, documentos, Slides, planilhas, formulários e muito mais.



GOOGLE MEET permite agendar reuniões ou atendimento online para auxiliar nas atividades de monitoria. É possível adicionar arquivos para que os estudantes possam visualizar no momento do atendimento, ou mesmo gravar algumas orientações de dúvidas mais recorrentes e disponibilizar aos estudantes.



GOOGLE DRIVE é uma ferramenta que permite o armazenamento de arquivos na nuvem e podem ser compartilhados com outras pessoas, permitindo inclusive que documentos sejam produzidos de forma simultânea.



YOUTUBEEDU é uma plataforma voltada para conteúdo educacional do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. São conteúdos que podem complementar as atividades, podendo inclusive ser enviadas por e-mail ou disponibilizadas em ambientes virtuais de aprendizagem.



KHAN ACADEMY é uma plataforma educativa que oferece exercícios, vídeos educativos que abordam conteúdos de matemática, ciência, engenharia, computação, história, história da arte, economia e muito mais, possibilitando inclusive uma aprendizagem personalizada.

CLIQUE NOS ÍCONES PARA ACESSAR A PLATAFORMA

INSPIRE-SE

Sugerimos a seguir filmes, documentário, curta de animação, música, entrevista e produto educacional que possam ajudar a refletir sobre os fundamentos e o poder transformador da educação. Veja e inspire-se!



A EDUCAÇÃO PROIBIDA
(2012, Documentário)

Reflexão: O poder que o conhecimento carrega e como pode ser libertador para a sociedade. "Não somos números, cada sujeito é único, singular e irrepelível." (William Rodriguez)



MÃOS TALENTOSAS
A HISTÓRIA DE BEN CARSON
(2009, Filme)

Reflexão: Enfrentar as dificuldades, pois todos os seres humanos possuem potencialidades que os ajudam a superar suas limitações e alcançar seus objetivos.



O ALUNO
UMA LIÇÃO DE VIDA
(2010, Filme)

Reflexão: Mensagem do personagem Maruge: "A Liberdade é Aprender" e "A escola é para todos"



ALIKE
(2016, Curta de animação)

Reflexão: Para um mundo mais colorido e preciso deixar a imaginação fluir.



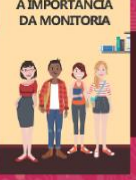
PASSARINHOS
(2015, Clípe-musical)

Reflexão: Como pequenas ações podem tornar o futuro possível para muitos adolescentes e jovens.



PROJETO LUZ, CÂMERA, GESTÃO! ENTREVISTA COM MARIA DEUSLENE MARQUES GOMES SOBRE EVASÃO
(2016, Entrevista)

Reflexão: Monitoria como estratégia para reduzir a evasão dos estudantes, uma experiência que deu certo na Escola Dona Muniz Barreto, São Miguel do Tapuio - PI



A IMPORTÂNCIA DA MONITORIA
(Produto Educacional, 2019)

Reflexão: Como a monitoria, por meio de um processo participativo e colaborativo, pode contribuir com a vida acadêmica dos estudantes.



SOUL
(2020, Filme)

Reflexão: Como as pessoas ao nosso redor podem nos ajudar a seguir em frente, seja nos desafiando ou apoiando; e a beleza da vida está nos detalhes.

CLIQUE NO POSTER PARA ACESSAR OS VÍDEOS

Fonte: Os autores.

Após a elaboração do conteúdo, ficamos preocupados com o aspecto visual, pois Gonçalves *et al.* (2019) tinham nos alertado que esse é um elemento importante para a adesão do público e com o desenvolvimento da parte tecnológica, uma vez que possuímos poucas habilidades e tão pouco tempo hábil para esse aprendizado. Seguimos, então, a recomendação desses autores e convidamos alguns profissionais para nos auxiliarem.

Nesse contexto, compartilhamos com os colaboradores nossas sugestões iniciais, como a opção pela infografia, a interatividade, que as imagens fossem atemporais e privilegiassem a diversidade presente em nossa cultura, assim como também fosse trabalhada, ao longo do manual, a paleta de cores que remetesse à identidade visual do IFMS. A cada orientação, sugestões nos eram enviadas para escolhas, ajustes, correções e aprovação. Dessa forma, ao longo de três meses, foram produzidos seis protótipos do manual, mais duas versões finalizadas com ajustes pontuais e a última versão, com algumas correções, foi finalizada após a defesa desta dissertação.

Para o desenvolvimento do projeto gráfico e diagramação, contamos com a colaboração de MICCY STUDIO e as imagens foram criadas por MoaccyrKalley Pinheiro Costa. A parte gráfica e diagramação foram desenvolvidas no Adobe InDesign® e as ilustrações no Open Source com a ferramenta Krita®. O manual foi hospedado durante todo o período de avaliação na plataforma digital Issuu®⁹ que nos permitiu a criação do efeito *flipbook* e a disponibilização do link (https://issuu.com/mizj/docs/manual_ifms) da publicação para todos os participantes.

Finalizado o manual, após a primeira etapa da entrevista, na qual confirmamos a importância dos temas propostos, convidamos os mesmos participantes da primeira etapa para participar da segunda. Disponibilizamos o link de acesso ao manual, solicitando a eles o acesso via desktop ou notebook, para que pudessem experimentar todas as interações e efeitos, utilizando o modo tela cheia para visualizarem todos os tópicos e, também, para utilizarem algumas ferramentas que os ajudassem na visualização. Posteriormente, retornamos a campo para ouvi-los. Os resultados dessas etapas estão descritos no capítulo seguinte.

Após o período de validação, o produto foi disponibilizado no repositório do IFMS e Plataforma EduCapes. Em relação à sua disseminação, o manual possui a licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), que possibilitará ao público, em geral, que faça downloads compartilhe desde que o crédito seja atribuído aos autores.

⁹<https://issuu.com>

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Entendendo a monitoria como um importante instrumento de permanência e êxito que oportuniza aos estudantes a compreensão, aprofundamento e produção de conhecimento dentro de um processo colaborativo entre estudantes e docentes, possibilitando, ainda, a articulação entre teoria e prática, analisamos as concepções dos estudantes monitores e docentes orientadores do IFMS Campus Campo Grande sobre a monitoria antes e após aplicação do manual interativo. Apresentaremos, a seguir, tais análises, evidenciando possíveis mudanças sobre a compreensão do Programa de Monitoria, bem como, elementos que possam ter contribuído para um melhor entendimento do Programa de Monitoria, sua finalidade e seus objetivos.

5.1 As concepções dos estudantes monitores e docentes orientadores sobre a monitoria: conhecimento e prática

Nesta seção, abordaremos as concepções dos estudantes monitores e docentes orientadores participantes da pesquisa, visando conhecer a monitoria pelos olhos daqueles que a vivenciam, ou melhor, o que eles entendem sobre a monitoria, como são desenvolvidas as atividades, as motivações para participar, as contribuições oferecidas e as formas de divulgação do programa. Posteriormente, apresentaremos as concepções sobre a monitoria a partir do manual, denominado de *Manual Monitoria / Permanência e êxito em ação*.

5.1.1 As concepções pré-manual interativo

Ao buscarmos o entendimento dos estudantes monitores em relação à monitoria, perguntamos qual era a definição que eles possuíam sobre o programa. Nas respostas obtivemos como unidade de registro que ela representa um instrumento de ajuda ao atendimento de dúvidas ou de reforço a conteúdos. A partir dessa unidade de registro, extraímos a categoria e suas subcategorias apresentadas no Quadro 5.

Quadro 5: Categoria dos conceitos iniciais sobre a monitoria.

Sigla	Título	Descrição	Quantidade
SUBCAT1	Ajuda o estudante atendido	Respostas que destacam apenas o estudante atendido pela monitoria como beneficiado pela ação, tendo dúvidas atendidas e reforçando conteúdos.	09
SUBCAT2	Ajuda tanto o estudante atendido quanto o monitor	Respostas que destacam não apenas o estudante atendido, mas também o monitor como beneficiado.	02
SUBCAT3	Ajuda tanto o estudante atendido quanto ao professor	Respostas que destacam o estudante atendido como também o professor como beneficiado pela ação.	02
SUBCAT4	Ajuda a todos os atores	Resposta que destacam o estudante atendido, o monitor e o professor como beneficiados pela ação.	02

Fonte: os autores.

A leitura dos dados nos permitiu verificar, em um primeiro momento, que a totalidade dos monitores entende que a monitoria é um instrumento de ajuda. Para muitos, essa ajuda significa “tirar dúvidas” dos demais estudantes. Outros entendem que, ao ajudar os colegas, os monitores são também beneficiados, pois aprofundam conceitos. Entretanto, há aqueles que compreendem que a monitoria deve servir como um instrumento para aliviar a sobrecarga do docente, ajudando-o na transmissão do conhecimento ou reforçando os conteúdos trabalhados em sala de aula. Dado esse que nos fez relembrar que Comênio (1957), no século XVII, afirmava que, com a ajuda dos monitores, seria possível transmitir o conhecimento aos estudantes. Nesse sentido, entende-se que o professor ainda é o detentor do saber e não um mediador, mentor do processo de ensino e aprendizagem. Aqui incluímos, também, Vigotski (2001), quando defende que a formação de conceitos não acontece por transmissão, tampouco por memorização ou assimilação.

Por outro lado, alguns monitores compreendem que a monitoria é um instrumento que contribui com a melhoria do ensino, pois colabora com a aprendizagem dos estudantes, com o trabalho docente e com a instituição, como na fala a seguir:

Para mim é uma oportunidade né, porque ela agrega conhecimento tanto para os monitores como pra os alunos que vão nelas. Também é uma forma de melhorar a qualidade de ensino. Porque o monitor tem uma parceria com o professor, porque muitas vezes alguns alunos têm algum receio, vergonha, de ir, de fazer uma pergunta pra o professor, talvez com o aluno com mesma faixa etária sintam-se mais à vontade. Então pra resumir, seria a melhoria na qualidade de ensino. (MONITOR 7).

Quando solicitamos a definição de monitoria aos docentes orientadores, a maioria (4) conceitua-a como uma “oportunidade”: uns entendem que é oportunidade para aprender, outros que é oportunidade para ensinar e exercitar o conhecimento, e temos, ainda, aqueles que a compreendem como oportunidade para alcançar os estudantes com dificuldades. No decorrer das falas foi possível verificar que as respostas não divergiram do conceito estabelecido pelos monitores, ou seja, a monitoria é entendida como um instrumento de apoio que beneficia alguns atores.

Os dados apontaram que: para um docente, o estudante atendido tinha suas dúvidas sanadas; para dois docentes, além do estudante, o monitor podia colocar em prática seu conhecimento e, também, aprofundar conteúdos; para uma docente, além do estudante, o professor se beneficia dessa ação com a aprendizagem do estudante; e para uma docente, todos os atores se favoreciam com a monitoria, sendo, portanto, um instrumento que complementa o atendimento aos estudantes, o conhecimento dos monitores e o trabalho docente. Como podemos observar, diferentes significados foram extraídos desse questionamento.

A partir disso, Vieira (2019) ressalta que compreender os vários significados que são aferidos à monitoria é de suma importância, pois poderá determinar o desenvolvimento das atividades e dos resultados colhidos, ou seja, se será uma ação isolada em que poucos atores estarão envolvidos, como podemos observar nos dados acima obtidos, ou se será uma ação que envolve a instituição como um todo.

Vieira (2019) explica também que, quando a monitoria é dotada de um sentido formativo, envolvendo todos os atores, várias são as contribuições: o monitor aprofunda conhecimentos e desenvolve diferentes habilidades; o estudante tem a oportunidade de sanar dúvidas e apropriar-se de conhecimentos que outrora não havia compreendido; o docente orientador poderá encontrar no monitor um parceiro para mediar a aprendizagem dos demais estudantes; e a instituição, conseqüentemente, reduz os índices de evasão e retenção. Entretanto, quando não há sentido formativo, tornará espaço para tirar dúvidas e resolução de listas de exercícios, exclusivamente em vésperas de atividades avaliativas, conforme Nunes (2007).

Na sequência, perguntamos qual seria a finalidade e objetivos da monitoria, e obtivemos como unidades de registro: ajudar os estudantes, experiência pedagógica, integrar os estudantes, troca de conhecimentos, despertar o interesse pelo ensino, cooperação. A partir deles, foram extraídas a categoria e suas subcategorias apresentadas no Quadro 6.

Quadro 6: Categoria da finalidade e dos objetivos da monitoria.

Sigla	Título	Descrição	Quantidade
SUBCAT5	Apoio na aprendizagem do estudante	Respostas que destacam apenas o apoio ao aprendizado do estudante.	09
SUBCAT6	Apoio no aprendizado do estudante e cooperação entre estudantes e docentes	Respostas que destacam tanto o apoio ao aprendizado do estudante como a cooperação entre estudantes e docentes.	01
SUBCAT7	Apoio no aprendizado do estudante e possibilidades de experiências pedagógicas	Respostas que destacam tanto o apoio ao aprendizado do estudante como a possibilidade de experiências pedagógicas.	02
SUBCAT8	Apoio no aprendizado do estudante e incentivar o interesse pelo estudo ou ensino	Respostas que destacam tanto o apoio ao aprendizado do estudante como o incentivar o interesse dos estudantes pelo estudo ou ensino	03

Fonte: os autores.

Ao analisarmos as respostas, verificamos que os 15 monitores tinham entendimento de que um dos principais objetivos é prestar apoio ao aprendizado do estudante. Nove entendem que este é único objetivo, ou mesmo a finalidade da monitoria. Outros objetivos apareceram parcialmente em algumas falas, mas não verificamos uma compreensão mais detalhada sobre a finalidade e objetivos propostos no Regulamento do Programa de Monitoria (IFMS, 2017) em nenhuma das respostas, principalmente a oportunidade da monitoria ser entendida como uma atividade extracurricular que colabora com a formação plena dos estudantes monitores.

Na subcategoria 8, três monitores compreendem que, além do apoio ao aprendizado dos estudantes, é necessário incentivá-los a interessar-se pelo estudo ou ensino. Para a Monitora 11, é importante sanar todas as dúvidas dos estudantes, fazendo com que ele goste ainda mais da disciplina, e *“não comece a ter esse desprezo, ter esses momentos de dificuldades, que a gente consiga ajudar mais essa pessoa”*. Para a Monitora 9, ensinar ao outro não é uma tarefa fácil, às vezes é necessário *“aprender como outro aprende”* para poder ajudá-lo. Dessa forma, defende que ambos aprendem juntos. Já a Monitora 5 entende que, ao auxiliar os estudantes, há um reforço no seu próprio aprendizado e, portanto, ambos têm a oportunidade de *“crescimento”*.

Quando questionados sobre qual seria a sua função ou competência como monitor, a totalidade das respostas retorna à categoria dos conceitos iniciais e à categoria da finalidade e

objetivos, ou seja, ajudar os estudantes. Nove entendem que essa é a única função do monitor; dois entendem que a função do monitor é ajudar os estudantes e dar apoio ao docente orientador; três destacam que ajudam os estudantes para o além do tirar dúvidas; e um mencionou que, além da ajuda aos estudantes, o monitor tem compromissos, tais como definir horários, divulgar a monitoria aos demais estudantes e preencher documentos de controle diário. Observamos, portanto, que apesar da função de esclarecedor de dúvidas, os monitores preocupam-se com a aprendizagem dos estudantes, como veremos no decorrer desta seção.

Sobre os compromissos mencionados anteriormente, retomamos aqui as atribuições e deveres do monitor presentes no Regulamento da Monitoria, que determina que, além de dar assistência aos estudantes no esclarecimento de dúvidas e resolução de exercícios, é necessário cooperar com o atendimento dos estudantes, visando sua adaptação e integração, assim como elaborar o plano inicial e o relatório final de atividades e preencher mensalmente a ficha de frequência com as atividades desenvolvidas. Desse modo, subentendemos que o regulamento é um documento pouco conhecido por eles.

Os docentes orientadores têm opinião semelhante aos monitores em relação à função/competência do monitor, ou seja, apoiar os estudantes nas dúvidas, na resolução de exercícios. Dois docentes acrescentam que eles apoiam também o docente, pois, pela proximidade com os colegas, alcançam situações numa perspectiva diferente da sala de aula. Desse modo, os atendidos sentem-se mais acolhidos e familiarizados. Um dos docentes ressaltou que nem sempre o monitor terá competência para resolver todas as dúvidas. No entanto, poderá ser um elo entre o estudante e o professor, consequentemente reforçará seu aprendizado.

A maioria (4) dos docentes entende, ainda, que a função poderia ser ampliada para o além de tirar dúvidas. Ao flexibilizar as atividades, os monitores podem aproveitar seu conhecimento, sua facilidade para atingir os demais estudantes e diversificar a monitoria, conforme o exemplo citado pelo Docente 1:

[...] teve um cara lá, uma vez que quis dar uma revisada para os alunos, aí foi bem bacana. Então, eu sempre falo: veja o que vocês podem fazer para ajudar os estudantes. (DOCENTE 1).

Para Nunes (2007), é preciso cuidar para que o monitor não exerça a função docente, pois ele também é estudante em desenvolvimento. Mas isso não significa deixá-lo executando atividades que limitem suas potencialidades. O diálogo aberto entre professor e monitor pode contribuir não só com a disciplina, como com a formação do monitor. Nesse sentido, o autor sugere que a relação deverá ser de confiança mútua, discutindo desde as atividades diárias até a avaliação. Aqui, podemos citar a fala do Docente 2:

[...] às vezes eu peço para o monitor dar uma revisada no exercício para ver se não ficou muito subjetivo/ruim de compreender. O monitor me dá um feedback para eu melhorar a descrição algo do tipo. (DOCENTE 2).

Ao solicitar o apoio do monitor, o docente mostra-se aberto ao diálogo, mostra que não é o detentor do saber; e sim, um ser em constante formação. Nas palavras de Nunes (2007, p. 52): ao “compartilhar suas ideias, ouvir as perspectivas, dúvidas e indagações do monitor no convívio de sua prática profissional, inicia-se uma abertura e uma aprendizagem para voos mais ousados”.

Em relação à função ou competência do docente orientador as unidades de registro nos apresentaram a categoria e subcategorias relacionadas no Quadro 7.

Quadro 7: Categoria das competências do docente orientador.

Sigla	Título	Descrição	Quantidade
SUBCAT9	Apoiar o monitor	Respostas que destacam a função de apoio ao monitor.	10
SUBCAT10	Colaborar na formação do monitor	Respostas que destacam a função de colaborador para a formação do monitor.	03
SUBCAT11	Dúvidas quanto à função do orientador	Respostas que destacam incertezas de qual seria a função.	02

Fonte: os autores.

Os dados nos possibilitaram identificar três situações diferentes: na primeira subcategoria, a maioria (10) dos monitores entende que o docente deve apoiá-los repassando as atividades desenvolvidas em sala de aula, tirando suas dúvidas quando necessário, ou seja, oferecendo um suporte para monitor, conforme exemplificado pelo excerto abaixo:

Fornecer suporte para o monitor, se o monitor também tiver dúvida o professor orientador ajuda. Acho que é isso. (MONITOR 10).

Na segunda, é possível verificar, por meio das falas dos monitores, que compete ao docente orientador atuar na formação do monitor, oferecendo suportes teórico-metodológicos e práticos e, em alguns casos, suporte emocional. Em outros termos, proporcionar possibilidades para que eles desenvolvam suas potencialidades.

[...] nos orientar, principalmente, como proceder com os estudantes, como saber lidar com essa experiência. Ser literalmente uma orientação, a voz da experiência [...] ajudar nessa jornada, a mostrar que você é capaz, que esse professor vai tá ali pra te ajudar, também vai tá te acompanhado, vai tá te ajudando a evoluir nessa parte educacional, nessa sua experiência. (MONITORA 3).

[...] orientar justamente por meio de, como eu posso dizer, técnica de ensinar como outra pessoa entende, auxiliar como auxílio outra pessoa. (MONITOR 15).

[...] orientar no sentido de que eu entenda que eu não sou, por exemplo, um (formação do professor) que nem ele, que tem todo um conhecimento muito mais profundo sobre a área. Então ele me orienta, por exemplo, às vezes algum aluno quer tirar alguma dúvida sobre exercício e às vezes eu mesmo tenho dificuldade de fazer, então ele pode me auxiliar nessa resolução e eu auxílio o estudante, a transmitir essa linguagem do professor pra o estudante. Acho que essa seria uma das principais funções, ele cuidar pra eu não entrar em área que eu não conheço. (MONITOR 13).

Na terceira, os monitores não sabiam qual era a competência do orientador. Um monitor, após muitas dúvidas, disse que esta consistia em explicar a matéria para os alunos. Outro alegou não saber qual a competência, pois precisou resolver sozinho, horários, atividades, forma de atendimento, etc. Aqui, foi possível observar a ausência da relação docente/monitor.

Ao refazermos a pergunta aos docentes, a primeira resposta que obtivemos voltou-se para uma dúvida: *“Na verdade eu não sei muito bem. Porque assim, eu só fico acompanhando, orientando de fato”* (DOCENTE 1). Entretanto, no decorrer da fala, o Docente 1 nos conduziu para a primeira situação descrita anteriormente, isto é, o docente orientador tem a função/competência de apoiar o monitor, seja repassando o conteúdo trabalhado em sala de aula, tirando suas dúvidas, dando acesso ao *moodle* da sala, oferecendo um suporte para o monitor.

Já outros docentes orientadores, além das atividades descritas acima, entendem, ainda, que eles devem instruir, inicialmente, o monitor sobre como devem conduzir a atividade, uma vez que a monitoria não é um momento de obtenção de respostas prontas, conforme os trechos a seguir:

Eu tento explicar para ele como ele vai conduzir com as dúvidas, porque a monitoria não é um momento para respostas. O estudante não vai lá para que o monitor responda o exercício, o monitor precisa conduzir o raciocínio para que ele alcance a resposta. Então eu oriento nesse sentido assim, como ele vai trabalhar com o estudante que porventura precise da monitoria. (DOCENTE 3).

[...] Acho que a monitoria é despertar no aluno o ensinar sem dar resposta. Então meu papel de orientador é nesse sentido, eu falo: olha tenta não puxar para esse lado. Para isso, eu olho as gravações de atendimento que ele fez e vou fazendo o direcionamento. Porque senão os alunos acabam procurando mais o monitor do que a mim na permanência, pois não vou dar a resposta. Então eu direciono nesse sentido, não podemos dar resposta, porque uma disciplina como essa não adianta apenas a resposta. (DOCENTE 2).

Vemos, nos relatos, um movimento em torno da formação do monitor. Entretanto, essas instruções são dadas, na maioria das vezes, somente no início do processo. Para Pereira

(2007), o docente orientador deve mediar os conhecimentos, organizando a relação entre conhecimentos específicos e a prática pedagógica. Frison e Moraes (2010) reiteram a necessidade de organizar e acompanhar as atividades dos monitores, proporcionando momentos de reflexão para que eles possam ampliar suas práticas para além do ensino tradicional, evitando, assim, tornar a monitoria um espaço de tarefas, reforço ou de obtenção de respostas prontas. Os dados que obtivemos apontam, no entanto, que a formação destinada aos monitores consiste em instruções iniciais e disponibilidade de sanar dúvidas, o que não coaduna com o proposto pelos referidos autores.

Com relação à formação do estudante monitor, questionamos aos docentes orientadores como eles podiam contribuir. A maioria (4) compreendia que a própria atividade proporciona uma formação diferenciada, pois torna o monitor mais responsável, comprometido, confiante e, em muitos casos, passa a ter mais autonomia, entre outros. Contudo, naquele momento não avistava que podia contribuir efetivamente para formação do estudante monitor, como se pode perceber na fala a seguir:

Para formação dele, boa pergunta né? Como eu posso contribuir para ele, eu nunca cheguei a pensar com esse olhar assim, como eu poderia né. Porque assim, na minha cabeça eu acho que a própria atividade já vai, sabe. Ela por si só já contribui para ele, assim na questão da responsabilidade, de disposição.
(DOCENTE 1).

Retornando para nossa busca sobre conhecer a monitoria por meio dos estudantes monitores, procuramos verificar se eles conheciam o Regulamento do Programa de Monitoria do IFMS. Dos 15 monitores, três responderam afirmativamente que conhecem o regulamento, cinco conhecem partes ou já ouviram falar sobre ele, sete não conhecem. Daqueles que não conhecem, uns entendem o edital como o regulamento, não sabendo da existência deste último; outros faziam confusão entre os documentos; e, alguns, ainda, afirmam conhecer apenas o edital da monitoria.

Os dados apresentados demonstram que a maioria dos monitores não conhece o Regulamento do Programa de Monitoria. Apesar de o edital abordar algumas de suas partes, nem todos se sentem confortáveis com a redação técnica de documentos oficiais, como regulamentos e editais, principalmente se o público-alvo se encontra na faixa etária de 15 a 22 anos. Esses dados são preocupantes, uma vez que o pouco conhecimento sobre informações constantes nos documentos que regulamentam o programa pode acarretar equívocos, prejudicando o seu desenvolvimento.

Com relação ao Regulamento, a totalidade dos docentes orientadores participantes afirma conhecê-lo, e apenas um docente mencionou não lembrar em detalhes todos os termos

que ele abordava. Destacamos que estes docentes possuíam experiência anterior com a monitoria. Portanto, tinham ou tiveram contato com ele em algum momento, ou sabiam da sua existência. No entanto, uma monitora nos alertou sobre a possibilidade de docentes iniciantes não o conhecer. Alegou, inclusive, o desconhecimento por parte de sua orientadora das regras que regem a monitoria, uma vez que a docente estava iniciando essa função.

Sobre o entendimento da monitoria, nos interessava também conhecer qual seria a sua relevância para permanência e êxito dos estudantes na instituição. Porém, precisávamos verificar, primeiramente, se os monitores conheciam o Programa de Permanência e Êxito dos Estudantes do IFMS (PPEE), tendo em vista que a monitoria é uma das ações implantadas por ele. Os resultados revelaram que nove monitores afirmaram não o conhecer, e quatro responderam que conheciam, mas, ao darem sequência em suas falas, percebemos que eles estavam confundindo com um outro instrumento de permanência e êxito: a Permanência aos estudantes¹⁰. Logo, 13 monitores não conheciam este programa institucional e dois tinham ouvido falar, porém não sabiam sobre sua finalidade, ou mesmo que a monitoria fazia parte dele.

Na sequência, indagamos sobre a relevância da monitoria para permanência e êxito dos estudantes no IFMS. Percebemos que os monitores tiveram um pouco de dificuldade na compreensão do termo permanência, como citado acima. No primeiro momento, eles entendiam a permanência como aquele momento que o professor está à disposição do aluno, e o termo êxito era incomum para eles. Após algumas explicações, até mesmo sobre o PPEE, as respostas foram emergindo. Delas extraímos algumas unidades de registro que foram agrupados na categoria e suas subcategorias, relacionadas no Quadro 8.

Quadro 8: Categoria referente à relevância da Monitoria para permanência e êxito dos estudantes.

Sigla	Título	Descrição	Quantidade
SUBCAT12	Elevada importância	Respostas que denotam elevada relevância/ importância	14
SUCCAT13	Média relevância	Respostas que denotam média relevância/ importância	01

Fonte: os autores.

¹⁰“A permanência ao estudante é uma ação didático-pedagógica relacionada ao complemento dos estudos, propiciando a recuperação da aprendizagem. Nos horários de permanência, o docente fica à disposição do estudante, com carga horária definida com base na quantidade de aulas ministradas durante o período letivo, para auxiliá-lo com os conteúdos das disciplinas e sua área de atuação”. (IFMS, PDI 2019-2023, p.117).

Observamos que, apesar do desconhecimento sobre o PPEE e mesmo do termo permanência ter para eles outro significado, após a breve explicação, quase a totalidade dos monitores passou a entender que a monitoria tem elevada relevância para permanência e êxito dos estudantes na instituição. Um monitor acreditava que a monitoria somente seria benéfica para o estudante se ele tivesse interesse em conhecer mais, pois segundo ele, a monitoria pouco poderia fazer pelo estudante assistido se o interesse fosse apenas buscar respostas prontas ou mesmo que o monitor resolvesse os exercícios para ele, situações essas que ocorrem algumas vezes. Todavia, assim como os demais, este monitor acreditava no potencial da monitoria como instrumento que poderia auxiliar os estudantes a permanecerem na instituição. Alguns, aliás, não só acreditavam como citaram suas próprias experiências. Para exemplificar, vejamos algumas falas:

A importância é muito grande. Por experiência própria, teve um monitor que me ajudou muito na matéria técnica. [...] É muito importante, acho que é fundamental pra o estudante não desanimar com aquela matéria, com aquela disciplina, saber que tem outro estudante que tava no seu lugar, conseguiu passar e agora vai poder ali te ajudar. Então é alguém ali que vai poder te acompanhar, te ajudar, mostrar que você vai ser capaz. Acho nesse sentido assim é fundamental. (MONITORA 3).

Por experiência própria, eu ia bastante nas monitorias. Eu ficava à vontade, então eu tirava as dúvidas, tanto que isso me ajudou bastante a tirar notas altas e tal. Pra o estudante, principal assim, é ajuda, por experiência própria, você melhora nas notas e no aprendizado. No semestre passado eu também ia, e isso me ajudou muito. (MONITOR 7).

Eu já procurei diversos monitores pra algumas matérias, pra mim pelo menos como estudante na época foi muito importante pra ter essa linguagem diferente, poder tirar dúvida, a comunicação entre os estudantes é mais tranquila, é melhor, eu acho bem legal. Poder passar as dificuldades que já teve. Passar algumas dicas. É algo bem importante. (MONITOR 13).

Na continuidade das falas relacionadas à relevância da monitoria para permanência e êxito dos estudantes, algumas vão ao encontro dos exemplos acima:

Eu acredito que agrega bastante valor pra pessoa, ter o gosto de estudar a matéria que ela tá procurando, que ela tenha desempenho, é isso que faz com que a pessoa diga: não, eu vou continuar no curso, eu to conseguindo, eu vejo que eu consigo. Então eu acredito que seja uma parte bastante importante. (MONITORA 9).

Se a pessoa não conseguiu entender muito bem com a linguagem que o professor está utilizando, ela pode partir pra conversar com o aluno, que é alguém mais próximo dela assim de certa forma. [...] mesmo que o método de ensino não seja o ideal, a pessoa pode acabar entendendo, como acontece muitas vezes. Isso ajuda a pessoa a não desistir da disciplina, do curso. (MONITOR 15).

Bastante importante, porque tem aluno que às vezes tá muito perdido pra fazer uma atividade, e é uma atividade que vale nota, e assim, se ele não consegue tirar nota, às vezes ele pega uma DP, e a gente sabe que uma DP pode ser um fator que determina se ele vai sair do IF, se vai ficar atrasado seis meses né, eu acho bastante importante. (MONITOR 6).

Adicionado pelo Docente 4:

Eu já fui monitor e sei que isso faz uma diferença gigantesca na vida do estudante. E fui monitor de (nome da disciplina), e só decidi ser monitor porque eu tirei a primeira nota baixa em (nome da disciplina). Então eu falei: é uma disciplina que eu tenho que ajudar para que eles não tenham a dificuldade que eu tive no início. Então, a monitoria auxilia nisso, principalmente. (DOCENTE 4).

Ainda relacionado ao tema relevância da monitoria para permanência dos estudantes, questionamos se, como estudantes, eles recorreram ou recorrem aos monitores para solicitar auxílio. Obtivemos algumas informações significativas, ou seja, a maioria, nove monitores, utilizou ou utiliza o auxílio dos monitores em outras disciplinas, afirmando que a monitoria ajuda muito a sanar as dúvidas, a entender melhor o conteúdo, como relataram os Monitores 13, 7 e 3, citados anteriormente. Dos seis que não solicitaram o auxílio de outros colegas monitores, dois destacaram que não utilizaram, pois não havia monitores nas disciplinas que eles necessitavam de ajuda: *Nunca utilizei porque nenhuma matéria que eu precisei até agora teve monitor* (MONITOR 6) Um respondente afirmou que consegue sanar suas dúvidas nos atendimentos dos docentes.

Interessante destacarmos que, apesar dos monitores serem estudantes que possuem coeficiente de rendimento avaliado como *bom* e *ótimo* – critério para ser selecionado – estes também já solicitaram auxílio de monitores ou/e ainda recorrem aos colegas monitores para sanar dúvidas, conforme o excerto abaixo:

La muito na monitoria também, me ajudou bastante. E ainda vou. (MONITOR 7).

A Monitora 3 evidencia a relevância da monitoria para permanência e êxito dos estudantes em sua fala ao conceituar a monitoria. Emocionada, cita a possibilidade da inversão de papéis, ou melhor, em um momento o estudante está aprendendo com o colega e, posteriormente, poderá ensinar a outros estudantes: *Que ele veja também, que ele está ali aprendendo, mas que ele possa, posteriormente, tá ensinando outras pessoas também* (MONITORA 3). Ao referir-se a essa possibilidade, a monitora demonstra suas vivências, pois, segundo ela, precisou recorrer à monitoria diversas vezes para sanar dificuldades, principalmente, em disciplinas da área técnica. Desse modo, ela acabou percebendo que a monitoria é um meio de incentivo aos estudantes não somente para sanar dúvidas, mas como incentivo para ser monitor futuramente.

Para os docentes orientadores, a monitoria tem elevada importância para o Programa de Permanência e êxito dos estudantes do IFMS. Entendem, ainda, que ela é uma relevante ferramenta para manter o estudante no curso, pois a relação entre iguais faz com que eles se

sintam mais à vontade para expressar suas dúvidas, receios e compreender melhor o conteúdo, uma vez que compartilham a mesma linguagem. Também partilham vivências e interesses, tornando a aprendizagem, dessa maneira, mais significativa (MORAN, 2015; NATÁRIO; SANTOS, 2010; FRISON, 2010).

A monitoria oportuniza alcançar aqueles estudantes com possibilidades de desistência por não se sentirem confortáveis em buscar apoio no docente, como apontam as falas a seguir:

[...] Por mais que você tente fazer o diálogo mais próximo do estudante ou deixar ele mais confortável possível para que ele consiga tirar as dúvidas dele, né? Há estudantes que se sentem mais à vontade para fazer uma pergunta para outro estudante do que para nós. Então, eu acho que, em casos como esses, mesmo a gente tentando várias formas de contato com esse estudante, a gente não consegue porque não é um colega dele. Então, eu acho que é uma oportunidade para que a gente consiga alcançar esses alunos. (DOCENTE 3).

Minha impressão é que eles têm uma dificuldade de participar das permanências. Raramente eles vêm, mas, com o monitor, parece que interagem um pouco melhor. Eu tenho essa impressão. [...] Até porque eu sinto que, em algumas situações, eles têm mais liberdade para conversar com o monitor do que comigo, muitas vezes. Parece, assim, que é aquela conversa de igual para igual. Então, às vezes, tem isso também. Acho que é bacana, acho que é importante. (DOCENTE 1).

A Docente 5 acrescenta que, se o estudante, ao começar ter dificuldades, reprovar e perceber que não há ninguém interessado nele, no seu aprendizado, há grandes chances de ele abandonar a instituição. Por isso, é fundamental que o docente incentive os estudantes a participarem da monitoria, assim como da permanência, segundo o Docente 4. As ações institucionais para o enfrentamento desses problemas existem, porém precisam ser mais divulgadas para que os estudantes percebam a importância e se interessem em participar, de acordo com o Docente 2.

As opiniões emitidas pelos participantes não deixam dúvidas de que a monitoria contribui para permanência e êxito dos estudantes. Sua relevância é destacada como um instrumento que proporciona aos estudantes desde sanar suas dúvidas, evitando, muitas vezes, a retenção/reprovação ou a evasão, até a possibilidade de inversão de papéis. Em outras palavras, em um momento é local para solicitar ajuda, no outro pode ser local onde ajuda alguém, abrindo caminho para futuras formações docentes. Esses dados aproximam-se das ideias das autoras Natário e Santos (2010, p. 356) quando afirmam que além de ser espaço de aprendizagem extra pode ser local de desenvolvimento de habilidades docentes. Acrescentam, ainda, que o programa deve proporcionar aos estudantes a possibilidade de desenvolver seu potencial, “auxiliando-os na formação profissional”.

Ao solicitarmos a descrição das atividades que são desenvolvidas pelos monitores, observamos que, entre outras atividades, “tirar dúvidas” era citada constantemente. O Quadro

9 apresenta a categoria e suas subcategorias extraídas a partir das respostas dadas pelos monitores.

Quadro 9: Categoria das atividades desenvolvidas na monitoria.

Sigla	Título	Descrição	Quantidade
SUBCAT14	Tirar dúvidas	Respostas que demonstram que as atividades de monitoria estão voltadas a tirar dúvidas.	07
SUBCAT15	Tirar dúvidas e outras atividades	Respostas que demonstram que as atividades na monitoria não estão voltadas apenas para tirar dúvida, mas também resolução de exercícios, revisão de conceitos e outras atividades.	08

Fonte: os autores.

Os dados apresentados na categoria das atividades desenvolvidas na monitoria demonstram que a atividade de *tirar dúvidas* aparece em todas as respostas. Entretanto, sete monitores descrevem-na como única realizada, enquanto oito apontam que, além delas, prestam apoio ao estudante na revisão de conceitos, na resolução de exercícios, em dúvidas no desenvolvimento de projetos. É importante destacar que, apesar de desenvolverem outras, a totalidade das respostas aponta que a maioria dos estudantes busca o auxílio para o esclarecimento de dúvidas, seja em conteúdos ou resolução de listas de exercícios. Os docentes orientadores afirmam, também, que as atividades desenvolvidas correspondem a tirar dúvidas sobre conteúdos ou de listas de exercícios.

De acordo com o Regulamento do Programa de Monitoria (IFMS, 2017), a resolução de listas de exercícios ou trabalhos é vedada aos monitores, uma vez que eles devem se limitar a prestar apoio aos estudantes que buscam pelo auxílio. Entende-se, portanto, que a resolução de exercícios ou o desenvolvimento de trabalhos cabe aos próprios estudantes, para que não ocorra aquilo que o Monitor 15 classificou como *obtenção de respostas prontas ou resolução da atividade para eles*, descaracterizando um dos propósitos da monitoria, que é ajudar o estudante a superar dificuldades na aprendizagem e na organização dos estudos. Em outras palavras, perde-se a oportunidade de atuar na zona de desenvolvimento iminente do estudante, uma vez que o monitor não compreenderá seu nível real de conhecimento e, desse modo, não poderá ajudá-lo a resolver as dúvidas ou problemas (VIGOTSKI, 2001).

O Monitor 15 nos possibilitou resgatar o conceito de zona de desenvolvimento iminente proposto por Vigotski (2001) que, conforme já expomos anteriormente, trata-se da distância entre o nível do desenvolvimento atual – aquilo que o estudante é capaz de resolver

sozinho – e o desenvolvimento possível, definido como os problemas/situações que ele resolve com orientação ou colaboração de colegas com um grau de conhecimento acima. Logo, ao receber o estudante, o monitor poderá auxiliá-lo, não fornecendo somente respostas ou realizando o trabalho por ele, mas sim questioná-lo, permitindo que ele expresse suas dúvidas e, a partir disso, aponte caminhos que o ajude a internalizar os respectivos conceitos científicos. Dessa maneira, possibilitará o surgimento de novas aprendizagens ou novas formações, aquilo que poderá ser o novo desenvolvimento real/atual amanhã, como diz Vigotski (2001). Conforme Freire (1996), o novo conhecimento supera outro que antes foi novo e se fez velho e se dispõe a ser ultrapassado amanhã. Por isso é tão importante compreender o conhecimento existente e o quão aberto e apto o estudante está para a produção de conhecimentos que ainda não existem.

Ao entendermos que o conceito de zona de desenvolvimento iminente é essencial para atividades de monitoria, indagamos aos monitores se, ao receberem o estudante que precisa de auxílio, eles procuram atuar somente sobre a necessidade ou procuram verificar o que o estudante conhece sobre aquele conteúdo para ajudá-lo a encontrar a solução. As respostas revelaram que quatro monitores buscavam somente solucionar a dúvida do estudante, e 11 apontaram a preocupação em contribuir com o aprendizado dos estudantes. Essa preocupação se apresentou de duas maneiras: na primeira, três monitores mostraram-se preocupados em não dar respostas prontas aos estudantes, como podemos aferir na fala do Monitor 6:

Eu gosto de saber o que ele sabe, né? Porque, infelizmente, tem aluno que chega na monitoria não querendo tirar uma dúvida, procurando apoio, mas querendo que você faça, entendeu? Então, eu gosto de saber até onde ele sabe pra eu não acabar meio que fazendo a atividade por ele, porque aí desvia totalmente o foco da monitoria. (MONITOR 6).

Na segunda, os demais monitores mostravam a preocupação com o aprendizado dos estudantes, como nas falas a seguir:

Eles vêm com algumas dúvidas. Por exemplo, eles querem perguntar algo avançado e eu vou ver, eles tão errando o básico, lá do início. [...] Costumo retornar bastante, a gente perde bastante tempo, às vezes a tarde toda, só pra explicar um ponto lá atrás. (MONITOR 15).

Procuro fazer uma sondagem sobre o que ele sabe, pois, se for só tirar a dúvida, ele pode jogar no Google que ele pode tá tirando e vai até ter a resposta que é “melhor” pra ele ainda. (MONITORA 9).

Dessa matéria, exclusivamente, Eletricidade Técnica, eu preciso ver antes, porque, senão, não tem como, porque é lá na raiz. Então, não adianta nada tirar só a dúvida. (MONITORA 5).

Nas falas dos monitores percebemos que eles tentam verificar qual é o conhecimento anterior dos estudantes, aproximando-se do que Vigotski chama de “limiar inferior da aprendizagem” e, a partir disso, procuram ajudá-los. Nessas falas é possível compreender, ainda, a impossibilidade de avançar para conhecimentos superiores sem que os básicos sejam trabalhados, sanados.

Nesse sentido, retomamos Faria (2010), quando diz que a monitoria pode ser caracterizada como um espaço constante de criação de zonas de desenvolvimento iminentes, pois a interação entre aluno e monitor faz com eles produzam questionamentos e considerações diferentes da sala de aula. Mas, para Vigotski (2010), a criação dessas zonas depende de processos de instrução/ensino corretamente estruturados.

Assim, considerando o cuidado que se deve ter no processo de instrução/ensino, entendemos que o plano de atividades é o primeiro passo para estruturar as atividades do monitor. Juntos, monitor e docente orientador o elaboram, traçando objetivos, estabelecendo atividades, definindo horários, trocando informações e esclarecendo dúvidas. Deve ser elaborado visando o desenvolvimento do estudante monitor e os demais estudantes. Será uma referência para o monitor e docente orientador iniciarem as atividades e acompanhá-las ao longo do semestre letivo.

Desse modo, perguntamos se havia plano de atividades a ser desenvolvido na monitoria. Dos 15 monitores, 12 apontaram a existência do Plano de Atividades – de preenchimento obrigatório – que deveria ser entregue juntamente com o Termo de Compromisso como parte integrante dos documentos exigidos para efetivação do monitor, com informações básicas. Esse dado foi necessário extrair de suas falas, pois muitos monitores, em um primeiro momento, respondiam que não existia plano. Depois, diziam que havia o plano de entrega obrigatória, como apontado nos excertos:

No meu não. Na verdade, existe um plano, né, o plano, ele é entregue. Mas, assim, o básico é sempre estar disponível no virtual para tirar dúvidas. (MONITORA 5).

Até o momento, exatamente assim não. A gente combinou os dias, combinou os exercícios. Só aquele plano que entregou na documentação. (MONITOR 13).

Os demais monitores responderam que não havia plano. Como ele é um documento exigido em edital, acreditamos que eles preencheram e entregaram sem dar a devida atenção. A fala do Monitor 2 exemplifica isso:

Não, não tem. O aluno chega e a gente ajuda ele no que ele precisa. Não fazemos plano, só combinamos o horário. (MONITOR 2).

Aos que responderam que havia Plano de Atividades, indagamos sobre sua elaboração, isto é, quem participou da elaboração. Sete monitores afirmaram que eles mesmos preenchiam o plano de atividades pré-estabelecido no edital e enviavam ao docente responsável. Três contaram com a colaboração do docente para definirem as atividades, horários e resultados esperados. Um preencheu apenas os dados pessoais e o docente ficou responsável em concluí-lo, e um não o havia preenchido ainda, apesar de ter conhecimento de sua existência. Os dados nos permitem inferir que o plano era entendido como mais um documento a ser entregue para o setor responsável do que uma oportunidade para prover ações que pudessem favorecer o ensino e a aprendizagem. Isso evidencia, naquele momento, a existência de falhas na comunicação entre docente e monitor neste primeiro contato, como observamos em algumas falas:

Eu tenho um amigo que já foi monitor no semestre passado. Eu perguntei pra ele, como ele tinha experiência. Eu queria entender se tinha mesmo que falar com o professor ou não precisava. Ele falou “não, não precisa. Coloca o que vai agregar, sobre os resultados e tudo”. Mas [disse] que eu podia conversar com a professora também. (MONITORA 3).

[...] tive que preencher meu horário, meu WhatsApp®, tudo sozinha, porque ninguém veio atrás de mim e eu não sabia o que ia fazer, se os alunos iam atrás de mim ou eu ia atrás deles. Então, eu fui atrás da professora pra saber se eu ia atrás deles ou eles vinham me procurar. Foi aí que ela falou que ia abrir a sala no Moodle e passar meu WhatsApp® para os alunos. (MONITORA 14).

É bom lembrarmos que a monitoria não deve ser considerada como uma atividade de ensino fácil. Segundo Frison (2016), ela é uma prática exigente e, por isso, requer acompanhamento e cuidado constante na formação dos monitores, tornando o papel do docente orientador indispensável, uma vez que ele será fundamental para organização e direcionamento desse processo. Logo, ao estruturar as atividades em colaboração, ele possibilita aos estudantes sair de uma zona de desenvolvimento e encaminhar-se para outra.

Faria (2010) defende que essa prática deve ser exercida por meio de um processo colaborativo entre pessoas com interesses em comum. Portanto, para o seu bom desenvolvimento, entendemos que deve envolver regras, divisão de trabalho, compartilhamento de informações, conhecimentos, dúvidas, incertezas e conquistas. Diante desse posicionamento, acreditamos ser necessário conhecer um pouco sobre a orientação na monitoria, o que nos levou a questionar se o docente orientador direcionava as atividades de monitoria.

Observamos que, para os docentes orientadores, além das orientações básicas iniciais, da atualização dos conteúdos desenvolvidos em sala de aula e a disposição para sanar dúvidas

ou contatos esporádicos, o monitor tinha certa liberdade para desenvolver as atividades, recorrendo a eles em caso de necessidade, como podemos constatar a seguir:

Eu passo uma orientação no início, o que eu gosto que eles façam na monitoria, como essa parte de resolução de exercícios. Agora, com o Moodle, eu os coloco na minha sala para eles terem acesso aos materiais que eu estou dando, as aulas gravadas. Ela [a monitora] está acompanhando o que eu estou dando, os materiais que eu estou utilizando, o conteúdo que dei naquela aula para estar estudando. [...] Eles conseguiram seguir mais livres e, quando aparecem dúvidas, eles vêm e me perguntam. (DOCENTE 5).

Já dos monitores, ouvimos de 12 que as atividades não eram direcionadas, isto é, eles possuíam liberdade para desenvolvê-las da forma que acreditavam ser melhor para o estudante. Para alguns, essa “liberdade” significava total ausência de orientação; em outros cinco casos o docente informava ao monitor o conteúdo que estava trabalhando em sala de aula para que pudesse estar preparado para dúvidas que poderiam surgir. Além disso, maior parte (13) informou que, em caso de necessidades e/ou dúvidas, poderia entrar em contato com o orientador por WhatsApp®, e-mail ou podiam procurá-los no intervalo de aulas. O mesmo procedimento, segundo os monitores, era realizado pelo orientador em caso de necessidades, informações ou atualizações. Mas havia aqueles que procuravam realizar um trabalho mais próximo ao docente ou ao monitor, como podemos aferir nos excertos a seguir:

A gente tem WhatsApp® um do outro. A gente troca mensagens, conversa sempre, principalmente às sextas-feiras. A professora geralmente pergunta: “Ah, como foi a semana?”. E eu dou esse feedback. (MONITOR 6).

Quando tem necessidade mesmo, aí manda uma mensagem. Às vezes, eu ia na aula da turma também pra conversar com ela. (MONITOR 7).

[...] geralmente, depois da minha aula com ele, a gente conversa uns dez minutinhos. [...] Às vezes eu entro um pouco antes na permanência dele pra entender como ele faz tudo, mas, no geral, eu tenho certa liberdade. (MONITOR 13).

Assim como Natário e Santos (2010), concordamos que as atividades de monitoria devem ser desenvolvidas com flexibilidade e liberdade para que a troca de conhecimentos e dúvidas ocorram espontaneamente entre pares. Por outro lado, pactuamos também com Frision (2016) de que é necessário que a orientação ocorra para organizar e direcionar o processo. Os excertos apresentados acima evidenciam a importância do orientador para o bom desempenho do monitor, uma vez que essa prática é permeada por receios, incertezas e dificuldades, principalmente para os monitores iniciantes.

Ao assumir o compromisso de uma monitoria, a ansiedade inicial (o que fazer, como fazer, como será, como agir com os colegas, como encontrar informações) é um sentimento

comum entre eles, conforme relatado por 11 monitores quando questionados se tinham ou tiveram, anteriormente, dificuldades na monitoria. Esse sentimento pode ser amenizado com o apoio do orientador, como destacou a Monitora 3:

[...] eu estou ansiosa, mas a professora ajudou bastante a ficar tranquila, que vai ficar tudo bem. (MONITORA 3).

Alguns descreveram que a pouca procura pela monitoria por parte dos estudantes, ou a procura somente em véspera de avaliação ou final de semestre, era uma dificuldade para eles, pois não sabiam como lidar com isso. Observamos que algumas situações poderiam ser discutidas com o orientador. Para Natário e Santos (2010), o monitor é um agente capaz de fortalecer a relação professor/aluno/instituição. Entretanto, para que isso ocorra, é necessário ele se sinta acolhido pelo orientador e, juntos, esclareçam as dúvidas, discutam as dificuldades e proponham alternativas para amenizar os problemas encontrados. A relação existente entre monitor e docente, para Cunha Júnior (2009), possibilita levantar questões que, se realizadas ou propostas individualmente, não seriam levadas em consideração. Por isso, ressaltamos, novamente, a importância do plano de atividades, pois, além de ser um instrumento que pode ajudar a propor ações que favoreçam o ensino e aprendizagem, será também oportunidade para que eles (docente/monitor) estabeleçam uma relação, numa perspectiva diferente da sala de aula, abrindo possibilidades para novas aprendizagens e desenvolvimentos.

Vigotski (2018b) explica-nos que o novo aprendizado não surge do nada. Surge de necessidades criadas antes dele e se apoia em possibilidades futuras. No entanto, inicia seu percurso a partir da imitação e, ao longo de sua trajetória, modifica-se e novos conhecimentos são construídos. Desse modo, tendo em vista o conceito de imitação e a importância do docente para formação do estudante, procuramos verificar se ao desenvolver as atividades de monitoria eles seguiam o exemplo de algum professor.

Antes do questionamento, algumas situações descritas anteriormente nos indicam que a imitação fazia-se presente no desenvolvimento das atividades, entre elas: o hábito que alguns monitores possuíam de verificar o conhecimento atual dos estudantes antes de auxiliá-los nas dúvidas; e a fala do Monitor 13 que, mesmo possuindo liberdade para exercer as atividades, frequentava a permanência do docente orientador para ver como ele dava andamento nas atividades, ou seja, procurava uma referência para desenvolver as suas atividades de monitoria.

[...] principalmente os professores da área técnica, ele mesmo o professor [nome do professor orientador], o professor [nome do professor], eles têm um jeito de explicar exercícios de maneira diferente, geralmente eu fico observando a explicação deles. (MONITOR 13).

Como podemos observar, a fala do Monitor vai ao encontro do pensamento de Bandura (2017) quando afirma que observadores utilizam diferentes fontes para criarem seus padrões de comportamento. Essa noção também é corroborada pela Monitora 14:

Professor de [nome da disciplina] eu me identifico muito com ele. Os professores de [nome de várias disciplinas] são todos muito bons. Me inspiram, nossa, eu tento ser eles. Pelo conhecimento, sabedoria, a calma, o jeito de explicar, o jeito de fazer a turma acabar prestando atenção naquilo. (MONITORA 14).

Ao descrever os atributos de determinados professores e tentar imitá-los, a Monitora dá continuidade à ideia de Bandura (2017) de que há uma tendência em selecionar características distintas, misturando-as e criando modelos diferentes, novas maneiras de fazer as atividades.

Na continuidade das falas sobre ter como referência alguns docentes para desenvolver a monitoria, 14 dos monitores afirmaram que tinham como modelo um ou mais docentes. Alguns citaram os orientadores, outros mencionaram alguns professores de disciplinas da instituição e os demais indicaram docentes de instituições diferentes, inclusive do ensino fundamental. As características citadas foram desde a utilização dos mesmos materiais, seguir a mesma didática, até aos atributos pessoais como: a calma, a gentileza, a sabedoria, a proatividade, a organização, a paciência, a descontração e a disponibilidade.

Para Freire (1996), o professor deve saber escutar o estudante nas suas dúvidas, receios e incapacidades momentâneas, pois, ao escutá-lo, aprende a falar com ele. A escuta, portanto, requer calma, paciência, humildade, tolerância, disponibilidade e respeito, características essas necessárias para o desenvolvimento da prática educativa, ou, nas palavras de Freire (1996), saberes necessários à prática educativa. Inclusive, tais características foram apresentadas pelos monitores como o diferencial dos docentes que são, para eles, referência pedagógica.

Segundo Nunes (2007), o estudante convive com inúmeros professores no decorrer de sua formação. Desse modo, possui concepções básicas sobre o que é ser professor, aprendizagem, ensino e pesquisa. Porém, ao longo do percurso formativo, essas concepções serão modificadas. O monitor, portanto, desenvolverá sua prática a partir dos modelos vivenciados. Relembremos, aqui, que essa prática não será uma simples recordação do que foi vivenciado, mas de “uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas”, uma vez que a atividade humana vai além da reprodução mecânica. Trata-se de um processo de reconstrução, de tomada de consciência, no qual novas conexões são estabelecidas e neoformações são criadas, conforme Vigotski (2018b, p. 18).

Outro ponto abordado, visando conhecer os resultados dos trabalhos desenvolvidos nas atividades, referiu-se à aprendizagem do estudante monitorado. Desse modo, indagamos se havia contribuição para aprendizagem dos estudantes. A totalidade dos monitores não tinha dúvidas de que as atividades da monitoria contribuíam para a melhoria da aprendizagem. Nove entrevistados afirmaram receber retorno dos estudantes sobre a resolução do exercício, a melhoria no conteúdo, a aprovação na disciplina, o esclarecimento da dúvida e a permanência após encontrar o apoio que necessitavam. Como exemplo, vejamos a fala do Monitor 7:

[Contribui] Muito. Eu até pergunto, depois, se eles foram bem. Aí eles vão e a gente discute bastante. Eles chamam os colegas também pra participar. Eu sempre falo: não tenha medo de perguntar, a gente tá aqui pra aprender junto, a gente aprende junto. Então, a monitoria é um meio de ensino a mais. Eu mando mensagem depois, perguntando: E aí? Quanto? Quando falam dez, eu fico feliz, [pois] ele entendeu. (MONITOR 7).

Um ponto importante destacado pelo Monitor 7 foi o entendimento de que a monitoria é mais uma opção de ensino. Conforme abordamos no capítulo 2, o regulamento do programa traz como um dos objetivos a oferta desse apoio para aprendizagem extra à sala de aula, conduzida por estudantes que compartilham a mesma linguagem, realidade e formas de pensar. A monitoria possibilita aos estudantes outra opção de aprendizagem, diferente do ambiente tradicional de ensino professor/aluno.

A colaboração também pode ser percebida na fala de Monitor 7, ao sugerir que eles poderiam aprender juntos. Cunha Júnior (2009) defende que, na perspectiva vigotskiana, colaborar é contribuir para que o estudante possa realizar tarefas que não conseguiria realizar sozinho em determinado momento e, a partir dos questionamentos compartilhados, novas zonas de possibilidades são criadas.

Ao trazer o medo, o Monitor 7 evidenciou, ainda, o compartilhamento de experiências vivenciadas, como a insegurança, as dificuldades e as incertezas. A vivência, em Vigotski (2018b), é algo individual, pois cada um terá uma impressão sobre algo vivido. No entanto, ao compartilhar as suas impressões, o monitor mostra que outros também viveram essa situação: o medo de não saber, o medo de perguntar e o medo de errar; ainda, apresenta, como sugestão para o enfrentamento do problema, o *aprender juntos*. Compartilham também as conquistas com o resultado exitoso e, principalmente, com a aprendizagem do estudante. Isso faz com eles se sintam motivados, conforme descrito por alguns monitores. Jerebtsov (2017) elucida que, para a teoria histórico-cultural, o ser humano se desenvolve porque é movido pelo afeto. Afeto esse, ainda de acordo com o autor, que Vigotski vai dizer que “não é apenas uma explosão emocional, mas uma tendência emotivo-motivacional completa” (JEREBTISOV,

2017, p. 49). Simplificando, são aqueles sentimentos que, alimentados constantemente, dão propósitos às ações. As motivações, portanto, são construídas ao longo do processo a partir das emoções compartilhadas. Vigotski (2018a) afirma, ainda, que as expressões verbais são sempre afetivas e cognitivas e que as emoções são reveladoras da pessoa.

Por outro lado, alguns descreveram que a pouca procura pelo auxílio do monitor ou mesmo recorrer apenas para obtenção de respostas prontas era um fator de desmotivação. Para Vieira (2019), a pouca procura ou somente a procura em vésperas de provas, além de desmotivar o monitor, desencadeia algumas dificuldades, como a falta de tempo para explicar o conteúdo, espaço físico insuficiente para comportar todos os estudantes que deixam para o último momento e o monitor, assim, poderá não conseguir atender as diferentes demandas.

Ainda assim, apesar da baixa adesão em algumas disciplinas, os docentes afirmaram que a monitoria era uma alternativa que beneficiava os estudantes. A totalidade dos docentes orientadores apontou contribuições para a melhoria da aprendizagem dos estudantes. Vejamos algumas falas:

Acho que é uma alternativa muito positiva. No geral, são poucos os estudantes que procuram, mas, no geral, os que procuram têm êxito. (DOCENTE 3).

Tive uma boa experiência no semestre passado. Uma outra disciplina diferente dessa. Eu percebi que o monitor atuou bem, tirando as dúvidas dos projetos, evoluiu bem. Eu fiz avaliação, eles foram bem avaliados também. Semestre retrasado, na mesma disciplina, não consegui monitor. Então, comparando agora essa ausência de monitor eu senti que as notas foram um pouquinho piores. (DOCENTE 1).

[...] eu fiz um certo rastreio para ver se aquele atendimento serviu para alguma coisa e, de fato, os alunos que compareceram não reprovaram na disciplina no final. Mantiveram, pelo menos, um rendimento satisfatório para aprovação. (DOCENTE 2).

[...] muda bastante o próprio aprendizado nas aulas, o entendimento deles nas próximas aulas, nas próximas avaliações. O resultado melhora bastante. (DOCENTE 5).

Toda ação traz resultados. No caso da monitoria são exitosos, como descritos pelos docentes. Os docentes pressupõem que, para os monitores, há uma evolução na sua aprendizagem, pois, ao ensinar ao outro, ele acaba aprendendo também, compreende a complexidade dos conteúdos, desenvolve diferentes raciocínios para resolver o mesmo problema e aprende a lidar com outras pessoas. Vigotski (2001) nos explica, novamente, que as funções psicológicas superiores surgem e são transformadas a partir das relações sociais. Dessa forma, ensino e aprendizagem apresentam-se como princípios fundamentais para o desenvolvimento do ser humano. Então, pode-se dizer que o estudante, após passar pela experiência da monitoria, possivelmente terá ganhos na sua aprendizagem e no seu desenvolvimento.

Ainda em relação à aprendizagem proporcionada nas atividades de monitoria, quatro monitores de um total de 15 confirmaram que se beneficiam também, pois podem rever alguns conceitos, aprofundar-se em outros para auxiliar os estudantes ou têm a oportunidade de compreender algum conteúdo com os colegas monitorados, além das relações interpessoais estabelecidas. Freire (1996) corrobora com a pressuposição dos docentes mencionadas ao defender que o processo ensino/aprendizagem é uma via de mão dupla, ou melhor, aquele que ensina também aprende, e aquele que aprende também ensina.

No que diz a respeito à preparação para ser monitor, questionamos se, para o desenvolvimento das atividades, existia algum apoio técnico ou treinamento que explicasse a dinâmica da monitoria ou, mesmo, se havia sido disponibilizado algum tipo de material instrucional que o ajudasse a entender melhor a monitoria, suas finalidades, atividades e documentos. A totalidade dos monitores afirmou não ter, naquele momento, conhecimento sobre essa prática ou material instrucional. Mas, disseram receber informações bem básicas sobre documentação que deveriam entregar e que algumas dúvidas, ou mesmo o conceito *monitoria*, poderiam ser sanadas pelo edital. Para o Monitores 4 e 6, a função de monitor era uma descoberta solitária: aprende-se o que é a monitoria e o que é ser monitor exercendo as atividades. Portanto, parte-se do pressuposto que cada um saberá desenvolver as atividades.

Quando indagamos sobre qual seria a contribuição da prática de monitoria para formação educacional ou para o futuro profissional do monitor, extraímos das falas que, para oito monitores, as atividades contribuem para o desenvolvimento pessoal, possibilitando, principalmente, vivenciar novas relações interpessoais; para seis, contribuem para obtenção de experiência pedagógica ou mesmo a possibilidade de futura formação; e, para um contribui para o desenvolvimento de atividades extracurriculares.

Embora a maioria dos monitores tenha conceituado a monitoria como um instrumento de ajuda aos estudantes monitorados, vemos nos dados que esse apoio contribui também para o desenvolvimento pessoal do monitor, possibilitando aprofundar conceitos ao ensiná-los, vivenciar novas relações interpessoais e aprimorar as habilidades de comunicação e organização. Para alguns proporciona, ainda, experimentar a prática pedagógica ou abre caminho para a escolha de uma profissão, como nos descreveram as Monitoras 3 e 11:

Acho que vai ser uma experiência muito boa, na minha parte interpessoal, sabe? Nessa parte de comunicação, de saber lidar com outras pessoas, se dispor a ajudar alguém, entender aquela pessoa, o que ela tá precisando. Também acho que, por exemplo, na minha formação, vai agregar muito no meu currículo. Vai ser uma experiência muito válida. [...] vai mostrar que eu tava ali, interagindo com outras pessoas no meu meio acadêmico, e isso pode me ajudar lá na frente, dependendo da área que eu for escolher. (MONITORA 3).

A contribuição é muita, pois dependendo da carreira que irei seguir será uma experiência de grande importância, tanto educacional quanto profissional. Por exemplo, se eu seguir na área de ensino, que é uma área que tenho interesse, na parte de ensinar e educar, a monitoria seria meio que um “estágio”, para eu poder atuar e visualizar como seria esta profissão. Além do fato de você estar ajudando e se relacionando com pessoas que passam por dificuldades em determinadas áreas, tornando isso uma melhor forma de se socializar. (MONITORA 11).

O desenvolvimento de atividade extracurricular a partir da monitoria, embora tenha sido um aspecto referenciado diretamente apenas por um monitor, pode ser percebido nas falas das Monitoras 3 e 11, ao mencionarem a contribuição para sua formação pessoal e profissional. Posteriormente, veremos que os Monitores 10 e 15 citaram a necessidade de ajudar aqueles que precisavam, evidenciando a responsabilidade social como cidadão. Nesse sentido, percebemos que é uma atividade que contribui para uma formação ampla. Para Conceição *et al.* (2017), a monitoria prepara futuros profissionais para atuar em situações sociais mais complexas.

Na sequência, dando continuidade à questão anterior, pré-estabelecemos a categoria e as subcategorias dos motivos que levam o estudante a se interessar pelo programa. Em seguida, solicitamos aos monitores que atribuíssem os valores de 1 a 5, a esses interesses, utilizando a seguinte classificação: (1) Discordo totalmente; (2) Discordo parcialmente; (3) Não concordo nem discordo; (4) Concordo parcialmente; (5) concordo totalmente. Vejamos os resultados na Tabela 1.

Tabela 1: Categoria dos motivos para ser monitor.

SUBCAT	Título	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	Total
SUBCAT16	Interesse por atividades de ensino e aprendizagem	-	-	-	07	08	15
SUBCAT17	Necessidade de auxílio financeiro (Bolsa)	04	05	02	03	01	15
SUBCAT18	Pretende ser docente	03	02	04	02	04	15
SUBCAT19	Desejo de compartilhar conhecimentos que gosta ou possui afinidade	-	-	-	01	14	15
SUBCAT20	Para melhorar o desenvolvimento pessoal (ter mais confiança, autonomia, conhecimento)	-	02	-	03	10	15
SUBCAT21	Para melhorar o currículo escolar	-	01	02	08	04	15

Fonte: os autores.

Quatro monitores descreveram, ainda, outros motivos para participar da monitoria, como: o desafio de participar de um processo seletivo, a necessidade de monitor em

determinadas disciplinas, o compromisso em ajudar outros colegas e a satisfação de ver outras pessoas superando dificuldades. Vejamos alguns excertos:

Acho que é mais essa experiência mesmo, essa oportunidade, ter esse desafio, e tipo assim, como posso explicar: tomar a frente nesse desafio, passar num processo seletivo com os próprios estudantes do IF, passar por todo esse processo é muito válido também, lá frente também. (MONITORA 3).

Porque a monitoria estava precisando de ajuda, eu me voluntariei para ser monitor. (MONITOR 10).

Me sentia na obrigação de passar o conhecimento para os colegas, pra eles não cometerem os mesmos erros, pois tinham uns conteúdos muito complexos que eu passava dias tentando entender. Então, por que deixar eles perderem tanto tempo? (MONITOR 15).

Fui incentivada pela minha [parente] que foi monitora, ela falou que saía de lá superfeliz. A pessoa conseguia entender, ainda falava com ela pelo WhatsApp®, tudo assim, ela conseguia ajudar. Isso também foi um motivo pra eu querer fazer também. (MONITORA 9).

Ao analisarmos os resultados da questão, ficou notório que o desejo de compartilhar conhecimentos com os quais tem afinidade, a melhoria no desenvolvimento pessoal (ter mais confiança, autonomia, conhecimentos) e, até mesmo, a melhoria no currículo escolar, destacaram-se entre os motivos apresentados pelos monitores. Destacamos, também, que o interesse pelo auxílio financeiro (bolsa) se mostrou não ser fator predominante para o estudante tornar-se monitor. Esse dado nos chama a atenção, pois, nesta seleção de monitores, não havia nenhum na modalidade voluntária. Apenas um a exerceu como voluntário, anteriormente. Isso evidencia o desconhecimento dessa modalidade.

Do outro lado, os docentes orientadores entendem que a monitoria traz benefícios financeiros aos estudantes monitores, sendo um fator que o estimula a querer participar do processo. O Docente 4 chegou a sugerir que o valor do auxílio deveria ser melhorado e ofertado por um período maior, ou seja, que pudesse ser pensando em ser um programa anual, similar aos projetos de pesquisa. De acordo com este docente, isso evitaria que o monitor desistisse no andamento, ou mesmo já na inscrição, pois, muitas vezes, o estudante desiste de participar, apesar de gostar, porque para ele são mais vantajosos outros projetos, principalmente quando envolve a necessidade financeira. Para o Docente 1, o valor pode até parecer baixo – e é – mas, alguns chegam até à monitoria exatamente por causa dessa necessidade. Desse modo, podemos inferir duas situações: nesta seleção, os monitores ou estavam amparados financeiramente ou, realmente, o valor do auxílio vinculado ao tempo ofertado não foi um fator atrativo para participar do processo, uma vez que quarenta por cento das vagas ficaram sem candidatos a monitor.

Já na relação entre ser docente futuramente e interessar-se por atividades de ensino e aprendizagem, apesar de ambas serem dependentes uma da outra, é notório que os estudantes não as associam, isto é, podem exercitar as atividades de ensino e aprendizagem e, nem por isso, pretendem ser docentes. No entanto, alguns monitores que estão vivenciando a experiência pela segunda ou terceira vez, afirmaram que a monitoria despertou o interesse em uma futura formação docente, como destacou o Monitor 6:

[...] nunca pensei em, um dia, auxiliar alguém, explicar o conteúdo pra alguém e, sendo monitor, eu descobri que eu tenho uma pequena vocação pra ser professor. Então, a monitoria mudou minha vida, porque, agora, minha meta de vida é ser professor de um instituto federal, de uma faculdade. Antes eu não tinha essa meta, sabe? Antes, eu falava que queria passar longe de uma sala de aula. Mas a monitoria me tocou e eu falei: Nossa! Eu levo jeito, eu gosto. (MONITOR 6).

Posteriormente, constatamos que a prática pedagógica experimentada por meio da monitoria influenciou todos os docentes orientadores participantes, que foram monitores, na sua escolha profissional. Antes, não havia possibilidade de ministrar aulas futuramente. Entretanto, no decorrer do processo, esse desejo foi despertado, assim como para o Monitor 6.

Considerando as contribuições e os motivos destacados anteriormente, a totalidade dos monitores recomendaria para os colegas buscarem experiência com a Monitoria. A Monitora 3 destacou a importância dessa prática no ensino médio, pois pode ser um diferencial para escolha da carreira que se pretende seguir.

Quando questionados sobre como obtiveram conhecimento para participar do programa, cinco monitores apontaram que as informações foram transmitidas pelo representante de sala no grupo de recados do WhatsApp®. Três buscaram informações no Site institucional, cinco foram incentivados pelos próprios docentes para desenvolver as atividades de monitoria e dois interessaram-se a partir da sugestão de parente ou colega que havia passado pela experiência da monitoria.

Em relação à divulgação do Programa de Monitoria como o edital, a utilidade da monitoria e a disponibilidade de monitores, oito monitores concordaram que essas informações estão chegando ao público-alvo, e sete acreditavam que elas precisavam ser melhoradas. Um dos monitores alegou que quem conhecia a monitoria sabia onde encontrá-las. No entanto, alguns monitores alegaram não saber do que se tratava a monitoria ao ingressar no IFMS, ou, mesmo conhecendo, não obtiveram informações tão facilmente. De acordo com o Monitor 15, mesmo ele possuindo conhecimento sobre a monitoria, foi preciso ficar bem atento para não perder a inscrição novamente:

Olha, a divulgação, acho que tá em falta um pouquinho. Eu precisei ficar bem atento. No semestre passado eu ia fazer a monitoria e eu não fiquei sabendo. Então, quando eu fiquei sabendo, já tinha acabado a inscrição. (MONITOR 15).

Igualmente, para a Monitora 14, foi preciso muita atenção na busca pela informação. No seu caso foi necessário ficar atenta ao *site* da instituição. Apontou, inclusive, a necessidade de dar ênfase aos canais existentes de divulgação, pois muitos estudantes acessam outras fontes como Facebook®, Instagram®, YouTube®, grupos de WhatsApp®, e as informações não devem ser restrita apenas ao edital, mas, também, sobre a monitoria de forma geral: o que é, para que serve, quem pode se beneficiar, entre outras. Essa necessidade também é corroborada pela Docente 5:

[...] hoje com as redes sociais e o WhatsApp® tem essas divulgações mais rápidas que os alunos têm acesso. Mas, nem sempre eles leem ou eles sabem o que é. Talvez em forma de vídeo, não sei. Alguma coisa que prenda mais atenção dos alunos e não somente texto. [...] para eles entenderem a importância disso para formação deles. (DOCENTE 5).

Posteriormente, ao indagarmos se sentiam falta de algo, ou se a monitoria poderia ser melhorada, ou se gostariam de contribuir com alguma sugestão, sete monitores, além de reforçarem a necessidade de melhorar a divulgação – não somente com as informações básicas, como também de sua importância como instrumento de apoio à permanência, que vai além do auxílio financeiro – sentiam falta de ter algum material instrucional para auxiliar o monitor, como para incentivar a participação dos estudantes. Segundo o Monitor 6, era necessário que todos conhecessem a monitoria:

[...] mostrar para o pessoal o que é. Porque, assim, tem gente que acha que é só um negócio pra o aluno ganhar dinheiro. Tem gente que nem sabe o que é. Se você fala: “Eu sou monitor”, eles falam: “O que? O que é monitoria?”. Pessoal que tá no quarto ou quinto semestre. (MONITOR 6).

Na questão referida acima, ainda, dois acreditavam que era necessário melhorar o canal de comunicação com o docente orientador. Três sugeriram que, com a volta das atividades presenciais, a monitoria pudesse ser ofertada na modalidade híbrida. Os demais estavam satisfeitos com as atividades.

Dos docentes orientadores colhemos como sugestão: a criação de um espaço próprio para monitoria; que pudesse ser ofertada na modalidade híbrida; que a bolsa/auxílio fosse um pouco melhorada, sugerindo, inclusive, que sua oferta fosse anual e não semestral para tornar-se competitiva com os demais programas; que houvesse algum tipo de material que ressaltasse a sua importância para o estudante; e, nas palavras do Docente 1:

Só não pode acabar. [...] ainda que ele atenda poucos estudantes, ainda é bacana. Já valeu a pena. (DOCENTE 1).

A ausência de material instrucional citada pelos monitores veio ao encontro de nossa proposta de produto educacional. Como dito ao introduzir este trabalho, os estudos evidenciavam que a proposta do Programa de Monitoria representava uma excelente ferramenta de apoio pedagógico, mas poderia não estar sendo desenvolvida na sua potencialidade por ausência de material que contribuísse com a divulgação, com informações e, especialmente, para a sua valorização como instrumento de apoio à permanência e êxito dos estudantes.

Que se perceba o quão importante é você sanar dúvidas com alguém de sua idade; e que esse alguém precisa ser preparado para essa função. (MONITORA 4).

Compreendemos, assim, que ter domínio do conteúdo, pode não ser suficiente para ensinar ao outro. Nesse contexto, o manual interativo foi produzido.

Em síntese, ao analisarmos as concepções prévias dos estudantes e docentes quanto à monitoria, podemos afirmar que a maioria a entendia como um instrumento de apoio ao estudante em relação ao esclarecimento de dúvidas. Não a avistavam como uma atividade extracurricular que podia colaborar com a formação plena dos estudantes monitores. Entretanto, muitos manifestavam o desejo de que a função do monitor pudesse ser ampliada para além do tirar dúvidas. Entendiam, ainda, apesar da ausência de informações, que a monitoria contribuía com a permanência do estudante na instituição. A seguir, traremos o olhar destes mesmos sujeitos após a aplicação do produto educacional desenvolvido por nossa pesquisa.

5.1.2 As concepções pós-manual interativo: *Manual Monitoria/ Permanência e êxito em ação*

Buscando compreender se, após o contato com o manual interativo, monitores e docentes orientadores acrescentaram algo no entendimento anterior sobre a monitoria, ou mesmo se novos sentidos emergiram de suas falas, aplicamos uma segunda entrevista e incluímos algumas questões no intuito de avaliar o produto.

Optamos, portanto, por iniciar nossa análise mostrando possíveis alterações em algumas categorias e suas subcategorias descritas anteriormente. Para isso, elaboramos tabelas comparativas, seguidas de apontamentos que evidenciam novos sentidos para monitores e

docentes orientadores. A Tabela 2 aborda o conceito sobre a monitoria extraídos das falas dos monitores.

Tabela 2: Comparativo quanto à categoria dos conceitos sobre a monitoria.

SIGLA	Título	Pré-manual	Pós-manual
SUBCAT1	Ajuda o estudante atendido	09	-
SUBCAT2	Ajuda tanto o estudante atendido quanto o monitor	02	2
SUBCAT3	Ajuda tanto o estudante atendido quanto o professor	02	-
SUBCAT4	Ajuda a todos os atores	02	13
Total		15	15

Fonte: os autores.

Na categoria dos conceitos sobre a monitoria, as subcategorias 1 e 3 não são mais destacadas, pois os monitores passaram a compreender que, no mínimo, ambos – estudante e monitor – são beneficiados pela ação, como aponta a fala do Monitor 12:

O auxílio financeiro, digamos, é um estímulo, porque a monitoria, em si, é para quem gosta mesmo de ajudar, gosta da matéria, gosta de conversar sobre ela, gosta de compartilhar conhecimentos. Ela, com certeza, sem sombra de dúvidas, auxilia tanto o estudante monitor, como o estudante que precisa tirar a dúvida. (MONITOR 12).

Outro exemplo de superação de subcategoria é evidenciado pelo Monitor 2:

Mudou minha visão. Deu para pensar melhor sobre a monitoria, sua importância tanto pro [sic] monitor, como pro estudante. Pro estudante, ele consegue entender melhor, por conta de ser aluno para aluno; e a gente aprende mais quando tá ensinando pra outras pessoas. Ajuda na comunicação, a explicar a matéria, ter responsabilidades, ajuda em tudo. A monitoria pode contribuir muito para minha formação. (MONITOR 2).

Para o Monitor 2, assim como para os demais, após a leitura do manual, a monitoria passou a compreendida como um instrumento que contribui com a aprendizagem, pois possibilita o desenvolvimento de outras habilidades, tais como a comunicação, o comprometimento, o ensinar ao outro, o aprender ao ensinar. Por isso, ensinar não é simplesmente transmitir o conhecimento, o conteúdo, tal qual preconiza Freire (1996).

A maior alteração se dá na subcategoria 4, que passa a reunir quase a totalidade dos monitores. Nesse sentido, *o apoio a um ou dois atores* deslocou-se para *todos os atores*. Inclusive, podemos perceber que alguns monitores começam a compreender que esse apoio/ajuda contribui com a sociedade. Como exemplo, vejamos a fala da Monitora 5:

A monitoria é importante para a permanência dos estudantes e, de certa forma, quando eu vou ajudar os estudantes eu acabo me ajudando também. [...] a monitoria contribui para nossa formação e há um crescimento profissional também. O lance de ser voluntário, as pessoas não incentivam muito. Mas dá realmente para ver a importância de você fazer a monitoria não só para você, mas para o outro também, pois ajuda todo mundo. [...] o lance da proatividade, de auxiliar na rotina dos estudos também, que pode ser mais do que tirar dúvidas. (MONITORA 5).

O Monitor 6 acrescenta:

O manual trouxe outra visão do Monitor. Ele tem muito mais acesso aos alunos, porque o monitor é um aluno também. Então, ficam mais à vontade, viram seus amigos, ele tem uma liberdade maior de perguntar, de falar, de se sentir à vontade. [...] o monitor não é aquele que tá ali pra tirar a dúvida e ganhar dinheiro. [...] a gente tá ali realmente pra auxiliar, essa é nossa função, auxiliar para o pessoal não desistir da matéria, conseguir concluir a matéria e ajudar o professor. [...] a monitoria é essencial para minha formação, pois eu descobri que eu gosto de ensinar, descobri que tenho essa vocação para ser professor. [...]. Eu não sabia em relação à monitoria voluntária. Isso eu não tinha tanta noção. Alguém já tinha comentado isso, mas não era esclarecido para mim. Eu gostei disso, eu achei interessante. Semestre que vem, caso eu não consiga ser monitor novamente [pela seleção], eu vou tentar ser voluntariamente. (MONITOR 6).

Nas falas vemos que a monitoria agora é entendida como um instrumento de apoio à permanência e êxito dos estudantes e a responsabilidade social também é destacada pelo Monitor 6, por meio da possibilidade de desenvolver a monitoria voluntária.

Em relação à modalidade voluntária, oito monitores destacaram que não a conheciam e, a partir do manual, compreenderam sua importância para a educação. Alguns manifestaram, inclusive, o interesse em participar como voluntários nos próximos semestres, pois podem, assim, contribuir com seu conhecimento e experiência. Nas palavras da Monitora 14:

Basta querer e gostar. Igual aquela menina da Física [referindo-se ao depoimento constante no manual], que ela gostou tanto que foi monitora bolsista e voluntária. [...] quando eu sair da monitoria de [nome da disciplina], dá pra eu ser voluntária em outras que eu amo e gosto. Então dá para ajudar o próximo. (MONITORA 14)

Percebemos, no relato da Monitora 14, uma nova visão sobre o papel do monitor, ou seja, ele pode ser um agente que, colaborando com outro, contribui com a instituição, com a sociedade. Aqui incluímos o Docente 1, quando disse que, após a leitura do manual, percebeu que não compreendia que o monitor poderia desempenhar um importante papel social. O excerto abaixo nos permite evidenciar que a monitoria é também um instrumento que possibilita transformações sociais.

Eu nunca trabalhei com o estudante nessa direção, por exemplo, que ele pode ser um cidadão. Ele está provocando mudanças na sociedade ajudando os outros. Assim, nunca caiu essa ficha. Então é bacana, sabe? Esses insights pra a gente, que é orientador, poder direcionar melhor depois. Para mim acrescentou nesse sentido. (DOCENTE 1).

Resumindo, vemos que a monitoria começa a ser pensada para fora dos muros institucionais, o que nos faz avistar uma outra forma de olhar para o programa. Afinal, de acordo com o Monitor 1, o manual:

[...] ampliou nossa visão de monitoria, né? A monitoria não surgiu só para dar bolsa para o aluno. Às vezes [a pessoa] acha que é só um “auxiliozinho”, só um aluno ali, só um aluno disposto a ajudar também. Mas não é bem assim: ela tem todo um contexto, todo um processo. Ela é muito importante para todos. (MONITOR 1).

Para os docentes, após a leitura do manual, a monitoria passa a ser um instrumento de apoio que contribui com todos os atores, possibilitando, principalmente ao estudante atendido, sanar suas dúvidas, aprofundar conteúdos e não desistir da disciplina, do curso. Aos docentes possibilita complementar o atendimento, viabilizando alcançar alguns estudantes que, por diversos fatores, não conseguem ser atendidos por eles. Aos monitores, propicia complementar sua formação e, em alguns casos, desperta o interesse por outras áreas e formações. A Docente 5, após contato com os depoimentos constantes no manual, faz uma observação interessante sobre a contribuição da monitoria para a formação do monitor. Vejamos o excerto de sua fala:

[...] às vezes, para a gente, parece que não é nada, mas para eles muda a vida deles. Até de seguir uma carreira, uma profissão. Por isso, gostei muito de receber esse feedback dos alunos monitores, saber a visão deles e o que agregou na vida deles. (DOCENTE 5).

Ideia complementada pela Monitora 4:

A monitoria impactou bastante a vida dos monitores. É um negócio que você vai participar no ensino médio ou até mesmo no fundamental, e vai impactar pra o resto da sua vida, vai mudar o jeito que você vê as coisas. Você tem mais contato com as pessoas, parece que você sai do casulo. (MONITORA 4).

Assim, com essa constatação de que a monitoria é instrumento de apoio que propicia, também, o êxito do monitor, trazemos a fala da Monitora 3 que, apoiada também nos depoimentos, afirma:

A monitoria faz a diferença sim. Às vezes o pessoal pode não vir, podem vir poucos, mas um ou dois vindo já faz diferença na vida do estudante, pode até determinar a permanência dele no curso. Você pode, também, ter os benefícios próprios desenvolvendo suas habilidades, tanto interpessoal, emocional, na sua formação acadêmica, descobrir talvez uma profissão, a você decidir o que quer fazer de faculdade. (MONITORA 3).

Um aspecto interessante observado nas falas acima diz respeito à relevância da monitoria para os envolvidos. De acordo com González Rey (2017), pode ser natural que as pessoas não percebam a relevância de determinada situação/ação explicitamente, uma vez que

não possuem dados/informações que os ajudem a aferir o que é ou não importante para cada ser. Todavia, o autor afirma que relevante é tudo aquilo que marca a história da pessoa, seja ele monitor, estudante ou docente. Pode ser tanto as experiências positivas como as negativas, pois o desenvolvimento não ocorre apenas por meio de situações que gosta, mas também por meio das possibilidades de se enfrentar as experiências desagradáveis (pouca procura por parte dos estudantes, excesso de procura em véspera de atividades avaliativas, ausência de orientação, dificuldades em compartilhar conteúdos, entre outras).

Logo, a comunicação, ou melhor, o diálogo apresenta-se como um meio eficaz para compreendermos o que é relevante ou não para alguém (FREIRE, 1996; 2012). Por isso, procuramos abordar, no manual, a importância do plano de atividades, e, principalmente, que este seja desenvolvido pelos dois participantes – monitor e docente – juntos, e do trabalho colaborativo nas atividades monitoradas (VIGOTSKI, 2001). Defendemos também, para o bom andamento das atividades e mesmo para aprimorar as próximas monitorias, que docentes e monitores precisam trocar informações e conhecimentos durante e no final do processo.

Olhando, ainda, para a afirmação da Monitora 3, entendemos que a monitoria não pode tudo, mas, dentro dos seus limites, pode mudar algumas situações, assim como Freire (2001) defendia que a educação não pode tudo, mas, nas faces de seus limites, pode alguma coisa, ou seja, pode transformar as pessoas e essas transformam o mundo ao seu redor. Aqui, retomamos o Docente 1 quando, antes do contato com o manual, nos disse que, mesmo que viessem poucos, ainda sim, teria valido a pena. Afinal, são pessoas e não números que fazem a diferença. Como exemplo citamos o próprio Paulo Freire que, de auxiliar de disciplina no colégio que estudou durante sua adolescência, tornou-se um dos mais importantes educadores brasileiros (ABREU, 2001).

A fala da Monitora 3 nos permite extrair, ainda, uma das finalidades do programa, que é a oportunidade de vivenciar uma profissão por meio da monitoria: a docência. Ela foi destacada, após a aplicação do manual, por mais oito monitores. Vejamos algumas das citações:

[...] a monitoria é essencial para minha formação, pois eu descobri que eu gosto de ensinar, descobri que eu tenho essa vocação pra ser professor (MONITOR 6).

[...] eu gostei bastante e já quero seguir nisso. Quero ser professor. Quem tem interesse há algum tempo e ainda não tem como exercer, a monitoria é uma excelente opção [...]. (MONITOR 7)

Eu acho que eu já tinha um pouco esse pensamento assim, por exemplo, na questão da monitoria ajudar futuramente se eu quiser seguir uma área acadêmica. Como teve a parte explicativa dos monitores ficou mais formalizado esse meu pensamento. (MONITOR 13).

Mostrou inclusive se a pessoa quiser continuar na área (docência), mas vai depender da pessoa, se ela gostou ou não. Mas a monitoria já é um bom começo. (MONITOR 15).

[...] eu gosto de estar lá, ensinando como que faz. Quando algum colega tem dificuldades em algumas matérias, eu gosto de ensinar. Uma das coisas que eu tenho interesse é ser docente. Eu acho bem interessante. (MONITORA 11).

Autores como Chagas e Chagas (2007), Amato (2016) e Nunes (2007) defendem que uma das características da monitoria é incentivar a formação docente, pois possibilita aos monitores exercitarem práticas pedagógicas. Pode, inclusive, ser um elemento decisivo, como revelado pelas falas dos monitores, e também pelos docentes, quando questionados se a experiência como monitores influenciou sua escolha profissional, antes da aplicação do manual.

Além do interesse pela docência, o Monitor 6 percebeu na monitoria um potencial para a pesquisa. Após a leitura do manual, esse monitor nos relatou que pretende desenvolver seu trabalho de conclusão de curso sobre a temática, abordando principalmente as dificuldades dos estudantes. Portanto, assim como Natário e Santos (2010), concordamos que a monitoria, além de ser uma atividade de ensino, pode ser compreendida como uma atividade de pesquisa. Atuando juntos, monitores e docentes orientadores poderão levantar relevantes problemas de pesquisas a partir do Programa de Monitoria.

Outra mudança que podemos destacar refere-se à questão de tirar dúvidas. Muitos monitores, como mencionado no pré-manual, entendiam que ajudar o estudante significava tirar somente as dúvidas. Assim como os monitores 5 e 6, citados anteriormente, a maioria (9) comentou a possibilidade das atividades não se restringirem a isso. Após o contato com o produto educacional, alguns denotam compreender que as dificuldades podem não ser momentâneas e dúvidas acumuladas tornam-se problemas preocupantes, podendo levar à desistência da disciplina ou mesmo do curso. Para a Monitora 4, *a monitoria pode ser mais que auxílio de último momento, ou apenas um empurrãozinho*. Logo, os monitores podem contribuir com a aprendizagem durante o semestre ou mesmo durante o percurso educacional. Por isso, destacaram os benefícios de tornar a rotina de estudos em um hábito, apresentada no manual (VIGOTSKI, 2018a).

Indo além, ressaltaram, ainda, que o estudante, quando percebe que o monitor se interessa por seus estudos, procurando entender suas dificuldades, sente-se acolhido. Para o Monitor 8, é comum o estudante chegar *desesperado, assustado*, quando está iniciando o curso e, neste momento, o que ele precisa é sentir-se seguro, respeitado e acolhido. Ademais, ser amparado por alguém que também vivenciou algo semelhante pode ser mais significativo.

Essa questão foi abordada por Natário e Santos (2010) quando argumentaram que a aproximação entre pares faz com que eles compreendam com mais sensibilidades os problemas, sejam eles dificuldades em conteúdos, disciplina, adaptação e/ou excesso de atividades. Nesse sentido, a monitoria é, também, acolhimento: estudantes quando se sentem parte do processo tendem a permanecer na instituição.

Neste entendimento sobre a monitoria, vemos que os monitores compreenderam que, além da função de apoio aos estudantes no esclarecimento das dúvidas, podem cooperar com a adaptação e integração dos estudantes na instituição, como é proposto no Regulamento da Monitoria (IFMS, 2017). Aqui, percebemos que esse documento chegou para eles por meio do manual.

Dessa forma, defendemos que o manual interativo ampliou as concepções dos monitores e docentes sobre a monitoria, pois acrescentaram no seu entendimento anterior que ela é um instrumento de apoio à permanência e êxito dos estudantes, contribuindo com a aprendizagem do estudante, enriquece a formação do monitor, propiciando inclusive a êxito do monitor. Entendem também que ela pode ser acolhimento, contribui, em maior ou menor grau, com todos os atores envolvidos e possibilita, também, transformações sociais. Além disso, pode ser, ainda, uma atividade de pesquisa. Agora, conheceremos a função do docente orientador na percepção dos monitores, comparados na Tabela 3.

Tabela 3: Comparativo quanto à categoria das competências do docente orientador.

SIGLA	Título	Pré-manual	Pós-manual interativo
SUBCAT9	Apoiar o monitor	10	
SUBCAT10	Colaborar na formação do monitor	03	15
SUBCAT11	Dúvidas quanto à função do orientador	02	-
Total		15	15

Fonte: os autores.

Na categoria das competências do docente orientador, a subcategoria 11 não é mais mencionada, uma vez que a totalidade dos monitores compreende que compete ao docente orientador apoiar os monitores no desenvolvimento das atividades e, principalmente, que sua função é importante tanto para o êxito das atividades monitoradas, como também para a formação do monitor. Desse modo, as subcategorias 9 e 10 foram reunidas, pois não há como pensar em orientação, sem que essa participe direta ou indiretamente da formação do monitor.

Portanto, vemos nos excertos abaixo que, após a aplicação do manual, houve esclarecimento sobre o papel do docente orientador.

[...] muitas vezes a gente fica com medo: ah, você é monitor, eu tenho que saber. Não, você pode ter o auxílio do professor. [...] a função do orientador é uma coisa muito necessária para o monitor, senão você acaba extrapolando pra algum lado. O professor precisa tá explicando, mandando as matérias, colocando o monitor na turma, interagindo com a turma pra saber que tem monitor, conversando com o monitor. (MONITOR 1).

Eu não sabia da parte da orientação, no caso do professor. Eu não sabia que poderia conversar com o professor para fazer o plano de atividades, o planejamento do estudo, de ter orientação. Eu não sabia disso. Na minha opinião, eu pensava que entrava ali na monitoria e o que eu sabia, o que eu aprendi, eu ia passar. Na hora que eu li isso, já falei na hora, no mesmo ato, com a professora. [...] tive certa atitude para chegar nela e conversar sobre alguns pontos [...] e ela me falou: tá todo mundo de nota baixa e a maioria desistiu. (MONITORA 14).

Antes era tipo: é o professor que tá orientando, ele que pediu a matéria, como a gente não tem contato muito direto, então pra mim era só mais uma parte da monitoria, não era um negócio que tinha tanta importância. Mas, a orientação é bem importante, influencia na nossa formação. (MONITORA 4).

Acho que eu sabia da maioria das funções. O que me chamou a atenção mesmo foi que os professores podem ter também aquela curiosidade, mas não quer se arriscar, não quer ter essa oportunidade. Então, o manual foi bom para quebrar esse tabu, vamos dizer assim, de participar mais, ter experiências, ter essa relação com o monitor, de contribuir pra formação. (MONITORA 3).

O entendimento de que o docente orientador tem um papel indispensável para o andamento das atividades de monitoria torna-se evidente para os monitores, isto é, eles compreendem que é necessária a atuação docente desde a divulgação para os estudantes, como a colaboração com materiais para os monitores, além de estabelecer a relação entre os conteúdos específicos e a prática pedagógica. Podem constituir, ainda, uma relação de proximidade com o monitor, contribuindo, inclusive, na sua formação (PEREIRA, 2007).

Podemos observar que os Monitores 1 e 14 abordam uma outra forma de medo/receio, diferente daquela mencionada, antes do manual, pelo Monitor 7 (medo do estudante). Aqui, podemos perceber que o medo/receio é do próprio monitor, ou seja, de não saber o conteúdo, de não saber explicar para o estudante, de não saber conduzir as atividades, de perguntar para o docente orientador:

Uma coisa positiva que vi no manual é você não falar ou ensinar coisa que você não sabe. E realmente, você não vai colocar eu acho, ou é ou não. Se eu não souber também, eu posso ir atrás da professora. [...] essa parte de se envolver com o professor, da comunicação, principalmente, com o professor. Porque com o professor a gente, às vezes, tem muito medo de conversar e tudo mais. Mas, você conversando com o professor, ele já sabe como é ali. (MONITORA 14).

[..]. Não sabe uma coisa, pergunta. Igual fala lá, eu lembro do texto: não dizer o que não sabe, o que não tem certeza. Só por que eu sou monitor eu tenho que saber de tudo? Tudo que o aluno pergunta? Não, não é assim. (MONITOR 1).

Dando continuidade, o Monitor 8 destaca:

[...]. Se alguém te perguntar alguma coisa e você não souber responder, ser sincero e falar assim: eu não sei, mas eu vou em busca da resposta e te digo assim que eu tiver a resposta. Achei muito interessante isso. Porque, realmente, até professor é bem raro isso acontecer, ele fala: não, eu vou pesquisar e na próxima aula eu já falo pra vocês como funciona certinho. Não chegou a acontecer muitas vezes, mas geralmente deixa bem claro que o professor não é perfeito, não tem que saber de tudo. Aí você acaba ficando mais tranquilo também, se nem o professor sabe de tudo. (MONITOR 8).

No pré-manual trouxemos que, ao assumir o compromisso de uma monitoria, alguns sentimentos são naturais entre os monitores. No entanto, duas situações citadas pelos monitores, aqui, nos chamaram a atenção: a primeira diz respeito ao receio de abordar o docente orientador; a segunda, o sentimento de alívio causado por compreender que podem assumir que não possuem determinado conhecimento ou informação, comprometendo em buscá-lo para auxiliar o estudante. Por isso, reforçamos, novamente, o papel indispensável do docente orientador, como mencionado anteriormente. Somente dessa maneira será possível a construção de vínculo com o monitor, possibilitando, assim, o acolhimento, o envolvimento e a produção do conhecimento. Ademais, reconhecer que não sabe e admiti-lo abre “créditos” junto aos estudantes, segundo Freire (1996).

Já quanto aos docentes, nos interessava, particularmente, ouvir o Docente 1 sobre sua função, pois, na primeira entrevista, ele externou desconhecimento/dúvidas sobre a função do orientador, apesar de sua fala evidenciar que, na prática, ele orientava o monitor sob sua responsabilidade. Após o manual, ao ser questionado se ele destacaria algo que não conhecia sobre esse assunto, percebemos que não se tratava de um desconhecimento, mas um esquecimento:

A princípio não, como eu disse: alguns pontos eu tinha até esquecido. [...] como estou há bastante tempo com a monitoria, eu estou meio contaminado com algumas coisas. (DOCENTE 1).

Porém, o manual despertou sua atenção em relação a seu trabalho como orientador:

Nunca trabalhei com o estudante nessa direção de poder ser um cidadão, um agente transformador. Como eu disse, esses insights nos ajudam a direcionar melhor depois. Pra mim acrescenta nesse sentido. (DOCENTE 1).

Ao olharmos para a resposta do Docente 1 verificamos que, assim como ele, os demais docentes afirmaram que possuíam conhecimento sobre a função do orientador. Logo, consideramos que, na primeira entrevista, alguns não mencionaram claramente tais funções por esquecimento ou por ser a prática tão habitual no seu cotidiano educacional que alguns aspectos não foram expostos. Vigotski (2018a) afirma que os hábitos são enriquecedores, pois

podem nos libertar para que possamos direcionar os esforços para situações mais elevadas. Todavia, podem também nos escravizar, opondo-se aos nossos esforços, como destacou a Monitora 3 ao mencionar: *não quer se arriscar, não quer ter essa oportunidade*. Dessa forma, as experiências, as vivências como docente orientador serão bases para próximas orientações, mas é preciso estar atento ao novo monitor, ao novo estudante monitorado, à nova situação educacional. Afinal, há sempre alguém chegando com dúvidas, receios, com vontade de contribuir, com vontade de ir além das dúvidas, com vontade de conhecer um pouco mais sobre a prática docente.

Um ponto que despertou nossa atenção, ainda na primeira etapa das entrevistas, foi em relação à ausência de orientação por parte dos docentes orientadores iniciantes como descrito por duas monitoras e destacado, após a leitura do manual, pelo Docente 2. Segundo o referido docente, o manual, em termos do papel do orientador, não trouxe novidades para ele, mas:

[...] para os professores que estão chegando, a gente recebe professores de contrato temporário, será muito bacana até pra entender o que é monitoria e pra que serve. É muita informação que ele não sabe, e muito regulamento é chato. [...] o manual explica melhor que eu. (DOCENTE 2).

Com relação ao papel do orientador, não tivemos a intenção de trazer novidades, uma vez que o manual aborda os principais temas do Regulamento da Monitoria, mas nossa proposta era apresentar o regulamento de forma mais leve, destacando a importância do orientador para as atividades, principalmente no acompanhamento do monitor. Introduzimos também no manual o conceito de imitação vigotskiano com o propósito de salientar que, na maioria das vezes, o monitor desenvolve sua prática a partir dos modelos vivenciados e outros encontram no próprio docente orientador o modelo a ser imitado, como mencionaram na primeira entrevista. Portanto, o docente é essencial para a formação do monitor e para o bom andamento da monitoria. Desse modo, nosso propósito foi convidar todos os docentes orientadores a refletir sobre esse papel. Mas, assim, como o Docente 2, concordamos que para os docentes iniciantes o material contextualiza a monitoria, possibilitando a eles conhecer a monitoria tanto pelo regulamento como pelas palavras de monitores e docentes. Aos demais docentes, rememorar alguns pontos é sempre bom, de acordo com excerto abaixo:

[...] eu não sei como estão os outros professores, mas é legal deixar isso bem claro pra o professor estar ciente que isso [dar aula, corrigir atividades, preencher documentos institucionais] não é função do monitor e sim do professor. (DOCENTE 5).

Apesar do conhecimento sobre suas funções, alguns docentes orientadores destacaram alguns aspectos que despertaram sua atenção após o contato com o manual. Algumas delas

são: a possibilidade de o monitor desempenhar um considerável papel social, citado anteriormente; a importância de atuar ativamente como orientador, ressaltando inclusive a relevância do *feedback* entre monitor/docente; a fundamentação teórica relacionada a alguns temas; e a compreensão de que a monitoria pode ser uma forma de personalização do ensino. Para contextualizar, vejamos alguns trechos:

[...] as citações foram inseridas de forma simples, assim. Citou Vigotski, bem como uma coisa simples, e não como aquele ali, ai meu Deus! Toda aquela linguagem, aquela terminologia, porque, às vezes, é difícil até pra mim. Por exemplo, não é um material que leio fácil assim. Eu demoro um tempo. Achei que inseriu legal: Ah, Vigotski fala isso? Eu não sabia! Foi bem legal. (DOCENTE 3).

Para mim, especificamente, a fundamentação teórica com Vigotski, Paulo Freire, trazer esses pensadores, os educadores ali relacionados aos temas. Sim, agregou conhecimento. É uma coisa bem pontual, cada um tem uma necessidade, cada um tem o tempo de aprendizagem, cada um tem uma vivência diferente. É bem legal que a monitoria pode ser de forma personalizada mesmo. (DOCENTE 5).

Para finalizar a categoria das competências do docente orientador, deixaremos o Monitor 15 falar por nós, após fazer uma constatação e apresentar um movimento de mudança:

[...] às vezes, o monitor não desiste mesmo por causa do incentivo financeiro, mas se o professor for bem ativo com o monitor, dificilmente isso acontece. [...] Inclusive até a [nome da docente orientadora] começou a conversar mais comigo, perguntar sugestão de atividade, alguma coisa, se eu tiver alguma sugestão. (MONITOR 15).

Referente à função/competência do monitor, perguntamos aos monitores se, em relação a esse assunto, eles destacavam algo que não tinham conhecimento antes de ler o manual ou se algo havia despertado sua atenção após esse contato. A maioria (13) dos monitores manifestou conhecê-la, porém alegaram que alguns pontos foram esclarecidos para eles. Quatro tinham dúvidas sobre o registro das atividades e entrega da folha de frequência, inclusive, sobre o plano de atividades e da sua possibilidade de desenvolver junto com o docente orientador. Para os monitores iniciantes, o relatório final foi uma informação nova.

Porém, foi nas vedações que alguns monitores manifestaram desconhecimento ou surpresa. Dentre outras falas, trazemos duas para elucidar:

No geral eu não sabia [das vedações]. Tem uma parte no manual que fala o que o monitor pode fazer e o que ele não pode, em relação à atividade e tudo mais. Essa parte eu realmente não sabia. Então, eu achava que, se um professor viesse e falasse assim: “Você tem que ajudar a corrigir essa prova”, eu tinha que ajudar, sabe? Na minha cabeça era assim. Com o manual ficou esclarecido que não é minha obrigação fazer isso. Eu não fazia a mínima ideia disso. (MONITOR 6).

Tem coisa que eu fazia e eu descobri que não pode. Igual, no semestre passado a professora não poderia dar aula, e ela me chamou para acompanhar, explicar para os estudantes como fazer os exercícios. Eu descobri que isso não pode. Outra coisa

é resolver lista de exercícios de provas, e eu descobri que não pode, e eu fazia isso. Às vezes o professor não lê o regulamento também. (MONITOR 7).

Tais falas ratificam os dados apresentados na análise prévia à aplicação do manual, ou seja, o regulamento da monitoria era pouco conhecido ou lido por eles e, talvez, até mesmo por alguns docentes, como sugeriu o Monitor 7. Como já dito, o pouco conhecimento sobre informações constantes nas regulamentações acarreta equívocos que podem prejudicar o andamento do programa e o desenvolvimento do monitor. Nunes (2007) nos alertou, anteriormente, sobre o cuidado que se deve ter com a formação do monitor, pois são aprendizes e não possuem a competência de um professor, portanto, não podem substituí-lo. Corroborando, Natário e Santos (2010) destacaram, ainda no capítulo 2, a importância de conhecer a função do monitor para que ele não desempenhe atividades não relacionadas às suas atribuições.

Nesse sentido, os docentes orientadores, ao serem questionados se não tinham conhecimento sobre alguma função/competência do monitor, responderam que conheciam tais atribuições. No entanto, tal como os monitores, ressaltaram a importância dada às vedações no manual:

Eu acho que eu já sabia. Mas você frisou bem, ali, que o monitor não substitui a figura do professor e nem deve. Às vezes, algum professor, que não conhece, pode ter deixado corrigir uma avaliação. Isso, talvez, não caiba ao monitor. Ele pode auxiliar ali, ajudar na elaboração de algum exercício, um apoio, mas as atribuições do professor não devem ser repassadas. O mesmo vale para um técnico de laboratório. Não tem como o professor passar as atividades e falar: “Técnico, dá aula aí!”. O técnico não tem preparo para isso. (DOCENTE 2).

Eu acho que eu já tinha conhecimento, sim, das funções do monitor, mas achei legal que você abordou bem a questão de deixar claro que o estudante não é pra fazer a função do professor. É legal deixar isso bem claro para o professor. (DOCENTE 5).

[...] achei importante evidenciar o que não é atribuição do estudante. Não é atribuição dele a questão de substituir o docente. Isso é importante. Eu achei importante falar que ele não tem que dar aula, não tem que fazer as questões administrativas, porque eu já vi alguns estudantes falando: “Ah, eu não quero dar aula”. Eu já vi esse tipo de observação, assim. (DOCENTE 3).

Assim como é necessário olhar para as atribuições, é também preciso conhecer as vedações. Desse modo, ao apresentarem tais preocupações com os desvios de funções, os docentes orientadores participantes deste estudo demonstram entendimento similar aos defendidos por Nunes (2007) e Natário e Santos (2010). Por isso, defendemos que ambos, docente e monitor, devem conhecer tanto a sua respectiva competência, como a do outro, para evitar situações como as descritas pelos Monitores 6 e 7 e, principalmente, para o bom desenvolvimento das atividades monitoradas.

Quanto à relevância da Monitoria para permanência e êxito dos estudantes, apresentamos na Tabela 4, os resultados antes e após a aplicação do manual.

Tabela 4: Comparativo quanto à categoria referente à relevância da Monitoria para permanência e êxito dos estudantes.

SIGLA	Título	Pré-manual	Pós-manual interativo
SUBCAT12	Elevada importância	14	15
SUBCAT13	Média relevância	01	-
Total		15	15

Fonte: os autores.

Aqui também observamos a exclusão de uma subcategoria. Os resultados passam a concentrar-se todos na subcategoria 13. Entretanto, a alteração mais significativa ocorre no uso do termo *permanência*. Relembramos que, na primeira entrevista, foi necessário esclarecer para os monitores o referido termo, diferenciando-o da *permanência do professor*. Ao retornar a campo, verificamos que a permanência, no sentido estabelecido no Programa de Permanência e Êxito dos estudantes do IFMS - PPEE (2019) e no Planejamento Estratégico Institucional de Permanência e Êxito dos Estudantes do Instituto Federal do Mato Grosso do Sul - PEIPEE (2016; 2019-2023), era recorrente em suas falas. Como fonte, podemos observar as falas, citadas anteriormente, das Monitoras 5 e 3, e nos trechos a seguir:

A monitoria é muito importante para o estudante permanecer no IF. [...] Por exemplo, para ajudar na permanência escolar no caso da evasão escolar. [...] eu nunca tinha pensado nessa parte. (MONITORA 4).

Para o próprio monitor, que acaba permanecendo no IF [...]. (MONITORA 11).

Ficou bem clara a importância da monitoria para a permanência, mesclando, assim o início, com o surgimento da monitoria, com a finalidade da monitoria, como é o processo que o Instituto Federal desenvolve com a monitoria. Ficou bem clara a preocupação com a evasão. (MONITOR 13).

Notamos, portanto, que houve um reconhecimento por parte dos monitores sobre a contribuição da monitoria para a permanência dos estudantes, principalmente a preocupação da instituição com a evasão escolar. Destacaram, ainda, que o manual, ao contextualizar a história da monitoria, a finalidade do referido programa e os depoimentos de ex-monitores, modificou suas formas de compreender a monitoria:

[...] eu não tinha pensado na profundidade da monitoria, então deu mais vontade, mais esperança para continuar na monitoria. (MONITORA 11).

[...] deu vontade de motivar outras pessoas, sabe? (MONITORA 14).

Reiterando o Monitor 1:

[a monitoria não] é apenas um auxíliozinho, só um aluno ali, só um aluno disposto a ajudar também. [...] não é bem assim, ela tem todo um contexto, todo um processo. (MONITOR 1).

Para os docentes orientadores a elevada importância da monitoria para permanência dos estudantes já se mostrava presente em suas falas na primeira entrevista. Acrescentaram, após a leitura do manual, sua relevância, não somente para a permanência, mas também para o êxito. Assim como os monitores, os docentes acreditam que a contextualização histórica, os propósitos do programa e o fechamento com os depoimentos dão aos monitores e a eles uma melhor compreensão sobre a monitoria:

Eu acho que, agora, a monitoria ganha um pouco mais de força. Ela era citada, era falada, tinha ali nos assuntos, no vocabulário dos alunos, [...], mas eu acho que, muitas vezes, alguns alunos nem se interessavam porque não sabiam como funcionava ou o que é a monitoria. (DOCENTE 2).

[...] eu aprendi muito, na verdade, com o manual, aquela história da monitoria, as bases. Assim, é uma linguagem fácil de entender, acessível. Os depoimentos foram bacanas, até conheço alguns deles, não tenho nem dúvidas disso. (DOCENTE 1).

Teria o manual possibilitado novas zonas de desenvolvimento aos participantes?! Apoiados em Vigotski (2001, 2018a), que nos diz que o aprendizado impulsiona o desenvolvimento ou, em outras palavras, pode contribuir na criação de novas zonas de desenvolvimento iminente, defendemos que os dados denotam indícios de que o produto tenha proporcionado algum movimento nesse sentido, uma vez que os participantes evidenciaram sentidos renovados para a monitoria.

Em relação à categoria dos motivos para ser monitor e suas subcategorias, ressaltamos que nós as determinamos previamente, ainda na primeira entrevista, com o intuito de levá-los a refletir sobre tal assunto, pois pretendíamos abordá-las no manual, uma vez que entendíamos que essa categoria poderia incentivar outros estudantes a participarem do programa. Dessa forma, na segunda entrevista, fizemos algumas modificações para que monitores e docentes orientadores nos ajudassem a verificar se tais motivos/benefícios foram evidenciados ou haviam chamado sua atenção. Os resultados mostram que a totalidade dos participantes concordou que o manual destacou as possibilidades de envolvimento em atividade de ensino e aprendizagem, de auxílio financeiro, de formação docente, de compartilhamento de conhecimentos que possuem afinidade, de atividade extracurricular e de desenvolvimento pessoal. Ressaltamos que, antes do questionamento, alguns participantes

demonstraram que havíamos aproximado de nossos propósitos, ou seja, enfatizar os benefícios da monitoria para os estudantes, como podemos aferir na fala do Docente 3:

[...] aquela parte dos benefícios ficou bem visual para o estudante ver o que ele tem a ganhar com isso. [...] Eu gostei mais do que o estudante pode agregar para ele e o que é atribuição e o que não é dele. Porque ficou uma linguagem mais acessível para os adolescentes [...]. (DOCENTE 3).

Ainda foi mencionada a formação docente, sendo que alguns monitores manifestaram o interesse pela área e outros avistaram a possibilidade de a monitoria ajudá-los na escolha de seu próximo curso, como vimos. A monitoria como atividade extracurricular foi citada por três monitores. Também foi mencionado o auxílio financeiro, já conhecido pelos monitores, que destacaram, também, a possibilidade da modalidade voluntária, como discutido anteriormente. Para alguns docentes orientadores, a monitoria voluntária contribui também para o currículo do estudante, como podemos observar na fala do Docente 3:

Achei que evidenciou a importância do monitor voluntário, porque eu vejo que muitos alunos visualizam a monitoria mais no sentido da bolsa, e eu gostei do papel do voluntário, fazendo gancho lá para o final com os depoimentos. Acho que foi o Gabriel, um dos depoimentos fala que foi voluntário. Acho interessante evidenciar isso para o currículo também. (DOCENTE 3).

A maioria (11) dos monitores destacou, ainda, a atividade complementar, mencionando, inclusive, que não tinha conhecimento sobre esse benefício proporcionado pelas atividades de monitoria, constante no Regulamento da Monitoria (IFMS, 2017).

Em síntese, ao analisarmos as concepções dos estudantes e docentes quanto à monitoria após a aplicação do produto, podemos afirmar que a totalidade dos participantes ampliou, cada um a sua maneira, seu entendimento sobre a monitoria. Ainda que signifique um instrumento de apoio no esclarecimento de dúvidas, novos sentidos emergiram de suas falas tais como: um instrumento que enriquece a formação do monitor, que colabora com todos os envolvidos, que permite o acolhimento, que possibilita transformações sociais, ou seja, instrumento de permanência e êxito que contribui para além dos muros institucionais. A seguir, uma análise do produto, seus pressupostos e elementos contribuintes para esse processo de mudança de concepções.

5.2 Um olhar sobre o manual interativo, seus pressupostos e características

Retomando os objetivos específicos 2 – Desenvolver um manual que permita o contato com informações essenciais ao programa e a interação entre os seus participantes – e 3 –

Analisar os elementos do manual que possam contribuir para um melhor entendimento do Programa de Monitoria do IFMS e seus objetivos – e buscando compreender melhor o produto educacional desenvolvido e aplicado em termos de características e contribuições, concentraremos nosso olhar, agora, para os seguintes indicadores estabelecidos:

- O que é um manual enquanto instrumento de prática educativa?
- Como elaborar um manual interativo? Qual a linguagem e estrutura de um manual interativo?
- Quais informações são essenciais para um manual do Programa de Monitoria do IFMS?
- Como organizar a informação para que seja de fácil assimilação por parte dos interessados?
- Como destacar os vários benefícios decorrentes da monitoria, além do aspecto financeiro?
- Quais elementos do manual contribuiriam ou não para a conscientização da importância da monitoria como instrumento de permanência e êxito?
- Como possibilitar um novo olhar para Programa de Monitoria com a finalidade de aperfeiçoar o seu potencial?

Vimos, até aqui, que vários conteúdos do Regulamento da Monitoria foram lidos pelos monitores e docentes orientadores, por meio do manual. Sendo assim, indagamos a opinião deles sobre a adaptação do regulamento realizada no manual. Para facilitar e também aproveitar as várias palavras mencionadas por eles na referida questão, trazemos na Figura 6 uma nuvem de palavras geradas a partir do aplicativo Mentimeter^{®11}. Assim, quanto mais repetida for a palavra, maior e mais forte aparecerá na figura.

¹¹www.mentimeter.com

Figura 6: Nuvem de palavras abordando a adaptação do Regulamento do Programa de Monitoria no manual Interativo.



Fonte: Os autores.

Logo, quase todos (17) os participantes classificaram a abordagem do regulamento no manual como: didático, ou seja, a forma como foi apresentado e explicado cada conteúdo, por meio de imagens e textos, tornou o regulamento da monitoria um documento com *linguagem acessível*, *claro*, *descontraído*, *fácil de entender*, *legal*, *explicativo*, *simples*, *agradável*, *dinâmico*, *descomplicado*, *organizado*, dentre outras, como podemos observar na Figura 6. Segundo Vigotski (2018), o material didático/educativo a ser ofertado deve estar voltado a mobilizar a atenção do estudante. Por isso, deve ser organizado e apresentado de maneira concisa e que seja acessível. Costa e Tarouco (2010), no capítulo do produto, acrescentam que as imagens e os textos quando utilizados de maneira equilibrada favorecem a compreensão da informação e a aprendizagem do conteúdo proposto. Mas é preciso estar atento ao público a quem se destina o material.

Nesse sentido, a Docente 3 ressaltou que, apesar dos estudantes estarem acostumados a ler o edital ou regulamento, ainda sim, são adolescentes, e a linguagem formal dos documentos oficiais torna-se um pouco distante da realidade deles, dificultando o entendimento. De modo semelhante, o Monitor 13 diz:

[..] ficou bem mais didático, principalmente, porque o regulamento, ou quando o IF publica o edital, geralmente é todo naquele formato de texto, mais acadêmico. Então, às vezes, tem gente que, quando lê, fica com algumas dúvidas. Então, acho que no estilo que foi feito o manual, ficou bem mais didático, mais simples,

explicativo assim: como que faz o processo, o que faz o monitor e destacou a importância do monitor. (MONITOR 13).

Para a Docente 5, a adaptação do regulamento no manual o torna mais claro, tanto para o estudante quanto para o professor. Vejamos sua fala:

Ficou mais didático, bem mais didático. Ficou mais claro, tanto para o professor quanto para o estudante, porque, às vezes, você quer uma informação, você fica procurando lá, você cansa do texto e, pra os estudantes, é pior ainda, né? Da forma como está estruturado, organizado, as cores, as imagens, eu acho que está muito claro, assim, muito didático. [...]. E a abordagem ficou muito mais interessante do que ele pegar, simplesmente, um edital, um regulamento, e ler aquele monte de texto. [...] A parte gráfica, ficou bem legal mesmo. (DOCENTE 5).

Caminhando nesse mesmo sentido, temos os Monitores 11, 15 e 6, que consideram que o formato textual do regulamento, ou mesmo no edital, não os estimulam a lê-los. Por isso, o manual como apresentado:

Ficou uma maneira mais legal da gente “tá” lendo, né? Porque, geralmente, o regulamento, ou quando é um edital que o pessoal coloca, tem várias informações importantes, mas a gente não tem vontade de ler. Quando é termo de usuário, assim. Geralmente você fala assim: “Ah, eu li”, mas você não leu aquele termo que é “gigantão”. Acho que ficou bem legal, bem didático. (MONITORA 11).

Ficou muito melhor. Eu mesmo, nunca li aquele regulamento. Preguiça mesmo. No edital nem li tudo ainda, eu só vi a parte dos documentos [...]. O bom é que ficaram todas as informações em um lugar só. Tipo, antes, a gente precisava ficar “caçando” em todo lugar sobre algumas coisas, como por exemplo: se precisa tá cursando o segundo período, tá aprovado. Ficou mais didático. (MONITOR 15).

Ficou mais claro. A gente, que é monitor, a gente é jovem, né? E jovem não gosta de ficar lendo aquele montão de letra, isso e aquilo, às vezes fala: “a Portaria”, fala uns negócios muito complicados, tem umas palavras muito complicadas pra gente entender. Aí, a gente fica perdido. Já o manual usou uma linguagem simples, uma linguagem que dá pra todo mundo entender, que a gente não precisa ficar se perdendo. Vocês simplificaram tudo. Eu gostei! (MONITOR 6).

Nessas falas, podemos constatar que a redação técnica dos documentos oficiais nem sempre são atrativas, como já expusemos anteriormente. No geral, são leituras realizadas quando são indispensáveis, pois nem sempre são de fácil compreensão, uma vez que são textos redigidos formalmente. Outras vezes, mesmo sendo indispensável a sua leitura ou consulta, tais documentos são deixados de lado, como verificamos nas falas dos monitores citados. Estes preferem consultar os colegas ou descobrir (ou não) no decorrer das atividades, como nos disseram alguns monitores na entrevista pré-aplicação do manual.

Dessa forma, ao olharmos para esses excertos e os resultados constantes na nuvem de palavras, percebemos que o pouco conhecimento sobre a finalidade, o desenvolvimento e os benefícios da monitoria, dava-se por ausência de material informativo/explicativo sobre o programa, adequado ao público-alvo. Indo além, isso pode ajudar a explicar, parcialmente, a

quantidade de vagas ociosas deste processo seletivo. Nesse sentido, uma das medidas de intervenção/prevenção contra a evasão e a retenção, sugeridas no PEIPEE (2019-2023), é a elaboração de materiais informativos com linguagem clara e que possam ser divulgados antes dos processos seletivos.

Na sequência, ao perguntamos se o manual contribuiu ou poderia contribuir para o desenvolvimento das atividades de monitoria, a Docente 5, após sua afirmação, acrescentou:

Sim. Eu acredito que vai até aumentar até a concorrência. Hoje a gente tem poucos inscritos, é muito mal divulgado. O manual vai dar um outro ar para a monitoria. (DOCENTE 5).

Observamos que a opinião da Docente 5 dialoga com o exposto anteriormente, isto é, o elevado número de vagas ociosas nos processos seletivos pode ter como uma das causas a ausência de materiais informativos ou de conscientização sobre a relevância de determinado assunto, no caso, a monitoria. Por isso, defendemos, aqui, a produção desses materiais.

Retomando a questão, todos os participantes acreditam que o manual contribui e poderá contribuir para o desenvolvimento das atividades de monitoria. Dentre as contribuições, podemos extrair das falas dos monitores que, após compreenderem o programa: sentiram-se mais seguros para desenvolver as atividades; não precisam limitar-se a esclarecedor de dúvidas; adotaram algumas sugestões do manual na atual atividade; não tiveram necessidades de recorrer a outras pessoas para esclarecer suas dúvidas em relação ao andamento das atividades, pois consultavam o manual; e, entenderam que precisam mudar de comportamento para o bom andamento das atividades. Ressaltaram, também, que o manual, além de contribuir com as atividades dos atuais monitores, poderá alcançar também os futuros monitores. Pode, inclusive, ser divulgado aos estudantes ingressantes para que conheçam a monitoria desde o primeiro semestre, pois vários destes monitores só obtiveram conhecimento sobre a monitoria em semestres posteriores. Para exemplificar, começaremos com a resposta da Monitora 4:

*Bastante, principalmente porque você entende que pode ajudar além do tirar dúvida. Nossa! Se eu tivesse tido contato com isso, com o manual, eu seria uma monitora bem melhor. Fica para os próximos monitores o legado. Fica um negócio menos **nebuloso assim**, porque a monitoria **você vai conhecer se você for monitor** ou se o professor falar: vai na monitoria, quase um “tô te obrigando”.* (MONITORA 4, grifos nossos).

A contribuição para as atividades, até aqui vista, inicia-se pelo entendimento do que é a monitoria e, a partir disso, a Monitora 4 compreende que seu papel não se restringe apenas a *tirar dúvidas*. Pode apoiar os estudantes com os estudos em geral. Nesse sentido, a maioria (16) dos participantes (monitores e docentes orientadores) destacou a importância da Rotina

de Estudo, e como ela pode beneficiar os estudantes. Alguns monitores citaram, dentre outros aspectos, que este tema, constante no manual, contribuiu com suas atividades. Vejamos um dos trechos que nos permite evidenciar essa contribuição:

Sim. Já atualizei uma parte na minha seção da monitoria no Moodle. Sobre a questão de acumular, até, no manual teve o roteiro de estudo. Eu achei bem legal ter aquilo no manual. Eu coloquei na minha seção da monitoria [...]. (MONITOR 7).

O depoimento do Monitor 7 nos remeteu à fala do Docente 1 quando este, no mesmo questionamento, disse ter certeza que irá contribuir com o desenvolvimento das atividades, pois percebe que o manual instiga o estudante a avançar nas suas atividades.

Com certeza. Eu não tenho dúvida. O manual ficou muito didático, muito explicativo. Acho que ele acaba desafiando o estudante a dar passos a mais, a sair um pouquinho do comodismo, da zona de conforto que ele está ali. Talvez, para o monitor: “Ah, não veio ninguém, eu tô aqui, de boa, tô fazendo minha parte”. Mas a provocação, assim, que ele pode ser um agente transformador, que ele pode ajudar outras pessoas, um papel cidadão. Acho que ficou bacana isso, acaba mexendo um pouquinho. (DOCENTE 1).

Ratificando a fala do docente, o Monitor 15 diz:

[...] como eu falei na última [entrevista], a gente está como monitor, mas a gente simplesmente espera os outros virem e acaba que não faz nada de fato. Eu, pelo menos. E isso [a seção: EXTRA, EXTRA!!] me deu umas ideias de como ajudar a professora com algumas coisas e aí eu preciso ver isso daí. De poder fazer um pouco mais e não ficar à toa, né? Utilizar melhor o tempo. [...]. Vai ajudar bastante, vai ajudar até os estudantes naquela parte que fala que não devem ficar dependendo do monitor para fazer as atividades dele. Da organização do próprio estudante [monitor] também, que precisa se organizar, acaba que eu estava bem enrolado nas últimas semanas [...]. (MONITOR 15).

Assim como Faria (2010), entendemos que a monitoria é um espaço constante de criação de Zonas de Desenvolvimento Iminente. Por isso propusemos o manual, pois acreditávamos que esse instrumento de mediação pudesse intervir na ZDI dos participantes provocando não somente um novo olhar sobre o programa, como novas atitudes, posturas e, como pudemos observar na fala do Monitor 15. Este, ao apontar a intenção de mudança de postura, objetivando tornar a atividade mais ativa, demonstra que o manual possibilitou um melhor entendimento sobre monitoria, sobre seu papel como monitor e do papel do docente orientador. Esse apontamento nos leva a inferir que, muitas vezes, determinadas situações ocorrem não por ausência de interesse, mas pelo pouco conhecimento sobre a atividade e as possibilidades ali existentes.

Neste sentido, olhando, ainda, para a fala da Monitora 4, vejamos um aspecto que corrobora com nossa hipótese e, ao mesmo tempo, nos permite verificar mais uma contribuição. Ao trazer a expressão *fica um negócio menos nebuloso*, percebemos que as

atividades da monitoria nem sempre estavam esclarecidas para alguns monitores e, a partir do manual, tornaram-se mais compreensíveis. Vejamos outro excerto que nos permite evidenciar essa análise:

[...]. É como eu falei, né? Eu tava meio perdida na monitoria e, depois que eu li ele [o manual], me deu uma orientada, uma guiada. Agora eu sei o que estou fazendo, me senti mais segura. [...]. O próprio manual conseguiu me lembrar que eu tinha alguma coisa para fazer, alguma coisa que eu não sabia que tinha que fazer [referindo-se ao Plano de Atividades e Lista de Atividades]. (MONITORA 9).

Para entendermos um pouco mais sobre a fala da Monitora 4, precisamos esclarecer que na expressão *eu seria uma monitora bem melhor*, o que ela quis dizer é que teria sido uma monitora bem melhor, pois já havia exercido a monitoria outras vezes, e, somente após o contato com o manual, entendeu que as atividades podem ser mais que um empurrãozinho (como sugerido por um ex-docente orientador). Na expressão *fica [...] para os próximos monitores o legado*, em outras palavras, fica a contribuição do manual aos próximos monitores. De modo semelhante, dentre outros, temos o excerto da Monitora 3:

Pode contribuir agora nesse atual que a gente está sendo monitor e também dos futuros, principalmente para se guiar [...]. Agora tem aquele manual que vai te ajudar a desenvolver essa parte. Às vezes, não quer ir buscar com outra pessoa. Agora vai ter aquele manual ali, com você, e vai te dar mais segurança. (MONITORA 3).

Dando sequência, indagamos quais as principais contribuições que eles encontraram no manual. Alguns assuntos já foram mencionados anteriormente, mas foram destacados aqui, novamente. Vamos a eles.

Os monitores disseram que, além de contribuir no esclarecimento de dúvidas, o manual possibilitou conhecer outros tópicos, expandindo, assim, a visão sobre a monitoria. *O manual deu uma ampliada nos nossos olhares, né? Coisas a mais, umas dicas que deram, as referências, a história* (MONITOR 1). Nesse sentido, a maioria (14) destacou a história da monitoria, sendo que a contextualização histórica contribui para uma melhor compreensão sobre o tema, evidenciando a sua importância ao longo do tempo:

*Destaco a história da monitoria, porque contextualiza, tipo: a monitoria em si, a importância, se é um negócio que existe há muito tempo, então é **muito** [ênfase dada à palavra pela monitora] importante [...]. (MONITORA 4).*

A maioria (14) citou, também, a seção “Extra! Extra!” destacando, também, a Rotina de Estudo, seguida da indicação das ferramentas digitais ou plataformas. Vejamos alguns excertos que evidenciam esse olhar:

Nas sugestões extras, eu vou conversar com a professora umas coisinhas para a gente fazer. (MONITOR 15).

A principal contribuição, para mim, foi a parte da rotina de estudo, vai contribuir bastante com minhas atividades [...].(MONITOR 6).

[...] as plataformas e os aplicativos foram bem legais também, tanto os aplicativos, para ampliar a forma de atendimento [...]. (MONITOR 7).

Uma parte significativa (8 monitores) mencionou, ainda, o destaque dado ao papel do docente orientador, a relevância dos depoimentos para evidenciar que a monitoria pode ser um diferencial para os estudantes e a praticidade de ter acesso aos formulários reunidos em único local.

[...] a importância da comunicação com o professor, muita coisa ali que eu não sabia [...]. (MONITORA 14).

[...] os depoimentos dos estudantes foram bem legais também pra mostrar a importância. (MONITOR 5).

[...] de ter os documentos, achei muito importante isso, porque às vezes a gente fala: qual documento, cadê o documento, o que é isso.(MONITOR 1).

Alguns também trouxeram, como contribuição: a fundamentação teórica; as dicas para melhorar as atividades como monitor; a monitoria voluntária; as etapas da monitoria. Vejamos alguns excertos:

[...] explicaram do Paulo Freire e de outras pessoas também [...]. (MONITOR 5).

As dicas do desenvolvimento da monitoria pra melhorar minha performance como monitor [...]. (MONITOR 7)

[...] eu acho que essa parte foi bem legal. Essa parte combina com os depoimentos, ficou muito legal, eu gostei (MONITOR 5).

[...] o que a gente precisa fazer, as etapas, o que é necessário ser feito pra conseguir realizar a monitoria de forma bem-organizada, né? (MONITORA 11).

Ainda sobre as contribuições avistadas no manual, a Monitora 3 destacou, também, a responsabilidade e a personalização do ensino. Segunda ela, o manual contribui para o entendimento de que a monitoria é assunto sério, exigindo do monitor responsabilidades, pois, mesmo que poucos solicitem o auxílio do monitor, ainda assim, é possível fazer a diferença. Quanto à personalização do ensino, vejamos esse excerto:

[...]. E sobre a personalização do ensino, eu falei: nossa! Eu li várias vezes aquela parte. Achei bem legal, porque você percebe que você precisa focar naquele estudante, naquilo que precisa para ajudar ele. Não é só seguir um cronograma. A monitoria está aí pra fazer essa diferença também. Acho que o monitor pode também ajudar aquele estudante a descobrir como ele pode estudar aquele conteúdo do jeito que vai ser bom pra ele, do jeito que ele vai se dar bem, do jeito dele, né?!(MONITORA 3).

Na mesma indagação, os docentes orientadores destacaram algumas contribuições semelhantes às apontadas pelos monitores, como: a contextualização histórica da monitoria,

os depoimentos, a fundamentação teórica, a seção Extra (as ferramentas digitais ou plataformas, a rotina de estudo), a ênfase dada à monitoria voluntária, e as dicas para melhorar as atividades como monitor. O Docente 2 destacou, ainda, o método didático de explicar o que é o programa, pois, para ele, tornar as informações acessíveis aos estudantes é uma ótima contribuição. A Docente 3 abordou, também, uma outra forma de contribuição que aproxima os estudantes da monitoria. Vejamos sua fala:

[...] achei que personificou o monitor como alguém legal assim, não como o nerd, como alguém que não tem nada para fazer e vai fazer a monitoria. Até o personagem naquela página, que fala do monitor, tem a imagem de alguém, assim, imponente; alguém, assim, forte, descolado, tipo: ele é o cara, ele é o veterano. Eu achei que tirou essa imagem do monitor como o nerd, o chato, que está perdendo tempo à toa, como alguns podem pensar. E do professor também. [...]. Achei que descaracterizou o professor como algo “engessadinho”, assim. Porque, normalmente, quando você vê uma representação do professor, é uma pessoa de óculos, com um monte de livro, com o botão fechado até aqui. Achei que desconstruiu um pouco isso. Ficou a imagem do professor como algo descontraído também, não só aquele professor sério. Para mim o processo pareceu bem legal, não aquela coisa dura, formal, séria. Contribui nesse sentido: a monitoria pode ser legal. Eu vejo muitos estudantes falando: “Ah, pra eu ser monitor eu tenho que ser o cara, tem que ser aquele nerd, sempre dez”. E não necessariamente, pode ser qualquer um que goste, que tenha interesse. (DOCENTE 3).

Essa nova forma de olhar o monitor, o professor e a monitoria, descrita pela Docente 3, corrobora com Silva (2008), também no capítulo do produto, quando defende que o humor gráfico é, por natureza, carregado de significações e provocações, promovendo, assim, um processo de reorganização de sentidos por parte do leitor. Gera outras palavras e outras imagens, ativa a memória, o conhecimento prévio e as emoções, possibilitando a produção de novos sentidos, novas palavras e novas ações.

Em relação ao questionamento sobre as dificuldades encontradas no manual interativo, a totalidade dos participantes não sentiu dificuldades com o material. Somente duas monitoras e uma docente mencionaram que levaram um pouco de tempo para se adaptarem com a ferramenta *zoom* para ampliar as partes nas quais houvesse certa quantidade de texto em pequenos espaços, mas não entendiam isso como dificuldades ou problemas.

Ao convidar os participantes para participar da segunda etapa da pesquisa, disponibilizamos o *link* de acesso ao manual, hospedado temporariamente para avaliação na plataforma digital Issuu®, solicitando a eles para acessar o manual pelo *desktop* ou *notebook*, para que pudessem ter acesso a todas as interações e efeitos, se possível, utilizando o modo de tela cheia para que visualizassem todos os tópicos. Dessa forma, eles poderiam utilizar algumas ferramentas para ajudá-los na visualização. Ao testarmos no aparelho de celular, verificamos que algumas interações ou efeitos não tiveram o mesmo resultado. Portanto,

algumas adaptações serão realizadas, inclusive será disponibilizado, também, no formato *PDF*.

Ainda sobre a referida questão o Monitor 6 relatou que, além de não encontrar dificuldades, solicitou a própria mãe que o avaliasse:

Não, nenhuma. Foi bem tranquilo, por exemplo, minha mãe que não é da instituição, que não é aluna, achou muito fácil de ler. Ela achou bacana, ela conseguiu entender tudo, ela entendeu mais o que é o papel do monitor. Foi bem bacana, eu tiro por ela, sabe?! Não tá complicado, tá muito fácil de ler mesmo. Achei esclarecedor demais. (MONITOR 6).

Na sequência, perguntamos se sentiram falta de algo, algum ponto para melhorar ou se gostariam de contribuir com alguma sugestão para melhoria do manual. A totalidade dos participantes não sentiu falta de nenhum assunto, como podemos ver nos excertos de alguns:

Acho que não. Na verdade, teve o que eu achava que ia ter e muito mais. Muito mais do que eu esperava que poderia ter. Então, eu aprendi muita coisa e não senti falta de nada assim em específico. (MONITOR 7).

Não. Acho que ficou bem legal. Destacou desde o processo de se inscrever na monitoria, o que faz, os depoimentos de antigos monitores. Então ficou certinho, assim. (MONITOR 13).

Teve nada não. Acho que a gente acabou resolvendo todos os problemas que a gente conversou na última (entrevista). (MONITOR 15).

Não, não, não. (DOCENTE 5).

Como relação à sugestão para melhorarmos o manual: uma docente orientadora comentou que, caso ele não funcione bem no celular, na versão *PDF* poderia ser acrescentada, no final do tópico, uma recomendação para acessar a versão animada com todos os recursos e efeitos a partir do *desktop* ou *notebook*, disponibilizando o endereço de acesso. Uma monitoria sugeriu acrescentar a informação de que o processo seletivo da monitoria é realizado todo início de semestre. Ambas as sugestões foram acolhidas na versão final do manual.

Ainda, um monitor sugeriu dividir o sumário em duas partes, uma contendo as informações do regulamento e a outra os elementos extras. Um docente orientador sugeriu que fosse dividido em duas partes, uma voltada a quem vai entrar na monitoria e outra para quem já é monitor. Entretanto, o próprio docente não vê com bons olhos essa alteração, uma vez que o público-alvo poderá deixar de ler partes importantes que acontecem durante todo o processo ou mesmo que o prepare para próximos passos. Desse modo, concordamos que a divisão do manual em partes não é uma opção interessante.

Esse mesmo docente disse que estava com dúvidas se seria válido deixar os formulários anexados no manual, pois, às vezes, podem sofrer alterações. Ele entende que o manual poderá ser um instrumento permanente do Programa de Monitoria, inclusive ressaltando que deveria ser replicado para outros Institutos Federais. Em relação aos formulários, deixaremos a instituição resolver qual será a melhor opção, caso adote o manual para o Programa de Monitoria, mas acreditamos que a sua permanência é necessária ou, pelo menos, a informação sobre onde encontrá-los deverá estar mencionada claramente no material, uma vez que todos os outros participantes mostraram-se satisfeitos, e alguns aliviados, por encontrá-los no manual, inclusive monitores experientes. Para elucidar, vejamos alguns exemplos:

Essa parte dos documentos eu gostei bastante pela praticidade de ter todos lá. Como eu havia dito, eram todos soltos e às vezes eu até me perdia. (MONITOR 12).

[...]. A gente era meio perdido em relação aos documentos. O finalzinho ali dos documentos foi bem bom. (MONITOR 5).

[...]. Os relatórios lá no final ficaram bacanas. (DOCENTE 2).

Um docente sugeriu, também, que fosse destacado, no manual, o ensino superior. Entretanto, o manual foi desenvolvido a partir do Regulamento da Monitoria, e este Regulamento é único para ambos os níveis de ensino. Desse modo, abordamos a monitoria de uma forma geral sem dar ênfase a curso ou nível.

Na questão seguinte, perguntamos se eles avaliavam o manual como um instrumento que ajuda para o entendimento sobre o Programa de Monitoria (finalidade, atividade e documentos) e obtivemos unanimidade nas respostas, ou seja, eles acreditam que o manual proposto contribui para um melhor entendimento sobre o programa, finalidade, objetivos, atividades e trouxe esclarecimento sobre os documentos. Com a palavra, os Monitores:

Ajuda bastante. Acho que, antes do manual, só a parte da formação docente me chamava atenção. Mas ajuda na permanência escolar para o caso da evasão, também na formação extracurricular [...]. Eu achei muito importante para minha formação. Na parte dos documentos ajudou bastante [...]. A história da monitoria contextualiza, tipo: a monitoria em si, a importância, se é um negócio que existe há muito tempo. Então, é muito importante. [...]. Eu acho que vai incentivar bastante as outras pessoas a ir na monitoria, a participar, a ir atrás. [...] Alguém já deveria ter pensando nisso, é um pouco absurdo que ninguém tenha feito antes. (MONITORA 4).

[...] era o que tava faltando, valeu a pena, vai ser sucesso. Principalmente para os novos monitores, que nunca foram monitores, será muito bom [...]. Tem uns que não fazem ideia do que é a monitoria ou só sabe da bolsa, que tem que se inscrever [...]. Acho que seria legal não só passar para os novos monitores, mas pra os estudantes em geral pra ter mais uma forma de conhecimento, ter mais interesse [...]. (MONITORA 3).

Com certeza, ficou mais claro. Eu gostei do manual, me deu muito mais informações sobre a monitoria, informações que antes eu não sabia. Agora se alguém me perguntar sobre a monitoria eu posso mostrar o manual, eu posso esclarecer as dúvidas das pessoas muito mais fácil agora. Ficou muito mais claro o que é a monitoria, o papel. [...]. Eu até conversei com outros monitores essa semana [...]. Aí a gente comentou que ficou bonito, ficou bem explicado, que a gente gostou. E é bom até mesmo para o calouro, né? Porque, às vezes, o calouro chega tão perdido, não sabe o que é monitoria, não sabe nada da instituição. Tem que aprender aos poucos. Acho que esse manual é maravilhoso para eles, para os próximos monitores. Para mim já me ajudou. Se tivesse esse manual, de verdade, ia ajudar tanta gente! (MONITOR 6).

Na Introdução dessa dissertação, não chamamos de absurda a não existência de um material de apoio para o programa. Entretanto, chegamos a considerar que a carência de informações, divulgação ou mesmo a ausência de materiais poderiam prejudicar o entendimento sobre os propósitos da monitoria. Por isso, “pensamos” naquele momento em produzir um material que, além de trazer as informações estabelecidas institucionalmente, evidenciasse a importância deste instrumento de apoio à permanência e êxito dos estudantes. Os estudos, artigos, dissertações e teses – alguns citados neste estudo – mostram a sua relevância para a educação, mas era preciso aproximá-los dos estudantes de alguma forma. A opção que encontramos para essa aproximação foi por meio do manual interativo. Desse modo, as falas, aqui citadas, nos permitem inferir que colhemos novos olhares para a monitoria. Olhares que devem ser estendidos aos estudantes ingressantes, não só para que eles conheçam a monitoria e possam recorrer a ela se houver necessidade, como também para motivá-los a serem monitores futuramente, como sugerido pela Docente 5:

Deveria ser divulgado para eles quando chegam na escola. Os calouros não sabem nada, nem o que é isso e o que faz. Sabe o que eu penso? Se ele souber no começo o que é, e a importância disso, isso ajuda ele até ir melhor na disciplina, porque ele pode pensar assim: “Ah, se eu for bem, eu vou ter a chance de ser monitor dessa disciplina”. Porque se ele não sabe, ele vai fazer de qualquer jeito, ele vai passar de qualquer jeito, porque ele tem que passar. E se ele quiser ser monitor, ele vai tentar se dedicar para ser o melhor naquela disciplina. Eu sempre pensei isso, dele saber a importância disso antes, para ele se dedicar mais e, lá na frente, colher esse fruto. (DOCENTE 5).

A fala da Docente 5 nos permite afirmar que não basta saber da existência da monitoria, é preciso conhecê-la, conhecer os benefícios, conhecer as possibilidades oferecidas, entendê-la como um importante instrumento de apoio ao ensino, à aprendizagem, à permanência e ao êxito. Ou ainda, como nos disse Chagas e Chagas (2018), os ganhos proporcionados pela atividade vão muito além da remuneração recebida, pois é no aspecto humanístico, nas relações interpessoais, na troca de conhecimentos entre os vários envolvidos que estão os maiores benefícios.

No penúltimo questionamento, procurando verificar a potencialidade do manual, pois Rizzatti (2020) esclarece que, para ser considerado produto educacional, o material deverá, dentre outras características, ser avaliado pelo público-alvo e apresentar potencial de replicabilidade por outras instituições de forma autônoma, perguntamos aos monitores se eles recomendariam esse manual para outros estudantes. Aos docentes orientadores, indagamos se eles recomendariam para outros colegas professores e para os estudantes. As respostas foram unânimes, ou seja, todos indicariam o manual, alguns inclusive para toda a Rede Federal. Vejamos algumas falas:

Com certeza, lançando esse manual já vou jogar no grupo da sala e falar: “Leiam [...], leiam!”. Esse manual, esse projeto de vocês, é só do Campus Campo Grande ou de todos os campi? Porque eu quero saber se vai disponibilizar para os outros campi ou institutos. Porque será muito bom lançar para os outros também, para dar um destaque muito maior pra monitoria. (MONITOR 1).

Com certeza, já quero mandar no grupo da minha turma para o pessoal ver, entender. No primeiro semestre, que eu era caloura, aí que saudade, eu nem fazia ideia que tinha monitoria. Fiquei sabendo por outras pessoas que já estavam ali e comentaram. Depois que divulgaram no grupo de representantes que tinha o edital, eu li o edital e não entendi nada. [...]. O manual deixa você mais informado, você sabe onde buscar aquela informação, aquele suporte. (MONITORA 3).

Nossa! Com toda certeza, com toda certeza. Eu acho até que esse manual deveria ser recomendado a todos os monitores e, quando fosse divulgar, geralmente são os representantes, eles divulgam lá: “Abriu o processo de inscrição da monitoria”. Eles deveriam divulgar esse manual junto, para antes das pessoas se inscreverem, ver quais são vagas que estão disponíveis pra os monitores. Ele entender o que é o monitor, qual é o papel dele, antes de fazer essa inscrição. Acho que isso é muito importante, de ser divulgado no processo de se candidatar à monitoria. (MONITOR 6).

Sim, espero o ano que vem o manual ali disponibilizado para os monitores. Para quem vai ser monitor, assim, pela primeira vez, será excelente. Tem bastante dica legal. (MONITOR 11).

Recomendaria, recomendaria. Acho que até poderia estar no próprio site do IF assim, para quem quisesse ver. (MONITOR 13).

Claro, dá até vontade de tirar print e já mandar. Quando puder divulgar avisa para eu mandar no grupo. É muito interessante. (MONITORA 14).

Para finalizar:

Eu recomendaria para a Rede Federal inteira. [...] É um documento muito legal. O ProfEPT é em rede e muitos institutos estão envolvidos. Puxa, se alguém vir esse material, vai bombar. Acho que precisa adaptar algumas coisas, porque ele está bem específico para o IFMS, mas, tranquilo. (DOCENTE 1).

Indicaria para os meus colegas, principalmente para os estudantes. [...]. Acho que ele vai contribuir, eu acredito que tem tudo que precisa para ele ser institucionalizado, e acho que ele vai contribuir com a monitoria por muitos anos [...]. (DOCENTE 3).

O manual – inicialmente compreendido por vários participantes como um material de apoio ao monitor – foi, aos poucos, expandindo seu público: monitor, candidato a monitor,

estudante veterano, estudante ingressante, Campus Campo Grande, IFMS, Rede Federal de Ensino. Essas falas, dentre outras, mostram que este produto educacional tem potencial para ser utilizado de forma independente desta pesquisa e nos permite inferir que ele proporcionou a todos um melhor entendimento sobre a monitoria, suscitando, inclusive, o desejo de compartilhar com outros estudantes, docentes e institutos.

Finalizando as questões, abrimos espaço para que monitores e docentes orientadores pudessem expor pontos que desejassem ou não foram contemplados nas perguntas anteriores. A totalidade dos participantes destacou o aspecto visual do manual. Segundo Gonçalves *et al.* (2019), o aspecto visual é de suma importância para aceitação do público-alvo. Por isso, a sua linguagem precisa ser adequada a esse público, devendo ir além do texto, ou seja, na medida do possível, deve conter outros elementos (figuras, quadros, mapas, infográficos) e outros recursos estéticos (cores, formas) visando facilitar o reconhecimento da informação e tornar a leitura mais intuitiva e agradável. Vejamos algumas falas que realçam o aspecto visual:

Eu gostei muito da arte do manual. Eu achei que os desenhos ficaram muito legais, ficou bem divertido de ver. Achei muito bonito, muito bem-feito, um estilo muito legal de você olhar. Ficou bem didático. Eu gostei muito do projeto, muito legal o manual. Ficou bem fácil o que você tem que fazer durante a monitoria. (MONITORA 4).

A arte achei muito legal, principalmente os desenhos, assim. Foi muito legal. As cores também, não ficou uma coisa só, mudava a página, mudava a cor. Enfim ficou bem interessante, você fica curioso para saber o que vai ter na próxima página, foi bem legal. (MONITORA 5).

O design/arte foi uma das coisas que mais gostei do manual. Eu achei que ia ser uma coisa, mas foi bem diferente do que eu estava esperando, mais interativo, mais dinâmico. No geral, gostei bastante. (MONITOR 2).

Eu gostei muito da arte, das cores. Ficou show de bola. Bem tranquilo de acessar. E gostaria de agradecer por essa ideia de fazer um manual para monitoria, porque realmente fica meio complicado de você fazer uma pesquisa sobre isso, e encontrar algo muito complexo, você acaba deixando algo de lado ou lendo por cima. E o manual prende a atenção [...]. (MONITOR 8).

O design eu achei bem bacana. Como eu mexo também com algumas coisas de design, eu faço algumas ilustrações digitais, eu achei bem bacana mesmo. Essa pegada de quadrinhos ficou bem bacana. (MONITOR 12).

Dando continuidade, o Docente 1 manifesta sua opinião:

[...] Por dentro está bem bacana, estilo cartum. Achei muito legal internamente, toda aquela estrutura, aquele colorido, muito bom, muito joia mesmo. Achei que ficou bem equilibrado, eu não senti dificuldade. [...]. Eu não tenho nada para criticar, só pra elogiar mesmo. Eu não esperava chegar em tal nível, eu esperava chegar alguma coisa, mas não tão assim, bem-feito, organizado, excelente. Fiquei de queixo caído, sinceramente. (DOCENTE 1).

Em adição, os Monitores 3 e 6, além do aspecto visual, ressaltam outros pontos do manual, como a história da monitoria e as ferramentas de ensino sugeridas; tópicos que foram destacados em diversos momentos ao longo da entrevista.

A história da monitoria eu achei bem interessante também. Vocês colocaram um infográfico, se não me engano, uma bússola, a parte não verbal ali com a parte verbal ficou muito legal. [...]. O design, a arte, eu amei. Eu falei: “Nossa! Caraca!”. Assim, já começou no começo: procura um veterano, ficou muito legal, muito legal mesmo. Ficou contemporâneo, bem jovem, ficou dinâmico. Quando eu vi, eu falei: “Eita! Quarenta e quatro páginas! Será que o pessoal vai ler?” Mas comecei a ler, e é bem rápido, se pega para ler é menos de vinte minutos, você até quer voltar pra ler de novo de tão legal que foi. Eu fiquei muito impressionada, mesmo. (MONITORA 3).

Nossa, o design eu achei muito bacana, achei muito bacana os desenhinhos, ficou muito bacana. Nossa, ficou maravilhoso, eu gostei. Eu achei que contemplou bastante os aplicativos que geralmente a gente usa. O Meet®, nesse tempo de pandemia, é onde a gente faz as reuniões. O Khan Academy® eu usei [nome da disciplina] porque tinha alguns alunos que tinham dificuldades em matemática básica. Eu falei para eles: “Sua dificuldade não é o conteúdo, é matemática básica”. Ai, eu indiquei para eles, eu mostrei como funcionava essa plataforma. O YoutubeEDU® eu achei bastante legal também. (MONITOR 6).

Esta questão, portanto, revelou-se extremamente interessante para nós, pois nos permitiu visualizar tanto o aspecto visual, como a aceitação, a compreensão da mensagem, a autonomia para usar o manual e algumas contribuições. Ainda, sobre o visual, a Docente 3 destacou, também, a satisfação de visualizar a diversidade de nossa cultura representada no produto, principalmente, na escolha da imagem do monitor e docente orientador. Os elementos, aqui mencionados, contribuem para a avaliação do produto educacional e nos permite inferir que o manual aproximou, ainda mais, estes participantes da monitoria.

A partir dos dados fornecidos e permeados pelo referencial teórico adotado, podemos elencar como pressupostos a serem considerados num material que vise o fortalecimento do Programa de Monitoria:

- 1) Uma melhor compreensão sobre a monitoria a partir dos estudantes ingressantes;
- 2) Apoio técnico ou treinamento aos estudantes selecionados como monitores de forma a contextualizar a monitoria para além das atividades operacionais;
- 3) Material com conteúdo adequado e linguagem apropriada que auxilie no entendimento sobre a monitoria como um instrumento de permanência e êxito.

Quanto ao primeiro pressuposto – *uma melhor compreensão sobre a monitoria a partir dos estudantes ingressantes* – entendemos que a monitoria deve ser apresentada aos estudantes ingressantes não somente como um recurso para esclarecer dúvidas em momentos esporádicos, mas também como um instrumento de apoio que possibilite a compreensão, o aprofundamento ou mesmo a produção de conhecimentos. Adicionamos, ainda, a

possibilidade de apresentar os vários benefícios decorrentes da atividade, para que os estudantes conheçam as oportunidades oferecidas a eles, inclusive a de ser monitor futuramente.

Ao ingressar em uma nova instituição, os estudantes chegam com receios, expectativas e inseguranças, e ter conhecimento sobre os instrumentos de apoio pode ajudá-los tanto na adaptação, assim como nas dificuldades que poderão surgir ao longo do semestre. Desse modo, compreender que a monitoria é uma modalidade de ensino realizada por pares, ou seja, por estudantes que compartilham a mesma linguagem, muitas vezes a mesma forma de pensar, a mesma realidade e que vivenciaram recentemente a disciplina, pode proporcionar uma aprendizagem mais significativa e, inclusive, ampliar e enriquecer a participação dos alunos na vida escolar.

Para Frison (2016), os estudantes sentem-se mais confortáveis em expor dúvidas e dificuldades para seus pares. Assim, a autora argumenta que o modelo relacional e interativo produzido nas atividades de monitoria estimula as relações afetivas que, por sua vez, possibilita o desenvolvimento cognitivo. Por isso, defendemos, aqui, a apresentação da monitoria com tudo que ela tem a oferecer a partir dos ingressantes, pois acreditamos no seu potencial para permanência e êxito dos estudantes.

O segundo pressuposto – *apoio técnico ou treinamento aos estudantes selecionados como monitores de forma a contextualizar a monitoria para além das atividades operacionais* – resulta do entendimento de que o monitor não precisa descobrir o que é a monitoria desenvolvendo as atividades. Ele necessita receber informações que vão além da entrega de documentos, assinatura de termos de compromisso e preenchimento de ficha de atividades, ou seja, precisa compreender as atividades, os objetivos, a finalidade, o papel do monitor, o papel do docente orientador e a relevância do programa como instrumento de permanência e êxito.

Como dito anteriormente, a prática da monitoria é permeada por receios, incertezas e dificuldades, principalmente para os monitores iniciantes, isto é, ao assumirem as atividades, a ansiedade inicial é um sentimento comum entre eles. Por isso, concordamos com Frison e Moraes (2010, p.156) quando defendem que se faz necessário investir na formação dos monitores, oferecendo “esclarecimentos necessários para o bom desempenho da função” e também oportunizando reflexão sobre esse relevante instrumento de apoio ao ensino e à aprendizagem. É preciso superar a visão de que essa prática é fácil e que ter domínio do conteúdo é suficiente para ensinar ao outro. Assim, também estamos de acordo com Frison (2016), quando diz que essa prática é exigente e, por isso, requer acompanhamento e cuidado constante na formação dos monitores.

O terceiro e último pressuposto – *material com conteúdo adequado e linguagem apropriada que auxilie no entendimento sobre a monitoria como um instrumento de permanência e êxito*– parte da constatação da ausência de materiais que contribuam com a divulgação, com informações e, especialmente, com a valorização da monitoria como instrumento de apoio à permanência e êxito dos estudantes. No entanto, segundo Gonçalves *et al.* (2019), a elaboração de produtos educacionais não é uma tarefa simples, requer o enfrentamento de alguns desafios, entre eles a adequação da linguagem apropriada ao público-alvo. Nada adianta produzir um material complexo e carregado de informações com linguagem refinada, ou seja, uma riqueza que ninguém consegue utilizar (VIGOTSKI, 2018).

Logo, ao compreender que os documentos oficiais são pouco utilizados pelos participantes, seja pelo formato ou pela adoção apenas da linguagem textual e técnica, foi preciso utilizar alguns recursos, como os infográficos, por exemplo, que nos permitiram trabalhar tanto a linguagem verbal como a não verbal. De acordo com Moraes e Costa (2013), além da possibilidade de adotar diferentes linguagens, os infográficos tornam a informação mais clara, principalmente, para o público iniciante na temática. Por isso, quanto mais próximo o produto ficar do público, maior será a possibilidade de entendimento.

Gonçalves *et al.* (2019) também colocam como desafiador a definição do aspecto visual do produto, pois é um elemento essencialmente importante para adesão do público. De acordo com esses autores, o material deve ser atrativo. Por isso, é necessário recorrer a outros elementos estilísticos – como figuras, quadros e infográficos – enfim, tudo aquilo que proporcione uma leitura mais agradável e intuitiva. Tendo em vista essas recomendações, o manual foi desenvolvido adotando a infografia, a interatividade, o cartum, imagens atemporais, a diversidade presente em nossa cultura e a paleta de cores que remetesse à identidade visual do IFMS.

Com esses pontos em mente, sabemos que, segundo Vigotski (2018), para que a aprendizagem ocorra é preciso que todas as condições de desenvolvimento estejam presentes. Trazendo isso para o contexto do manual, entendemos que é preciso conhecer o público, pois somente assim é possível desenvolver algo que esteja adequado ao conhecimento que eles possuem sobre a temática para não propor um produto muito distante de sua zona iminente e tampouco aquém dela. Esse autor defende, também, que o material deve se organizado e apresentado de forma concisa para reduzir a possibilidade de dispersão. Farias e Mendonça (2019) acrescentam que os requisitos e parâmetros como tipologia, linguagem e design devem fazer parte do universo do público-alvo.

Assim como Nunes (2007), defendemos que é preciso valorizar a monitoria, propondo ações nesse sentido. Podemos dizer que este estudo é uma dessas ações. Entretanto, ainda há muito o que ser estudado e feito para que se amplie o atendimento aos estudantes, todas as vagas de monitor sejam preenchidas, os dados avaliados e os resultados divulgados.

Em síntese, podemos afirmar que o produto aqui proposto: contribuiu para um melhor entendimento sobre o programa, a finalidade, os objetivos e atividades; trouxe esclarecimento sobre os documentos; e, principalmente, evidenciou a importância deste instrumento de apoio à permanência e êxito dos estudantes. Afirmamos, também, que o manual aproximou, ainda mais, estes participantes da monitoria.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A monitoria, como mencionada anteriormente, esteve presente ao longo de minha trajetória pessoal e profissional. Por isso, ao iniciarmos este estudo, nosso olhar voltou-se para essa temática e alguns questionamentos surgiram, dentre eles: se a compreensão que monitores e docentes orientadores possuíam sobre a monitoria contribuía para o desenvolvimento do programa em sua potencialidade. Com base nisso, construímos o objetivo geral de nossa pesquisa, que foi *analisar as concepções de docentes e estudantes quanto ao papel da monitoria no processo de permanência e êxito no âmbito da educação integrada do IFMS, a partir da aplicação de um manual interativo*. Assim, retomamos os objetivos específicos para analisarmos o seu alcance.

Ao ter como objeto de estudo o Programa de Monitoria do IFMS foi necessário iniciarmos nosso estudo conhecendo-o. Dessa forma, estabelecemos o primeiro objetivo específico: *compreender o atual contexto de execução do Programa de Monitoria do IFMS*. Para tanto, primeiramente sentimos necessidade de conhecer a monitoria a partir de outros estudos, verificando sua relevância, seus benefícios, a importância do docente orientador para o êxito das atividades e também aspectos que fragilizam o programa como possíveis equívocos quanto ao papel do monitor, a ausência de materiais de apoio, ausência de espaço físico para o atendimento dos estudantes, dentre outros.

Já no IFMS, identificamos que a monitoria é compreendida como uma estratégia institucional que visa auxiliar no processo de ensino e aprendizagem das unidades curriculares que apresentam maiores índices de retenção, prestando apoio extra ao espaço de sala de aula para os estudantes que se encontram com dificuldades e tem como objetivo, ainda, despertar no estudante o interesse pelo ensino por meio de atividades extracurriculares. Ademais, pode ser desenvolvida nas modalidades bolsista ou voluntária. No entanto, desde sua criação, a monitoria tem dificuldades para preencher todas as vagas disponibilizadas nos editais de seleção, inclusive, no Campus Campo Grande. Tal dado nos fez refletir e apontar algumas possibilidades para essa ausência de candidatos monitores, dentre elas: a falta de uma divulgação mais eficiente; a falta de conscientização sobre a monitoria, sua importância e os benefícios em participar; o valor do auxílio não ser atrativo, a impossibilidade de se acumularem auxílios ou mesmo a concorrência com os outros programas ou projetos.

Conhecido o contexto da monitoria no IFMS, precisávamos entender a monitoria a partir dos estudantes monitores e docentes orientadores. Estabelecemos, assim, nosso segundo objetivo específico: *evidenciar a visão de estudantes e docentes quanto aos objetivos do*

Programa de Monitoria e suas relações com a permanência e êxito. Para atendê-lo fomos a campo entrevistar os participantes.

Os dados coletados nos permitiram verificar que a maioria dos participantes entendia a monitoria como um instrumento de ajuda que beneficiava alguns atores. Para muitos essa ajuda significava “tirar dúvidas” dos demais estudantes. Compreendiam, ainda, que o único objetivo ou mesmo finalidade do programa era prestar apoio ao aprendizado do estudante. Não avistavam, naquele momento, que a monitoria poderia ser entendida como uma atividade extracurricular que colaborasse com a formação plena dos estudantes monitores.

O papel do monitor assemelhava-se ao de um esclarecedor de dúvidas. Entretanto, alguns docentes e monitores acreditavam que essa função poderia ser ampliada para além disso. O docente orientador era entendido como um apoio ao monitor, geralmente, nos momentos de dúvidas, nas instruções iniciais ou repassando as atividades desenvolvidas em sala de aula. Poucos compreendiam o papel fundamental do docente para a formação do estudante monitor.

Em relação aos documentos oficiais, tais como o Regulamento da Monitoria, percebemos que a maioria não conhecia, ou aqueles que a conheciam não tomavam conhecimento sobre seu conteúdo, pois não se sentiam confortáveis com esse tipo de leitura. Desse modo, os objetivos do Programa não estavam claros para os estudantes monitores, principalmente quanto ao aspecto da permanência e êxito. Foi necessário esclarecermos alguns pontos para eles, inclusive sobre a questão da permanência para, finalmente, extrairmos dos dados que a monitoria é um instrumento que proporciona aos estudantes sanarem suas dúvidas, evitando, muitas vezes, a retenção/reprovação ou a evasão.

Quando o assunto foi a preparação para ser monitor verificamos que se tratavam, muitas vezes, de informações básicas sobre a documentação que deveriam entregar e as dúvidas ou mesmo o conceito de monitoria deveria ser esclarecido pelo edital ou regulamento. Alguns chegaram a afirmar que se aprende a ser monitor exercendo as atividades, ou seja, partia-se do pressuposto que cada um sabia desenvolver tais atividades.

Após conhecermos as concepções de monitoria e as atividades desenvolvidas confirmamos a inexistência de um material que contribuísse com a divulgação, com informações e, especialmente, para a valorização da monitoria como instrumento de apoio à permanência e êxito dos estudantes, assim como confirmamos sua necessidade. Ficou estabelecido nosso terceiro objetivo específico: *desenvolver um manual que permita o contato com informações essenciais ao programa e a interação entre os seus participantes.*

Nesse sentido, elaboramos um produto educacional tendo como referência o próprio Regulamento do Programa de Monitoria. Assim, fizemos algumas adaptações, acrescentamos informações e procuramos desenvolvê-lo olhando para o público-alvo. Por isso, optamos por um manual em formato digital, mediado pela interatividade, utilizando a praticidade e arte dos infográficos. A utilização da linguagem verbal e não-verbal nos permitiu trazer as informações de forma mais clara e atrativa a esse público.

Após a aplicação do manual, ao analisarmos as concepções dos estudantes e docentes quanto à monitoria, podemos afirmar que a totalidade dos participantes ampliou, cada um à sua maneira, seu entendimento sobre a monitoria. Ainda que signifique um instrumento de apoio no esclarecimento de dúvidas, novos sentidos emergiram de suas falas, tais como: um instrumento que enriquece a formação do monitor, que colabora com todos os envolvidos, que permite o acolhimento e que possibilita transformações sociais, ou seja, um instrumento de permanência e êxito que contribui para além dos muros institucionais.

Quanto ao quarto e último objetivo específico: *analisar os elementos do manual que contribuam para um melhor entendimento do Programa de Monitoria do IFMS e seus objetivos*, voltamos aos dados para verificamos o seu alcance.

Desse modo, eles nos permitem afirmar que todos os participantes acreditam que o manual poderá contribuir para o desenvolvimento das atividades de monitoria, pois possibilitou um melhor entendimento a seu respeito e sobre o papel do monitor e do docente orientador. Permitem-nos ainda evidenciar que, além de auxiliar no esclarecimento de dúvidas, o manual possibilitou conhecer outros tópicos, expandindo, assim, a visão sobre a monitoria. A contextualização histórica trouxe uma melhor compreensão sobre o tema, mostrando a sua importância ao longo do tempo e os depoimentos evidenciaram que a monitoria pode ser um diferencial para os estudantes, dentre outras contribuições.

Os resultados da pesquisa nos levam a afirmar que, muitas vezes, determinadas situações ocorrem não por ausência de interesse, mas pelo pouco conhecimento sobre a atividade, a finalidade, os objetivos, os benefícios e as possibilidades ali existentes. Isso nos permite confirmar que a ausência de material informativo/explicativo sobre o programa, adequado ao público-alvo, também, não estava contribuindo com o desenvolvimento do programa em todo o seu potencial.

Nesse contexto, tornamos a afirmar: não basta saber da existência da monitoria, é preciso conhecê-la, conhecer os benefícios, as possibilidades oferecidas e entendê-la como um importante instrumento de apoio ao ensino, à aprendizagem, à permanência e ao êxito. Logo,

não basta implementar o Programa de Monitoria, é preciso acompanhar, divulgar, avaliar, discutir reflexivamente, dada a sua importância para a Educação Profissional e Tecnológica.

Buscando, também, contribuir com o Programa de Monitoria, elencamos como pressupostos a serem considerados num material que vise o seu fortalecimento: uma melhor compreensão sobre a monitoria, tendo em vista os estudantes ingressantes; apoio técnico ou treinamento aos estudantes selecionados como monitores de forma a contextualizar a monitoria para além das atividades operacionais; e material com conteúdo adequado e linguagem apropriada que auxilie no entendimento sobre a monitoria como um instrumento de permanência e êxito.

Quanto a esse estudo, enquanto profissional da educação, tive a oportunidade de verificar que a monitoria é realmente uma situação social de desenvolvimento que possibilita novas formas de estar no mundo, a partir da permanência do estudante. Acreditávamos, ainda, que ao propor um instrumento de mediação (manual), pudéssemos intervir na zona de desenvolvimento iminente dos participantes, suscitando outro olhar para monitoria. Porém, para nossa surpresa e alegria, aprimoramos nossos olhares juntamente com os monitores e docentes e compreendemos que a monitoria, mais do que um instrumento de apoio ao ensino e a aprendizagem, pode ser um importante instrumento social. Por isso, precisamos constantemente propor ações que valorizem essas atividades, despertando novos sentidos.

Salientamos que existiram lacunas nessa pesquisa ou, ainda, recortes que foram necessários realizar. O primeiro deles diz respeito a não inserção dos estudantes não-monitores, pois com a suspensão das atividades presenciais, motivada pela pandemia da Covid-19, e o estabelecimento do regime de ensino remoto emergencial, precisamos reformular a pesquisa; ademais, como a monitoria ocorre num período relativamente curto, não tínhamos tempo hábil para ouvir todos os atores envolvidos, desenvolver o manual e aplicá-lo.

A segunda lacuna que visualizamos foi a não participação dos docentes iniciantes na monitoria, os quais tentamos contatar, mas não obtivemos respostas. Para nós, ouvi-los seria interessante, pois foram citados em alguns momentos no decorrer das entrevistas.

No que se refere ao Manual, ressaltamos uma terceira lacuna: a questão da acessibilidade das pessoas com necessidades educacionais específicas (PNEE). Tendo em vista o material proposto, não nos foi possível desenvolver algo que atendesse a esse público neste momento.

São nas lacunas que encontramos potencial para futuros trabalhos. Em relação aos estudantes não-monitores sugerimos que novos estudos sejam realizados objetivando dar voz a eles, uma vez que são parte fundamental do programa de monitoria.

Além disso, apresentamos como sugestão para continuidade do trabalho, que sejam produzidos *podcasts* sobre o manual, inclusive como forma de atender as PNEE, ou mesmo para inserção de temas nele. Avistamos, também, a possibilidade de que o material sugerido na seção “*Inspire-se*” possa ser substituído por conteúdos autorais da própria instituição. Ainda, apontamos a necessidade de dar ênfase à monitoria nos canais existentes de divulgação, pois muitos estudantes acessam diversas fontes como Facebook®, Instagram®, YouTube®, grupos de WhatsApp®.

Acreditamos que os resultados desta pesquisa poderão incentivar uma maior participação, oportunizando, assim, uma melhoria nos índices de evasão e retenção, uma vez que, em nosso entendimento, o êxito de cada estudante é também da sociedade. Por fim, afirmamos que, tanto o produto educacional, quanto o estudo aqui realizado não foram encerrados, pois alguns resultados poderão produzir reflexões e desdobramentos para outras pesquisas. O manual mostrou-nos que o tema não está esgotado, mas sim que a porta se abriu para um novo olhar sobre a monitoria. Apesar de sua longa história, entendemos que há muito o que ser discutido sobre essa temática.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. A. (orgs.). **Dicionário Histórico Biográfico pós 1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGD, 2001.

ALMEIDA, J. R. P. **Instrução pública no Brasil (1500- 1889)**. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2000.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. O Método nas Ciências Sociais. In: ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNADJER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira: 2001. p. 108-189.

AMATO, D. T. **Programa de Monitoria no Ensino Superior**: o estudo de caso no CEFET/RJ, Niterói, RJ: 2016. 104f. Dissertação (Mestrado em Sistemas de Gestão) – Universidade Federal Fluminense. Escola de Engenharia, 2016. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFF-2_13ebfe5608841b74c48a17462f0cf72e. Acesso em: 6 dez. 2019.

BANDURA, A. A evolução da teoria social cognitiva. In: BANDURA, A.; AZZI, R. G. (Orgs). **Teoria social cognitiva**: diversos enfoques. Porto Alegre: Artmed, 2017.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BASTOS, M. H. C. A instrução pública e o ensino mútuo no Brasil: uma história pouco conhecida. (1808-1827). **Revista História da Educação**. ASPHE/FaE/UFPeL, Pelotas (1):115 – 133, abr. 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30631/pdf>. Acesso em: 16 jan. 2020.

BATISTA, F. E. F. **Monitoria on-line**: uma experiência no ensino médio. Dissertação (Mestrado Profissional em Computação Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008. Disponível em: [file:///D:/Usuarios/Usu%C3%A1rio/Downloads/disserta%C3%A7%C3%A3o%20\(2\)%20\(3\).pdf](file:///D:/Usuarios/Usu%C3%A1rio/Downloads/disserta%C3%A7%C3%A3o%20(2)%20(3).pdf). Acesso em: 3 fev. 2020.

BEZERRA, J. K. A. **Monitoria de iniciação à docência no contexto da Universidade Federal do Ceará**: aspectos legais e sua aplicabilidade. 2012. 128f. Dissertação (Mestrado em Gestão Estratégica para o Ensino Superior) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8014>. Acesso em: 20 fev. 2020.

BOCK, A.M.B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. **Psicologias**: Uma introdução ao estudo de Psicologia. SÃO PAULO. Saraiva, 1993, p. 39.

BORGES, L. F. P. Educação, Escola e Humanização em Marx, Engels e Lukács. **Revista Educação em Questão**, v. 55, n. 45, p. 101-126, jul-set, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2017v55n45ID12747>. Acesso em 6 nov. 2019.

BRASIL.[Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a

91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

BRASIL. **Lei nº 4024, de 20 de dezembro de 1961.** Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L4024.htm. Acesso em: 1º fev. 2020.

BRASIL. **Lei n.º 5.540, de 28 de novembro de 1968.** Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5540.htm. Acesso em: 1º fev. 2020.

BRASIL. **Lei n.º 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm. Acesso em: 3 fev. 2020.

BRASIL. **Lei n.º 7.044, de 18 de outubro de 1982.** Altera dispositivos da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, referentes à profissionalização do ensino de 2º grau. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7044.htm. Acesso em: 3 fev. 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 19 out. 2019.

BRASIL. **Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/L11892.htm. Acesso em: 3 nov. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 64.086 de 11 de fevereiro de 1969.** Dispões sobre o regime de trabalho e retribuição do magistério superior federal, aprova programa de incentivo à implantação do regime de tempo integral e dedicação exclusiva e outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-64086-11-fevereiro-1969-405264-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 2 fev. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 66.315 de 13 de março de 1970.** Dispõe sobre programa de participação do estudante em trabalhos de magistério e em outras atividades dos estabelecimentos de ensino superior federal. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-66315-13-marco-1970-407756-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 1º fev. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 68.771 de 17 de junho de 1971.** Altera o Decreto nº 66.315 de 13 de março de 1970. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-68771-17-junho-1971-410540-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 2 fev. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 85.862 de 31 de março de 1981.** Atribui competência às instituições de

ensino superior para fixar as condições de ensino superior para fixar as condições necessárias ao exercício das funções de monitoria e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-85862-31-marco-1981-435495-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 2 fev. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 5.154 de 23 de julho de 2004**. Regulamenta o § 22º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm. Acesso em: 2 fev. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 2.208 de 17 de abril de 1997**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2208.htm. Acesso em: 2 fev. 2020.

CARDOSO, T. M. R. F. L. **As luzes da educação: fundamentos, raízes históricas e prática das aulas régias no Rio de Janeiro (1759-1834)**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002.

CHAGAS, R. B; CHAGAS, A. C. S. D. O estudante-monitor e suas percepções da monitoria de ensino na disciplina parasitologia. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, Pombal, v. 8, n. 4, p. 30-40, out-dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18378/rebes.v8i4.6247>. Acesso em: 17 fev. 2020.

CIAVATTA, M. RAMOS, M. A “era das diretrizes”: a disputa pelo projeto de educação dos mais pobres. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 49, jan-abr, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141324782012000100002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 16 nov. de 2019.

CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (orgs.). **Ensino Médio Integrado: Concepção e contradições**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

COMÊNIO, J. A. **Didáctica Magna**. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1957.

CONCEIÇÃO, E. JUNIOR. *et al.* A importância da monitoria acadêmica no processo de ensino-aprendizagem na formação dos alunos de fisioterapia e medicina: Relato de Experiência. Campina Grande: **II CONBRACIS**, 2017. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conbracis/trabalhos/TRABALHO_EV071_MD1_SA9_ID934_30032017153320.pdf. Acesso em: 3 fev. 2020.

COSTA, V. M. da; TAROUCO, L. M. R. Infográfico: características, autoria e uso educacional. **Revista Renote**, v. 8, n. 3, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/18045>. Acesso em: 9 nov. 2020.

CUNHA JUNIOR, F. R. **Monitoria uma possibilidade de transformação no Ensino Médio**. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

CUNHA, M. B. **Para saber mais:** fontes de informação em ciência e tecnologia. Brasília: Briquet de Lemos, 2001.

DANTAS, O. M. Monitoria: fonte de saberes à docência superior. **Revista Brasileira Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 95, n. 241, p. 567-589, set./dez, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-66812014000300007&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 6 dez. 2019.

DIEL, P.F. As escolas dos mosteiros medievais: dinâmica social, didática e pedagogia. **Educação Unisinos**, 21(3):405-414, setembro/dezembro, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/edu.2017.213.14>. Acesso em: 18 jan. 2020.

DORE, R.; SALES, P. E. N.; CASTRO, T. L. Evasão nos cursos técnicos de nível médio da Rede Federal de Educação Profissional de Minas Gerais. In: DORE, R. (Org.). **Evasão na educação: estudos, políticas e propostas de enfrentamento**. Brasília: IFB, 2014.

DUARTE, N. A Escola de Vigotski e a educação escolar: algumas hipóteses para uma leitura pedagógica da Psicologia Histórico-Cultural. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 17-50, 1996. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771996000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 abr. 2021.

FARIA, J.P. A Monitoria na Escola Pública: Sentidos e Significados de Professores e Monitores. 2010.144 pp. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/14148>. Acesso em: 25 mai. 2021.

FARIAS, F. S. M; MENDONÇA, P. A. **Concepção de produtos educacionais:** para um mestrado profissional. Manaus, 2019. 1e-book, 72 p.: Il. color. Disponível: <HTTP://mpet.Ifam.edu.br/e-ISBN-978-85-68504-26-0>. Acesso em: 9 out. 2020.

FRANCA, L. **O método pedagógico dos Jesuítas**. Rio de Janeiro, Agir, 1952.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. 2. ed. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança:** Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Política e Educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. A gênese do Decreto 5.154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (orgs.). **Ensino Médio Integrado:** Concepções e contradições. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FRISON, L. M. B. Monitoria: uma modalidade de ensino que potencializa a aprendizagem

colaborativa e autorregulada. **Pro-Posições**, v. 27, n. 1 (79), p. 133-153, jan./abr, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072016000100133&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 6 dez. 2019.

FRISON. L. M. B.; MORAES. M. A. C. M. As práticas de monitoria como possibilitadoras dos processos de autorregulação das aprendizagens discentes. **Revista Poiesis Pedagógica**, V.8, N.2, ago/dez, p.144-158, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/14064>. Acesso em: 6 dez. 2019.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a Pedagogia histórico-crítica**. 5 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, M. **A Arte de pesquisar**: Como fazer pesquisa. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONÇALVES, C. ÉRICA L. DE C.; OLIVEIRA, C. DE S.; MAQUINÉ, G. O.; MENDONÇA, A. P. (Alguns) desafios para os Produtos Educacionais nos Mestrados Profissionais nas áreas de Ensino e Educação. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico (EDUCITEC)**, v. 5, 10, 2019. Disponível em <https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/article/view/500>. Acesso em: 9 out. 2020.

GONZÁLEZ-REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage, 2017.

GONZÁLEZ-REY, F. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Psicol. educ.**, São Paulo , n. 24, p. 155-179, jun. 2007 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752007000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 maio 2021.

INSPER INSTITUTO DE ENSINO E PESQUISA. *et al.* **Políticas públicas para redução do abandono e evasão escolar de jovens**. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.insper.edu.br/wp-content/uploads/2018/09/Poli%CC%81ticas-pu%CC%81blicas-para-a-reduc%CC%A7a%CC%83o-do-abandono-e-evasa%CC%83o-escolar-de-jovens.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Edital 033/2015– PROEN/IFMS** [torna público o edital para o Processo Seletivo de Concessão de Auxílios para Monitoria dos Cursos Técnicos e Cursos de Graduação do IFMS]. Campo Grande, 2015. Disponível em: <http://selecao.ifms.edu.br/perfil/outras/auxilio-monitoria-edital-no-033-2015-proen-ifms>. Acesso em: 1º set. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Edital 014/2016– PROEN/IFMS** [torna público o edital para o Processo Seletivo de Concessão de Auxílios para Monitoria dos Cursos Técnicos e Cursos de Graduação do IFMS]. Campo Grande, 2016. Disponível em: <http://selecao.ifms.edu.br/perfil/outras/auxilio-monitoria-edital-no-014-2016-proen-ifms>. Acesso em: 1º set. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Edital 022/2016– PROEN/IFMS** [torna público o edital para o Processo Seletivo de Concessão de Auxílios para Monitoria dos Cursos Técnicos e Cursos de Graduação do IFMS]. Campo Grande, 2016. Disponível em: <http://selecao.ifms.edu.br/perfil/outras/auxilio-monitoria-edital-no-022-2016-proen-ifms>. Acesso em: 1º set. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Edital 020/2017– PROEN/IFMS** [torna público o edital para o Processo Seletivo de Concessão de Auxílios para Monitoria dos Cursos Técnicos e Cursos de Graduação do IFMS]. Campo Grande, 2017. Disponível em: <http://selecao.ifms.edu.br/perfil/outras/edital-no-020-2017-ifms-proen-auxilio-monitoria>. Acesso em: 1º set. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Edital 061/2017– PROEN/IFMS** [torna público o edital para o Processo Seletivo de Concessão de Auxílios para Monitoria dos Cursos Técnicos e Cursos de Graduação do IFMS]. Campo Grande, 2017. Disponível em: <http://selecao.ifms.edu.br/perfil/outras/edital-no-061-2017-ifms-proen-auxilio-monitoria>. Acesso em: 1º set. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Edital 016/2018– PROEN/IFMS** [torna público o edital para o Processo Seletivo de Concessão de Auxílios para Monitoria dos Cursos Técnicos e Cursos de Graduação do IFMS]. Campo Grande, 2018. Disponível em: <http://selecao.ifms.edu.br/perfil/outras/edital-no-xxx-2018-ifms-proen-auxilio-monitoria>. Acesso em: 1º set. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Edital 056/2018 – PROEN/IFMS** [torna público o edital para o Processo Seletivo de Concessão de Auxílios para Monitoria dos Cursos Técnicos e Cursos de Graduação do IFMS]. Campo Grande, 2018. Disponível em: <http://selecao.ifms.edu.br/perfil/outras/edital-no-056-2018-ifms-proen-auxilio-monitoria>. Acesso em: 1º set. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Edital 020/2019 – PROEN/IFMS** [torna público o edital para o Processo Seletivo de Concessão de Auxílios Monitoria para o 1º Semestre do ano letivo de 2019 dos Cursos Técnicos e Cursos de Graduação do IFMS]. Campo Grande, 2019. Disponível em: <http://selecao.ifms.edu.br/perfil/outras/edital-no-020-2019-ifms-proen-auxilio-monitoria>. Acesso em: 1º set. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Edital 058/2019 – PROEN/IFMS** [torna público o edital para o Processo Seletivo de Concessão de Auxílios Monitoria para o 2º Semestre do ano letivo de 2019 dos Cursos Técnicos e Cursos de Graduação do IFMS]. Campo Grande, 2019. Disponível em: <http://selecao.ifms.edu.br/perfil/outras/edital-no-xxx-2019-ifms-proen-auxilio-monitoria>. Acesso em: 1º set. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Edital 051/2020 – PROEN/IFMS** [torna público o edital para o Processo Seletivo de Concessão de Auxílios Monitoria para o 2º

Semestre do ano letivo de 2020 dos Cursos Técnicos e Cursos de Graduação do IFMS]. Campo Grande, 2020. Disponível em: <http://selecao.ifms.edu.br/perfil/outras/edital-no-051-2020-ifms-proen-auxilio-monitoria>. Acesso em: 19 set. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Edital 061/2021 – PROEN/IFMS** [torna público o edital para o Processo Seletivo de Concessão de Auxílios Monitoria para o 2º Semestre do ano letivo de 2021 dos Cursos Técnicos e Cursos de Graduação do IFMS]. Campo Grande, 2021. Disponível em: <http://selecao.ifms.edu.br/edital/files/edital-no-061-2021-ifms-proen-auxilio-monitoria-edital-no-061-2021-ifms-proen-auxilio-monitoria.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2021.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Plano de Desenvolvimento do Campus (PDC) Campo Grande - IFMS**. Campo Grande, 2014-2018. Disponível em: <https://www.ifms.edu.br/centrais-de-conteudo/documentos-institucionais/planos/plano-de-desenvolvimento-do-campus-campo-grande-anexo-resolucao-093-16.pdf>. Acesso em: 3 set. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Plano de Desenvolvimento Institucional – IFMS, 2019-2023**. Campo Grande, 2018. Disponível em: <https://www.ifms.edu.br/centrais-de-conteudo/documentos-institucionais/planos/pdi-2019-2023.pdf/view>. Acesso em: 14 set. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Planejamento Estratégico Institucional de Permanência e Êxito dos Estudantes do Instituto Federal do Mato Grosso do Sul - PEIPEE**. Campo Grande, 2016. Disponível em: <https://www.ifms.edu.br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/planejamento-de-permanencia-e-exito>. Acesso em: 18 out. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Planejamento Estratégico Institucional de Permanência e Êxito dos Estudantes do Instituto Federal do Mato Grosso do Sul - PEIPEE**. Campo Grande, 2020-2023. Disponível em: <https://www.ifms.edu.br/centrais-de-conteudo/documentos-institucionais/planos/planejamento-estrategico-institucional-de-permanencia-e-exito-dos-estudantes-2020-2023>. Acesso em: 23 fev. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Programa de Permanência e Êxito dos Estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, 2019. Disponível em: <https://www.ifms.edu.br/centrais-de-conteudo/documentos-institucionais/programas>. Acesso em: 18 out. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Relatório de Gestão do Exercício de 2014**. Campo Grande, 2015. Disponível em: <https://www.ifms.edu.br/centrais-de-conteudo/documentos-institucionais/relatorios-de-gestao/relatorio-de-gestao-2014.pdf>. Acesso em: 3 set. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Relatório de Gestão do Exercício de 2015**. Campo Grande, 2016. Disponível em: <https://www.ifms.edu.br/centrais-de-conteudo/documentos-institucionais/relatorios-de-gestao/relatorio-de-gestao-2015.pdf>. Acesso em: 3 set. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Relatório de Gestão do Exercício de 2016**. Campo Grande, 2017. Disponível em <https://www.ifms.edu.br/centrais-de-conteudo/documentos-institucionais/relatorios-de-gestao/relatorio-de-gestao-2016.pdf>. Acesso em: 19 set. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Relatório de Gestão do Exercício de 2017**. Campo Grande, 2018. Disponível em: <https://www.ifms.edu.br/centrais-de-conteudo/documentos-institucionais/relatorios-de-gestao/relatorio-de-gestao-do-ifms-2017.pdf> . Acesso em: 19 set. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Relatório de Gestão 2018**. Campo Grande, 2019. Disponível em <https://www.ifms.edu.br/centrais-de-conteudo/documentos-institucionais/relatorios-de-gestao/relatorio-de-gestao-2018.pdf>. Acesso em: 19 set. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Relatório de Gestão 2019**. Campo Grande, 2020. Disponível em <https://www.ifms.edu.br/centrais-de-conteudo/documentos-institucionais/relatorios-de-gestao/relatorio-de-gestao-2019.pdf>. Acesso em: 19 set. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Relatório de Autoavaliação Institucional Parcial** - Ano Base 2019 (triênio 2019-2020). Campo Grande, 2020. Disponível em: <https://www.ifms.edu.br/acesso-a-informacao/institucional/estrutura-organizacional/comissoes-permanentes/comissao-permanente-de-avaliacao/relatorios/relatorio-autoavaliacao-institucional-parcial-2019.pdf>. Acesso em: 19 set. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Resolução N° 007, de 13 de março de 2017**. Aprovar o Programa de Monitoria do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2017. Disponível em: <https://www.ifms.edu.br/centrais-de-conteudo/documentos-institucionais>. . Acesso em: 18 out. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Edital 009/2014 – PROEN/IFMS** [torna público o edital para o Processo Seletivo de Concessão de Auxílios para Monitoria dos Cursos Técnicos e Cursos de Graduação do IFMS]. Campo Grande, 2014. Disponível em: <http://selecao.ifms.edu.br/perfil/outras/auxilio-monitoria-edital-no-009-2014-proen>. Acesso em: 1º set. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Edital 012/2015– PROEN/IFMS** [torna público o edital para o Processo Seletivo de Concessão de Auxílios para Monitoria dos Cursos Técnicos e Cursos de Graduação do IFMS]. Campo Grande, 2015. Disponível em: <http://selecao.ifms.edu.br/perfil/outras/auxilio-monitoria-edital-no-012-2015-proen-ifms>. Acesso em: 1º set. 2020.

JEREBTSOV, S.Gomel - A CIDADE DE L. S. Vigotski. Pesquisas científicas contemporâneas sobre instrução no âmbito da teoria histórico-cultural de L. S. Vigotski. In: **VERESK – CADERNOS ACADEMICOS INTERNACIONAIS**. Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski – Brasília: UniCEUB, 2014. 235p. – (v. 1)
JEREBTSOV, S.A teoria histórico-cultural e os problemas psicossomáticos da personalidade: estudo sobre o domínio de si mesmo. In: **VERESK – CADERNOS ACADEMICOS INTERNACIONAIS**. Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski – Brasília:

UniCEUB, 2017. 176p. – (v. 3)

KRAVTSOV, G. As bases filosóficas da psicologia histórico-cultural. In: **VERESK – CADERNOS ACADEMICOS INTERNACIONAIS**. Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski – Brasília: UniCEUB, 2014. 235p. – (v. 1)

KUENZER, A. Z. (org). **Ensino Médio**: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

KUENZER, A. Z. **Ensino médio e profissional**: as políticas do Estado neoliberal. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LEAL, A. A. **A organização textual do gênero cartoon**: aspectos linguísticos e condicionamentos não linguísticos. Tese de doutoramento. FCSH-UNL: Lisboa, 2011. Disponível em: <http://run.unl.pt/handle/10362/6646>. Acesso em 17 set de 2021.

LOBO, M. F. D.; BARCELOS, S. Guias de fontes de informação: metodologia para geração e automação. **Ciência da informação**, v. 21, n. 1, jan./abr, 1992. Disponível em: https://brapci.inf.br/_repositorio/2010/04/pdf_ac50e1ce55_0009093. Acesso em: 15 set. 2020.

LORENZ, K. Introdução à Pedagogia Jesuíta no Brasil Colonial. Educação Humanista e o RatioStudiorum. **Cadernos de História da Educação**, v.17, n.1, p.25-50, jan.-abr, 2018.<https://doi.org/10.14393/che-v17n1-2018-3>. Acesso em: 7 fev. 2020.

MANACORDA, M. A. **História da educação**: da antiguidade aos nossos dias. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MANFREDI, S. M. Educação Profissional no Brasil: Atores e cenário ao longo da história. Jundiaí: Paco Editorial, São Paulo: 2017.

MINAYO, M. C. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009.

MIELNICZUK, L. **Jornalismo na web**: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. 2003. 246f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador. Disponível em: https://facom.ufba.br/jol/producao_teses.htm. Acesso em: 17 set. 2020.

MÓDOLO, C. M. **Infográficos na mídia impressa**: um estudo semiótico na revista Mundo Estranho. 2008. 167 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2008. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNSP_9b4e60c30706828c25bb6c936a5e90cb. Acesso em: 16 set. 2021.

MONROE, P. **História da educação (1869-1947)**. 14. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

MORAN, J. Educação Híbrida: um conceito-chave para educação, hoje. In: BACICH, L.; NETO, A. T.; TREVISANI, F. M. (Org.). **Ensino Híbrido**: Personalização e Tecnologia na Educação. Porto Alegre: Penso 2015.

MORAES, A.; BRAGA, M. C. **Infografia**: história e projeto. [S.l: s.n.], 2013.

NATÁRIO, E. G.; SANTOS, A. A. A. Programa de monitores para o ensino superior. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 27(3), 355-364, julho – setembro, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000300007. Acesso em: 9 fev. 2020.

NUNES, J.B.C. Monitoria Acadêmica: Espaço de Formação. In: SANTOS, M. M.; LINS, N. M. (orgs.). **A monitoria como espaço de iniciação à docência**: possibilidades e trajetórias. Natal: Edufrn, 2007. p. 45-57.

PACHECO, E. (org.). **Institutos Federais uma Revolução na Educação Profissional e Tecnológica**. São Paulo: Moderna, 2011.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. 4. ed. São Paulo: Intermeios, 2015.

PEREIRA, J. D. Monitoria: uma estratégia de aprendizagem e iniciação à docência. In: SANTOS, M. M.; LINS, N. M. **A monitoria como espaço de iniciação a docência**: possibilidade e trajetórias. Natal: Edufrn, 2007. p. 69-80.

PRESTES, Z. R. **Quando não é a mesma coisa**: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

PRESTES, Z. R.; TUNES, E. Notas biográficas e bibliográficas sobre L. S. Vigotski. **Universitas**: Ciências da Saúde, Brasília, v. 9, n. 1, p. 101-135, jan./jun, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.5102/ucs.v9i1.1303>. Acesso em: 10 jun. 2020.

PRESTES, Z. A sociologia da infância e a teoria histórico-cultural: algumas considerações. **Revista De Educação Pública**, Cuiabá, v. 22, n. 49, p. 295-305, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.29286/rep.v22i49/1.916>. Acesso em: 10 jun. 2020.

PRIMO, A; TRÄSEL, M. R. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. **Contracampo** (UFF), v. 14, p. 37-56, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i14.512>. Acesso em: 17 set. 2021.

RAMOS, M. **História e política da educação profissional**. Curitiba, PR: Instituto Federal do Paraná, 2014.

RAMOS, M. **Educação Profissional**: história e legislação. Curitiba: Instituto Federal Paraná, 2011.

RAMOS, M. **A Concepção do Ensino Médio Integrado**. 2008. Disponível em: <https://tecnicadmiwj.files.wordpress.com/2008/09/texto-concepcao-do-ensino-medio-integrado-marise-ramos1.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2019.

RIZZATTI, M.I.; MENDOÇA, P. A.; MATTOS, F.; RÔCAS, G.; SILVA, B.V. A.; CAVALCANTI, O. R.R. Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. **ACTIO**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-17, mai./ago, 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/12657/7658>. Acesso em: 9 out. 2020.

SÁ, I.R.F.; ALMEIDA, H.A.P. Monitoria: ensinar e aprender no Ensino Médio Integrado. *In: Jornada de Linguagens, Tecnologia e Ensino*, 2, 2019. Timóteo. Atas da [...]. Timóteo: CEFET-MG, 2019, p. 60-70. Disponível em: <http://www.lite.cefet-mg.br/publicacoes/atas-2a-lite>. Acesso em: 10 fev. 2020.

SANAVRIA, C. Z. **Formação continuada de professores de matemática com enfoque colaborativo**: contribuições para o uso reflexivo dos recursos da Web 2.0 na prática pedagógica. 2014. 283 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/123934>. Acesso em: 12 ago. 2020.

SANTOS, G. S.; MARCHESAN, M. T. N. Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no Brasil e seus docentes: trajetos e desafios. *Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação*, Blumenau, v. 11, n. 1, p. 357-374, jan./abr, 2017. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/5477>. Acesso em: 26 mai. 2020.

SAVIANI, D. Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.12, n.34, p.152-165, abr. 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782007000100012>. Acesso em: 6 nov. 2019.

SCHNEIDER, F. Otimização do espaço escolar por meio do modelo de Ensino Híbrido. *In: BACICH, L.; NETO, A. T.; TREVISANI, F. M. (Org.). Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação*. Porto Alegre: Penso 2015.

SILVA, I. C. **Humor gráfico**: o sorriso pensante e a formação do leitor. 2008. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/14297>. Acesso em: 19 set. 2021.

SILVEIRA, D. T; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. *In: GERHARDTE, T. E.; SILVEIRA D. T. Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOBKIN, V. As Resenhas Teatrais de L. S. Vigotski como início da concepção histórico-cultural. *In: VERESK – CADERNOS ACADEMICOS INTERNACIONAIS*. Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski – Brasília: UniCEUB, 2017. 176p. – (v. 3).

SOUSA, C. M. **A eficiência da monitoria nos cursos integrados ao Ensino Médio do Instituto Federal Goiano – Campus Ceres**: o processo de ensino-aprendizagem, permanência e êxito escolar. 2019. 203 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal Goiano, Campus Morrinhos, 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7978047. Acesso em: 16 ago. 2021.

VIEIRA, L. R. “Monitoria é tirar dúvida, não é dar aula”: significações construídas em um Programa de Monitoria de uma universidade federal brasileira sob a perspectiva do construcionismo social. 2019. 132f. Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal de Lavras, 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7994076. Acesso em: 10 mai. 2021.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018a.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Imprensa Popular, 2018b.

VIGOTSKI, L. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L. S. Sobre a análise pedológica do processo pedagógico. IN: PRESTES, Z. R. **Quando não é a mesma coisa**: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil: repercussões no campo educacional. 2010. 295 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9123>. Acesso em: 22 jul. 2020.

VIGOTSKI, L. S. Luria, A. R. Leontiev, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista com o monitor pré-manual

1. Nome:
2. Idade:
3. Curso e semestre matriculado:
4. Curso e disciplina em que é monitor:
5. Modalidade da Monitoria atual:
6. Quantidade de vezes que exerceu a monitoria: Em qual modalidade:
7. Como você define a monitoria?
8. O que se pretende com a monitoria? Ou seja, qual seu objetivo, sua finalidade?
9. Qual a função/competência do estudante monitor?
10. Qual a função/competência do docente orientador?
11. Você conhece o Regulamento do Programa de Monitoria do IFMS?
12. Você conhece o Programa de Permanência e Êxito dos estudantes do IFMS ou já ouviu falar sobre ele?
13. Qual é a relevância da monitoria para permanência e êxito dos estudantes na instituição?
14. Qual a contribuição da prática de monitoria para sua formação educacional ou para seu futuro profissional?
15. Em sua opinião, quais os motivos para o estudante participar do programa como monitor? Atribua valor de 1 a 5 aos itens abaixo utilizando a seguinte classificação: (1) Discordo totalmente; (2) Discordo parcialmente; (3) Não concordo nem discordo; (4) Concordo parcialmente; (5) concordo totalmente.
 - a) Interesse por atividades de ensino e aprendizagem:
 - b) Necessidade de auxílio financeiro (Bolsa):
 - c) Pretende ser docente:
 - d) Desejo de compartilhar conhecimentos que gosta ou possui afinidade:
 - e) Para melhorar o desenvolvimento pessoal (ter mais confiança, autonomia, conhecimento)
 - f) Para melhorar o currículo escolar:
 - g) Outros (quais):
16. Há contribuição para aprendizagem dos estudantes? Como você percebe isso?
17. Os estudantes são encaminhados para monitoria pelo docente orientador?
18. Durante e no final do semestre há um *feedback* entre monitor e docente orientador?
19. Você tem ou teve alguma dificuldade na monitoria? Qual foi/é sua maior dificuldade na monitoria?
20. Existe algum apoio técnico ou treinamento que explique a dinâmica da monitoria? Foi disponibilizado algum tipo de material instrucional que o ajudasse a entender melhor a monitoria, suas finalidades, atividades e documentos?
21. Você poderia descrever quais atividades são desenvolvidas na Monitoria?
22. A maior procura pelo auxílio dos monitores é para quais atividades?

23. Há plano de atividades a ser desenvolvido nas atividades? Se sim, foi elaborado por quem?
24. O professor orientador direciona e orienta as atividades de monitoria? Se sim, como?
25. Há encontros/orientações? Se sim, são semanais, mensais, quando há necessidade ou não há?
26. Ao desenvolver as atividades, como monitor, você segue ou já seguiu exemplo de algum(ns) professor(a)?
27. Quando o estudante procura o auxílio da monitoria, você procurar atuar somente sobre a necessidade dele, ou procurar verificar o que ele sabe sobre aquele assunto para poder ajudá-lo a encontrar a solução?
28. Como você obteve conhecimento para participar do Programa de Monitoria?
29. Você recomendaria para outros colegas buscarem experiência com a Monitoria? Por quê?
30. Como você avalia a sua participação nas atividades da monitoria?
() Excelente () Ótimo () Bom () Regular () Ruim
31. Como você avalia o Programa de Monitoria?
() Excelente () Ótimo () Bom () Regular () Ruim
32. Em relação à divulgação do Programa de Monitoria, você considera que a informação (editais, a utilidade da monitoria e a disponibilidade de monitores) está chegando ao público-alvo, ou precisa ser melhorado?
33. Os estudantes procuram muito a monitoria para receber auxílio ou a procura é pequena se levar em consideração a quantidade de estudantes da turma com dificuldades na disciplina ou índice de reprovação/ desistência. Como é frequência dos estudantes, vão toda semana, uma vez, duas ou somente em véspera de provas/trabalhos/ou outra situação?
34. Como estudante você utiliza ou já utilizou o auxílio de monitores?
35. Sente falta de algo na monitoria, ou algo você acredita que poderia ser melhorado, ou mesmo se tem alguma sugestão que possa contribuir com o Programa de Monitoria?
36. Há mais algum ponto que você queira expor e não foi contemplado nas perguntas que fizemos

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com o docente orientador pré-manual

1. Nome.
 2. Curso e disciplina que atua como docente orientador:
 3. Atuou como professor-orientador outras vezes? Se sim, na mesma disciplina ou em diferentes disciplinas?
 4. Foi monitor quando era estudante?
- Se sim:
- a) Em qual nível/modalidade? () Ensino Médio () Ensino Médio Integrado () Ensino Técnico () Ensino Superior () outros_____
 - b) Qual disciplina?
 - c) Ser monitor teve alguma influência na escolha de sua profissão?
5. Como você obteve conhecimento para participar do Programa de Monitoria?
 6. Você conhece o Regulamento do Programa de Monitoria do IFMS?
 7. Como você define a Monitoria?
 8. Qual o papel do Programa de Monitoria para o Programa de Permanência e êxito dos estudantes do IFMS?
 9. Qual a função/competência do Monitor?
 10. Qual a função/competência do docente orientador?
 11. Por quais motivos o docente (no caso você) poderia interessar-se em ser professor-orientador do monitor?
 12. Você recomenda para outros colegas buscarem experiência com o Programa de Monitoria? Por quê?
 13. Quais as vantagens para os estudantes, aquele que precisa de ajuda e o monitor, em participar do programa?
 14. Quais atividades são desenvolvidas na Monitoria?
 15. Há contribuição para aprendizagem dos estudantes, tanto para o estudante que busca o auxílio da monitoria, como para o monitor? Como você observa isso?
 16. Você tem ou teve alguma dificuldade com a monitoria? Qual foi/é sua maior dificuldade na monitoria?
 17. Como docente orientador você direciona e orienta as atividades de monitoria?
 18. Os estudantes são encaminhados para monitoria por você?
 19. Durante e no final do semestre há *feedback* entre monitor e docente orientador?
 20. Para a formação do estudante monitor como o professor orientador pode contribuir?
 21. Como você avalia o Programa de Monitoria?
() Excelente () Ótimo () Bom () Regular () Ruim
 22. Em relação à divulgação do Programa de Monitoria, você considera que é?
() Excelente () Ótimo () Bom () Regular () Ruim
 23. O que poderia ser melhorado no Programa de Monitoria?

24. Você tem alguma sugestão que possa contribuir com o Programa de Monitoria?
25. Há mais algum ponto que você queira expor e não foi contemplado nas perguntas que fizemos?

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista com o monitor pós-manual

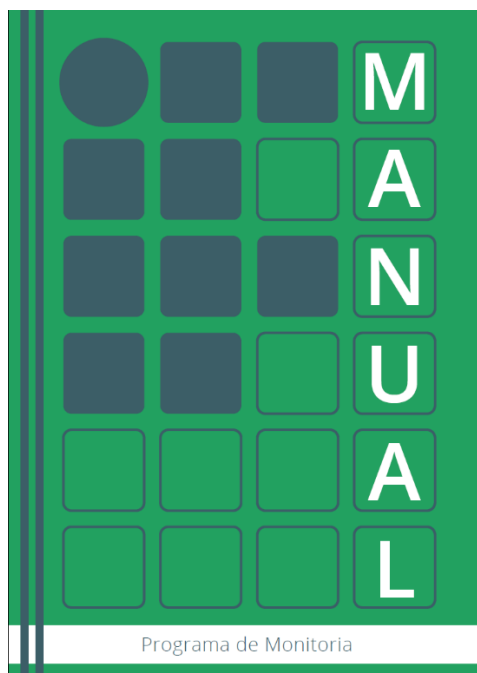
Nome:

1. Após ter contato como o manual você acrescentaria algo na sua definição ou no seu entendimento anterior sobre a monitoria?
2. Em relação à função/competência do estudante Monitor, você destacaria algo que não tinha conhecimento antes do manual ou mesmo que despertou sua atenção após o contato com o manual?
3. Em relação à função/competência do professor orientador, você destacaria algo que não tinha conhecimento antes do manual ou mesmo que despertou sua atenção após o contato com o manual?
4. Qual é a relevância/importância da monitoria para a permanência e o êxito dos estudantes na instituição a partir da leitura do manual?
5. Tornou-se notório que a prática da monitoria poderá contribuir para sua formação educacional ou para seu futuro profissional, a partir da leitura do manual?
6. Após o contato com manual, na sua opinião, os motivos ou benefícios para o estudante participar do programa como monitor ficaram mais evidentes ou chamaram sua atenção? Atribua valor de 1 a 3 aos itens abaixo utilizando a seguinte classificação: (1) Discordo (2) Não concordo nem discordo; (3) Concordo.
 - a) Possibilidade de envolver-se em atividades de ensino e aprendizagem:
 - b) Possibilidade de auxílio financeiro (Bolsa):
 - c) Possibilidade de uma formação docente:
 - d) Possibilidade de compartilhar conhecimentos que gosta ou tem afinidade:
 - e) Possibilidade de Atividade extracurricular:
 - f) Possibilidade de desenvolvimento pessoal (como confiança, autonomia, vivenciar novas relações interpessoais e novos conhecimentos)
7. Na sua opinião, como ficou o Regulamento do Programa de Monitoria do IFMS na adaptação realizada no manual?
8. O manual contribuiu ou pode contribuir para o desenvolvimento das suas atividades de monitoria ou de futuros monitores? Cite exemplos?
9. Você avalia que esse manual é um instrumento que ajuda a entender melhor o Programa de Monitoria (finalidade, atividades e documentos)? Por quê?
10. Quais as principais contribuições que você encontrou neste Produto Educacional (manual)?
11. Encontrou dificuldades neste Produto Educacional (manual)? Se sim, pode citar as principais dificuldades que você encontrou?
12. Sente falta de algo no manual, ou algo que você acredita que poderia ser melhorado, ou tem alguma sugestão que possa contribuir para melhoria do manual?
13. Você recomendaria esse manual para outros colegas? Por quê?
14. Há mais algum ponto que você queira expor e não foi contemplado nas perguntas que fizemos?

APÊNDICE D – Roteiro de entrevista com o docente orientador pós-manual

Nome:

1. Após ter contato com o manual você acrescentaria algo na sua definição ou no seu entendimento anterior sobre a monitoria?
2. Em relação à função/competência do estudante monitor, você destacaria algo que não tinha conhecimento antes do manual ou mesmo que despertou sua atenção após o contato com o manual?
3. Em relação à função/competência do professor orientador, você destacaria algo que não tinha conhecimento antes do manual ou mesmo que despertou sua atenção após o contato com o manual?
4. A importância/relevância da monitoria para a permanência e o êxito dos estudantes foi uma das nossas preocupações, na sua opinião a partir da leitura do manual, conseguimos chamar a atenção para esse tópico?
5. Tornou-se notório que a prática da monitoria poderá contribuir para formação educacional ou para o futuro profissional do estudante monitor, a partir da leitura do manual?
6. Após o contato com manual, em sua opinião, os motivos ou benefícios para o estudante participar do programa como monitor tornaram-se mais evidentes? Atribua valor de 1 a 3 aos itens abaixo utilizando a seguinte classificação: (1) Discordo (2) Não concordo nem discordo; (3) Concordo.
 - a) Possibilidade de envolver-se em atividades de ensino e aprendizagem:
 - b) Possibilidade de auxílio financeiro (Bolsa):
 - c) Possibilidade de uma formação docente:
 - d) Possibilidade de compartilhar conhecimentos que gosta ou tem afinidade:
 - e) Possibilidade de atividade extracurricular:
 - f) Possibilidade de desenvolvimento pessoal (como confiança, autonomia, vivenciar novas relações interpessoais, e novos conhecimentos):
7. Na sua opinião, como ficou o Regulamento do Programa de Monitoria do IFMS na adaptação realizada no manual?
8. O manual contribuiu ou pode contribuir para o desenvolvimento das atividades de monitoria? Cite exemplos?
9. Quais as principais contribuições que você encontrou neste Produto Educacional (manual)?
10. Encontrou dificuldades neste Produto Educacional (manual)? Se sim, pode citar as principais dificuldades que você encontrou?
11. Sente falta de algo no manual, ou algo que você acredita que poderia ser melhorado, ou tem alguma sugestão que possa contribuir para melhoria do manual?
12. Você avalia que esse manual é um instrumento que ajuda a entender melhor o programa de monitoria (finalidade, objetivo, sua importância como instrumento de permanência e êxito, atividades e documentos)? Por quê?
13. Você recomendaria esse manual para outros colegas professores e para os estudantes? Por quê?
14. Há mais algum ponto que você queira expor e não foi contemplado nas perguntas que fizemos?

APÊNDICE E – Acesso ao Produto Educacional

Link (Plataforma Educapes): <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/704824>



Link (Issuu): https://issuu.com/mizj/docs/manual_ifms

